

Elda Evelina Vieira

Aprender com o

Mestre

Sobre o Amor

Vol. III

Observatório do Texto
Brasília-DF
2023

Aprender com o Mestre - Sobre o Amor, Vol. III ©Elda Evelina

Copyright ©Observatório do Texto, 2023

*Estão resguardados todos os direitos desta publicação que
poderá ser reproduzida por qualquer meio, desde que citado
o nome do autor.*

Impressão e acabamento:

Art Letras

artletras@gmail.com

Capa: Elda Evelina

elda@eldaevelina.com

Edição e revisão: Observatório do Texto
observatoriodotexto@gmail.com

VIEIRA, Elda Evelina

Aprender com o Mestre – Sobre o Amor, Vol. III

Brasília: Observatório do Texto, 2023

144 p.

1.Religioso 2.Palestras 3.Mensagens 4.Reflexões 5.Cristianismo
6.Espiritismo

ISBN 000-00-00000-00-0

Composto e impresso no Brasil

Printed in Brazil

-

Pedir algo a Deus não deverá ser somente deixar em Suas mãos.

É mantermos o sentimento de Amor.

Carinho, no imo de nosso Ser, em favor daqueles que queremos ajudar.

Estarmos em conexão com a energia do Pai, com a Alma e o Coração.

Do livro *Breves Reflexões*, Eida Evelina

Índice

Agradecer	7
Amor onipotente	15
Caminha alegremente	19
Capas	23
Caridade e riqueza	29
Caridade e raciocínio	33
Comer e beber	45
Trabalho e aprendizado	51
Curiosa experiência	55
Dever	59
Divinos dons	63
Em honra da liberdade	67
Opiniões	71
Em ti mesmo.....	75
Escritores	82
Lavar os pés	87
Na senda do Cristo	91
Nos dons do Cristo.....	97
Opiniões	103
Parentela	107
Parábola do Semeador	111
Podereis ocultos	117
Por que dormis?	121
Prece e obsessão	125
Simplicidade e pureza de coração.....	133
Socorramos	139
Somos Seres em evolução	145
Tempo de confiança	151
Viver pela fé	155

A Alma após a morte	161
Mediunidade e saúde.....	173
Convite ao Evangelho	177
Culto cristão no lar	183
Terapia do perdão	187
Aparências	193
A videira	199
Mediunidade	203
Por Cristo	207
Que buscais?	211
Coração puro	215
Somos Seres em evolução	223
A videira	229
Mediunidade	233
Por Cristo	237
Momento de transição e mudanças	247
Vida e afeto	257
Que buscais	265
Em honra da Liberdade	269

Agradecer

Agradecer é uma maneira de nos expressarmos quando uma oportunidade ou algo nos é oferecido.

Este Estudo tem como objetivo oferecer-nos um olhar a respeito desse tema. Trazer uma visão mais profunda sobre o sentimento Gratidão e seu significado, apresentando um foco diferente daquele que nos é familiar. ⁽¹⁾

Diz-nos Joanna de Ângelis, em seu livro Psicologia da Gratidão, que este sentimento deve ser vivenciado em todos os momentos de nossas vidas, mantendo-o como roteiro para elevação dos valores morais e emocionais. É fundamental para a manutenção da saúde integral dos seres humanos.

A Gratidão precede o Agradecer.

De uma forma geral, o sentimento de gratidão leva-nos à necessidade de retribuição. Fazer-se credor de um bem e necessitar retribuir. É impulso imediato do nosso ser, pois que nos sentimos devendo a outrem por termos sido agraciados com algo.

Podemos interpretar esse proceder como a manifestação do *ego* ainda muito presente em nós.

Não obstante ser o reconhecimento no nosso íntimo, salutar e importante, ainda é uma expressão da necessidade de oferecer algo em troca, um presente que não pode ser recebido sem haver compensação para aquele que o oferece.

É a preservação de emoções retributivas – não podemos ficar “devendo” ao outro. Uma expressão da oferta que não pode ficar a dever.

Este tipo de comportamento representa a permanência, ainda em nós, da imaturidade emocional.

Joanna de Ângelis sugere expressarmo-nos *“com um sorriso ou uma palavra, com uma expressão facial em silêncio ou numa canção oracional, com o bem que esparze, é sempre feliz, vivendo pleno”*.

O significado da gratidão

Na sua origem, gratidão significa graça, agradável. Podemos interpretar assim: sentir-se de forma agradável por tudo o que se recebe ou nos é concedido.

Joanna de Ângelis enfatiza que o conhecer e perceber a importância da gratidão na vida de um Ser impulsiona-o a emoções nobres, vivenciando o grato sentimento de uma plenitude espiritual.

Ao longo de nossas vidas, desde a fecundação, somos agraciados com “favores” proporcionados pela Natureza, sem que tenhamos de fazer algo para recebê-los. Isso nos impulsiona a crer não ser necessária uma ação de nossa parte para merecê-los.

Na medida em que a vida nos impulsiona a um sentimento mais nobre, abrindo porta ao amor, ainda que incipiente, este começa a se expressar na forma de bondade, de gentileza para com as outras pessoas, outros seres. É o despertar para o sentimento de gratidão - *o agradecer*.

Ainda que o impulso de retribuir ter valor inestimável para nossa evolução, é o iniciar do processo de despertar para a verdadeira gratidão que virá a ser a emoção espontânea do *agradecer* a tudo e a todos pelo que nos ocorre no decorrer da vida, não só como Almas em corpos físicos, principalmente como Espíritos que somos, eternos. Virá a ser algo grandioso, percepção que a maioria de nós ainda não está preparada para compreender e alcançar seu significado.

Vale ainda lembrar as palavras de Joanna de Ângelis ⁽¹⁾:

“Claro está, portanto, que a gratidão, para ser legítima, exige que haja no íntimo da criatura esse encanto pela vida, o doce enlevo que a torna preciosa em qualquer condição que se manifeste, que se compreenda a magia do existir, percebendo-se as dádivas que se multiplicam em incontáveis expressões de intercâmbio.”

Bem como trazer esclarecimentos de Emmanuel sobre o tema: ⁽²⁾

“Na comunidade dos trabalhadores fiéis a Jesus, agradecer significa aplicar proveitosamente as dádivas recebidas, tanto ao próximo, quanto a si mesmo.

... é sentir a grandeza dos gestos, a luz dos benefícios, a generosidade da confiança e corresponder, espontaneamente, estendendo aos outros os tesouros da vida.”

Lembro aqui uma reflexão sobre um texto do teólogo, poeta e cronista Rubem Alves, no livro *Ostra feliz não faz pérolas*.

“Agradecer, em qualquer circunstância, seja pelo bem que se recebeu; pela oportunidade de se ter podido ser útil; pelo que ainda

não foi possível realizar, mas proporciona aprendizado; pelas falhas, pois que nos fazem refletir e buscar paciência, tolerância, compreensão.”

É a consciência da importância de toda e qualquer experiência em nossas vidas. Expor-se à vivência da jornada terrena com humildade.

A vida e a gratidão

Há uma história interessante que Joanna de Ângelis conta em seu livro “Psicologia da Gratidão”:

“Um elefante em um circo, começou a ter atitudes agressivas, colocando em risco a vida de seu tratador. Viera a ser condenado a morrer, decidindo-se por ocorrer frente ao público, buscando-se maior número de espectadores.

No dia, alguém se apresentou e dispôs-se a entrar na jaula e tentar acalmar o elefante. Cuidou-se então das questões legais que levariam à isenção de responsabilidade por parte dos representantes do circo e o homem foi levado à jaula para o encontro com o elefante. Tal visitante começou a falar baixinho, palavras não reconhecíveis pelas outras pessoas, soando em tom melódico. O animal foi-se acalmando, deixou de se balançar e seus olhos retomaram a expressão habitual. O visitante saiu calmamente da jaula e explicou:

- Ele estava apenas com saudades do hindustani, o idioma no qual foi amestrado após nascer. Tratando-se de um elefante hindu, ele estava com saudade da sua terra, da língua materna, e acalmou-se, tendo sua paz restituída.

Tal visitante foi reconhecido, depois, pelo proprietário do circo. Era conhecido como o inesquecível amigo dos animais e escrevera inúmeras histórias sobre eles, traduzidas em muitos idiomas. Ele mostrara-se agradecido ao animal saudoso e devolveu-lhe a vida. O elefante mostrou-se agradecido ao ouvir a música no idioma a que estava acostumado e expressou sua gratidão, recuperando a calma.”

A consciência da gratidão

No nível ainda do não entendimento das razões de estarmos vivenciando uma experiência de dificuldades, de desentendimentos, condições insalubres, estes, aparentemente, são só obstáculos a

serem transpostos e na maior parte das vezes à custa de dores e sofrimentos.

No entanto, quando começamos a perceber o quanto temos a nosso favor nessa jornada terrena, como também a tomar consciência do quanto temos de oportunidades que nos trazem alegrias, bem-estar, realizações nobres; passamos a identificar experiências pelas quais deveremos ser gratos. Sejam pequenas ou mesmo grandes coisas.

A própria vida física é algo pelo qual devemos ser profundamente gratos. Oportunidade de vivenciar aprendizados, conhecimentos que nos levam a melhor refletir sobre nós mesmos, nosso processo evolutivo. Propicia a nós buscar virtudes que virão a fazer brilhar a nossa verdadeira essência, o nosso Eu verdadeiro, o Espírito.

O corpo físico que vem a sofrer as ações das intempéries, desgasta-se ao longo da jornada terrena, desgastes estes inerentes a qualquer matéria física, efêmera, impermanente. Este corpo é só um instrumento de que nos valemos para sedimentar aprendizados, experienciar valores adquiridos, exercitar provas.

Sejamos gratos por tê-lo conosco, abrigando-nos temporariamente, a nós Espíritos, para que venhamos a galgar novos páramos em direção à luz.

Agradecer por tudo o que proporciona a nós oportunidades de elevação moral. Mesmo que por vezes venhamos a nos perder pelo caminho, novas oportunidades surgem, novas frentes de vivências e despertares.

Sejamos gratos, pois podemos recomeçar ou até mesmo retomarmos de algum ponto do nosso processo evolutivo, algo ou alguém toca a nossa sensibilidade e nos faz despertar e abrir nossos olhos para novos horizontes.

Sejamos gratos por nos percebermos não mais um ser individualista e sim um Ser que é plural. É quando cada um de nós não mais se percebe como Eu... percebe-se em todos os seres. É quando vê um mundo em que estamos juntos, aprendendo juntos, alegrando-nos juntos e só sendo felizes se o formos todos nós.

Muitas vezes nós encaramos nossas dificuldades – físicas, emocionais, financeiras – como fatores negativos em nossas vidas. Acreditamos até, por vezes, que estamos sendo penalizados por nossa maneira de pensar e de agir.

Experimentarmos o sentimento Gratidão por tudo o que nos ocorre, sejam as experiências agradáveis, sejam aquelas que nos trazem limitações, dores, inquietações. Requer que tenhamos apreendido os ensinamentos do Mestre em sua amplitude.

Saber as razões pelas quais estejamos vivenciando tais experiências e as implicações de nossos comportamentos.

Na verdade, em essência é termos consciência da grandeza do Amor, a excelência da Sabedoria, a profundidade da Misericórdia Divina.

Tudo o que a vida nos apresenta é para o nosso aprendizado e evolução espiritual. Nada está por conta do acaso, tudo faz parte de um grande projeto que tem, como finalidade, o alcançarmos a condição de Espíritos Puros. São nossas provas para sedimentar nossos aprendizados, pelo tempo que nos for necessário para esse fim.

Aprendermos mais sobre o Evangelho do Cristo, buscarmos o contato com a nossa consciência, onde estão inscritas as Leis de Deus e exercitarmos os ensinamentos em nossas vidas.

Diante de tudo isso... estaremos prontos acolhendo o verdadeiro conceito de Gratidão em nosso Ser.

Saibamos o exercer o *Agradecer* sendo instrumentos de amor, de generosidade.

Agradecer não é Retribuir e sim Compartilhar.

Poema Obrigada, Senhor ⁽⁴⁾ (Anexo)

(1) Psicologia da gratidão, Joanna de Ângelis, por Divaldo Franco

(2) Pão Nosso – Capítulo Agradecer, Emmanuel, por Chico Xavier

Obrigada, Senhor ⁽⁵⁾

Obrigada Senhor

Pelo sol que me aquece

Pela luz que ilumina os meus sonhos

Pelo mar que dá beleza ao horizonte

Pelo lar que me acolhe

Pelo amor que me envolve

Pelos amigos que me amam

Por aqueles que me ensinam

Por aqueles a quem posso ajudar

Por todos que posso amar

Agradeço pela vida

Pela oportunidade de existir

Pela possibilidade de sentir

E de me emocionar

Ao ver uma criança

Ao olhar um sorriso aberto e sincero

Ao receber um abraço fraterno

Ao sentir um beijo materno

Ao acolher um filho nos braços

Ao enxugar uma lágrima com os lábios

Ao perceber e reconhecer

A importância de viver

E poder exercitar todo o amor que Deus me oferece a cada momento,
por toda a eternidade

Agradeço, Senhor, pela vida que existe em mim.

Amor onipotente

A mensagem faz referência ao amor de Deus por todos nós.

Muitos de nós, seus filhos amados, procuramos entender, como também idealizar, como se apresenta o Pai. Alguns procuram fazer até mesmo registro em telas, em papéis, outros se restringem a idealizá-lo em suas mentes.

Emmanuel alerta-nos a não personalizar ou definir. Basta que tenhamos a palavra do Mestre revelando como sendo nosso Pai.

Ele, o mentor de Chico Xavier, identifica algumas situações em que nos venhamos encontrar durante nossa jornada, para registrar como possamos vir a agir ou reagir. Alerta-nos sobre como podemos despertar das atribuições e vir a vencer batalha instalada em momentos intensos e difíceis, podendo sair vitoriosos. Mais do que sairmos vitoriosos quanto às experiências, também agregamos aprendizados importantes para experiências porvindouras.

Sentindo-nos abandonados, sem energia para vencer, muitos nos julgam sem condições para enfrentar envoltórios que poderiam nos levar ao descontrole ou alienação. Eis que somos envolvidos por energias a refazerem nossas forças, estimulando o que há de nobre em nós e ao viver.

Momentos em que nos sentimos cansados, prostrados foi o termo utilizado por Emmanuel, companheiros de jornada poderiam vir a acreditar que não conseguiríamos manter-nos firmes. No entanto, nós nos apresentaríamos fortes e esperançosos. Uma energia vibrante a nos envolver propicia que sigamos em frente.

Situações em que outros nos percebem sem norte, como que perdidos. Companheiros de jornada a nos alijarem de seus contextos sociais. Surge em nós um ânimo inesperado a nos mobilizar ao encontro de pessoas que nos demonstram afeto e reconhecem nossos valores.

Seja qual for o momento em que venhamos nos encontrar, se nos mantivermos conectados ao envolvimento que se faz sempre presente em nossas vidas, sairemos vitoriosos, com energias renovadas, com o lenitivo da esperança que nos impele a um viver sadio, com energia criadora para novos caminhos e abençoados momentos.

Deus é amor. Encontramos em Jo 4:16: *“E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele.”*

Esta passagem do Evangelho de João leva-nos a idealizar a presença de nós em Deus, e não como muitos creem ou imaginam, um Ser externo a nós, distante, pelo que precisamos dispendir energias para que consigamos que Ele perceba nossa presença.

Em crendo no amor de Deus, sentindo amor em nossos corações, agindo como seres verdadeiramente amorosos, estaremos em Deus. Estando em Deus, também Ele estará em nós.

É testemunho de que sempre haverá uma relação contínua e estreita entre nós e o Pai.

Este sentimento promoverá o reconhecimento incontestável do inter-relacionamento entre nós e Deus. Estamos sempre em contato com Ele, como também Ele conosco. Assim, tendo o amor como centro de nossas emoções mais sagradas, nós estaremos integrados à presença do Pai.

Caminha alegremente

Este Estudo, remete a reflexões sobre vários sentimentos que guardamos em nós: mágoas, amargura, superação, infelicidade, recordações e perdão. Este último como resultado de reflexões, conscientização, compreensão, aprendizado.

O caminhar alegremente por certo estará como consequência do bem-estar da consciência tranquila e da paz interior que advém do perdão.

Deveremos nos libertar das amarras das lembranças que tornam amargas nossas emoções e atitudes. Não só desencadeiam sentimentos que trazem sombras para nossa vida, como também impedem que busquemos a luz.

Antes de precisarmos nos libertar das emoções como a mágoa e assemelhadas, faz-se necessário que aprendamos não absorver para nosso íntimo o que possa vir a nos desequilibrar.

Mantermo-nos em paz, com equilíbrio e consciência quanto a como lidar com as intempéries, seja por fatos ocorridos, experiências desgastantes, relacionamentos desajustados, convívios nada interessantes.

Tudo o que ocorre à nossa volta de alguma forma interfere com nossas vidas. O que resulta, no nosso caminhar, depende de como nós acolhemos as experiências vividas.

Essas experiências deverão ser sempre instrumentos de aprendizado e oportunidades de evolução. Tenham sua origem no convívio social, familiar, ou simplesmente uma informação que nos venha por noticiário.

Estarmos atentos à maneira como nossa mente e o nosso corpo lidam com essas oportunidades.

A mente, em vibrações inconsequentes, pode ser comparada com uma usina produzindo energias deletérias e, por isso, desencadeando resultados que, além de prejudicar o corpo que a abriga, também partilha com todos - pessoas e ambientes - as energias decorrentes da desatenção e desequilíbrio.

Há muitas maneiras de expressar o que percebemos e visualizamos ao nosso redor. Podemos buscar sentido no que vemos, a partir de experiências anteriores, ainda que de forma inconsciente.

Podemos não só sentir, mas também expressar em palavras, as emoções que nos ocorrem.

Podemos criar formas e dar-lhes movimento. Ou podemos, simplesmente, sentir a emoção do que nos ocorre ao vivenciar aquele momento.

O ter consciência de precisarmos ser gratos por toda e qualquer experiência. Mais ainda, internalizarmos esse sentimento de gratidão por tudo o que nos ocorre é a própria expressão de já estarmos galgando novos caminhos em direção à plenitude espiritual, ainda que sejam os primeiros passos.

A cada novo dia renova-se a esperança.

Ter esperança é ter fé de que nosso caminhar será mais seguro e novos caminhos irão surgir em nossas vidas.

A esperança e a fé são resultado da permanência de Deus em nós. Sintamos então que Ele está a conduzir nossos passos com amor e sabedoria. Ele sabe o que é melhor para nossas vidas.

Apesar das dificuldades, devemos fazer de nossas vidas oportunidade para sermos felizes.

Precisamos mudar a nossa disposição pela vida. Muitas vezes ouvimos pessoas dizerem que precisamos sofrer para evoluir, para crescer espiritualmente.

Na realidade, o que precisamos é de oportunidades de aprendizado e, normalmente, essas oportunidades vêm acompanhadas de dificuldades, porque muitas vezes ainda não conseguimos aprender sem ter de enfrentá-las.

No entanto, precisar sofrer é outra coisa. Não precisamos sofrer. Precisamos sim compreender que qualquer que seja a dificuldade ou a dor, ela é o nosso instrumento de aprendizado e crescimento espiritual.

Há grande esperança na reformulação dos nossos conceitos e valores.

Todos estamos em processo de crescimento espiritual e, em algum momento, iremos acordar para o que realmente importa em nossas vidas – reencontrar o Ser puro que existe em nós, a luz que brilha na Alma e agregar os ensinamentos maiores em nossas vidas.

Há sempre motivos para acreditar.

Há momentos em que precisamos tomar a confiança e a fé como instrumentos indispensáveis para seguirmos em frente nas experiências que a vida disponibiliza para aprendermos a ser fortes.

É sobre a força espiritual. Aquela luz interior que deve brilhar todo o tempo, deixando nossos caminhos claros e nítidos para que possamos caminhar com segurança.

Elevar o olhar ao Pai e acolher desse contato energias para seguir sempre em frente com vitalidade e segurança.

“Colorir caminhos ⁽¹⁾

Sigo pela vida

A colorir caminhos.

São sentimentos que expresso,

Palavras que escrevo ou canto.

Ao colorir caminhos,

Não só tento espalhar alegria e aconchego...

Busco fazer desabrochar,

Do meu coração,

Sentimentos que façam brilhar meus olhos.

E, ao perceberem o meu olhar,

Sejam contagiados pelas emoções

Que trago em mim,

Sejam de alegria,

Esperança,

Confiança

E Fé.”

⁽¹⁾ Reflexões da Alma IV

Capas

Este tema tem como referência o Capítulo dez do Evangelho de Marcos.

Interessante que façamos uma reflexão sobre todo o texto do evangelista, pois que a passagem do Evangelho traz importante conteúdo para o que nos é oferecido por Emmanuel, visando o Estudo que se segue.

Inicialmente seria interessante procurarmos entender o que significaria o termo “Capa”. Poderíamos encontrar várias interpretações. Desde o entendimento a partir do significado oferecido por Dicionários da Língua Portuguesa:

– “Espécie de casaco sem mangas; Cobertura de papel para livro ou caderno.” ⁽¹⁾

– “Cobertura, revestimento, indumento.” ⁽²⁾

– “Máscara, fantasia” ⁽³⁾

A parte do texto de Marcos, a que se refere Emmanuel, está na parte final do Capítulo. São 52 versículos e é no versículo 50 que está a passagem tema do nosso Estudo.

Foram abordados os tema adultério e divórcio na parte inicial do Capítulo.

A seguir, foi a passagem em que algumas pessoas trouxeram algumas crianças para que tocassem no Mestre. Os discípulos repreenderam aqueles que lhes traziam as crianças.

Jesus indignou-se com a atitude dos discípulos e disse que lhe trouxessem as crianças, pois que o Reino de Deus é desses pequeninos.

Acrescenta Jesus: “Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como menino, de maneira nenhuma entrará nele. E tomando-os nos seus braços, e impondo-lhes as mãos, os abençoou.” (Mc 10:15 e 16)

Seguindo esse contexto, chegou até o Mestre um homem que a ele pergunta: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

Jesus então lhe diz que *“Ninguém é bom senão um, que é Deus.”* (Mc 10:18)

A este homem diz o Mestre: “Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; não defraudarás alguém; honra a teu pai e a tua mãe.”

Afirma o homem que havia guardados esses Mandamentos desde a mocidade.

Neste momento o evangelista Marcos narra que: “*E Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: “Falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, toma a cruz, e segue-me.”*”

Nesse momento o homem entristeceu-se, pois tinha muitas propriedades.

Jesus então disse aos discípulos: “*Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!*” (Mc 10:23)

Em determinado momento, Jesus falou-lhes do que lhe adviria a partir daquele momento.

Aproximando-se do Mestre, Tiago e João, filhos de Zebedeu, pediram-lhe que ficassem, um à direita e outro à esquerda de Jesus.

Jesus respondeu-lhes: “qualquer que dentre vós quiser ser grande, será vosso serviçal; E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos. Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mc 10:45)

Foram para Jericó e saíram desta cidade com os discípulos e uma multidão.

No caminho, estava Bartimeu, cego, filho de Timeu, mendigando junto do caminho.

Este ouvindo que era Jesus de Nazaré que ali se encontrava, começou a clamar: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim.” Nesse momento fora este repreendido por muitos, mas Bartimeu clamava ainda mais, pedindo misericórdia.

Jesus pediu então que chamassem o cego. Assim se fez e disseram a Bartimeu: “Tem bom ânimo; levanta-te, que Ele te chama.”

Nesse momento vem a passagem que deu origem ao texto de Emmanuel: “*ele, lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus.*” (Mc 10:50.)

Jesus pergunta-lhe então o que queria que se lhe fizesse. Bartimeu responde: “*Mestre, que eu tenha vista.*”

O Mestre então lhe disse: “*Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.*” (Mc 52)

Diante de todas essas afirmativas do Mestre quanto ao Reino de Deus, podemos tecer algumas reflexões.

O tema oferecido por Emmanuel – Capas – e as passagens da narrativa oferecida pelo evangelista Marcos, oferecem-nos oportunidades para interessantes reflexões.

Tomando primeiro a interpretação da palavra *Capas*, como nos oferecem os dicionários mencionados, podemos interpretar tanto como uma simples capa (indumentária). No entanto, não faz muito sentido Emmanuel ter acolhido esta palavra sem que lhe destinasse uma interpretação mais significativa no contexto em que se insere.

Ao ler o texto com cuidado mais acurado, detive-me em uma das sugestões do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa – Máscara. Buscando um pouco mais de recursos para interpretação, encontrei uma leitura sobre o termo sob a forma de Máscara emocional:

– Espécie de disfarce criado como uma forma de proteção. Distorção da personalidade para ser mais aceito, para não demonstrar a dor que está sentindo ou, simplesmente, para conseguir se adaptar e sobreviver ao ambiente no qual se está inserido.” ⁽⁴⁾

– “... alguns indivíduos se escondem atrás de personas criadas para se protegerem da potencial dor que o envolvimento com os demais pode acarretar, enquanto outras estão apenas tentando conquistar aquilo que é de seu interesse.” ⁽⁴⁾

Tendo então o entendimento acima oferecido pela área da psicologia, podemos entender a intenção de Emmanuel no contexto de seu texto:

“As pessoas humanas exibem no mundo as capas mais diversas. Existem mantos de reis e de mendigos. Há muitos amigos do crime que dão preferência a “capas de santos”. Raros os que não colam ao rosto a máscara da própria conveniência. Alega-se que a luta humana permanece repleta de requisições variadas, que é imprescindível atender à movimentação do século; entretanto, se alguém deseja sinceramente a aproximação de Jesus, para a recepção de benefícios duradouros, lance fora de si a capa do

“mundo transitório e apresente-se ao Senhor, tal qual é, sem a ruínosa preocupação de manter a pretensa intangibilidade dos títulos efêmeros, sejam os da fortuna material ou os da exagerada noção de sofrimento. A manutenção de falsas aparências, diante do Cristo ou de seus mensageiros, complica a situação de quem necessita. Nada peças ao Senhor com exigências ou alegações descabidas.”

Assim somos muitos de nós. Apresentamo-nos nem sempre como o Ser verdadeiro que existe em nós. Por vezes escolhemos “personalidades” para nos apresentarmos na sociedade, no meio em que vivemos, identificados diferentemente do que realmente do que realmente somos.

No caso da passagem oferecida pelo evangelista Marcos e as reflexões de Emmanuel sobre o tema “Capas”, proporciona a nós a oportunidade de buscar em nossos momentos, sejam particulares ou sociais, o entendimento de como estamos lidando com o Ser que somos. Estamos sendo verdadeiros em nossa maneira de ser?

Termos o entendimento de que devemos ser como uma criança ainda pura de coração. Sermos verdadeiros, sem máscaras, sem vestimentas com que queiramos nos apresentar como privilegiados ou buscadores de privilégios.

Façamos como Bartimeu, despojarmo-nos da “capa” para nos apresentarmos ao Mestre, sermos puros de coração para podermos receber o Reino de Deus.

(1) www.lexico.pt/capa

(2) Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, Francisco Ferreira dos S. Azevedo)

(3) Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, Francisco Ferreira dos S. Azevedo)

(4) jrmcoaching.com.br – José Roberto Rodrigues

Caridade e riqueza

“Pois somos a feitura dele, criados em Jesus Cristo para boas obras.” – Paulo – (EFÉSIOS, 2:10)

Buscando refletir sobre o texto de Emmanuel, livro Palavras de Vida Eterna, Cap. 49 – Caridade e riqueza.

Tendo como ponto de início, para nossas reflexões, o próprio Emmanuel – “Se acreditas que apenas o ouro é base corrente da caridade, lembra-te de Jesus, que enriqueceu a terra sem possuir uma pedra onde repousar a cabeça” ⁽¹⁾

Muitos de nós têm a Caridade como uma ação de bondade expressa pelo compartilhamento de um bem material – comida, roupa, dinheiro. O que está disponível e palpável.

A roupa proporciona condições de abrigo ao corpo. Comida supre uma necessidade premente de sobrevivência. Dinheiro cobre, por alguns momentos, necessidades urgentes.

Podemos praticar a caridade de inúmeras maneiras.

Caridade é a fala do coração. É sermos sensibilizados por situações que nos remetem a cumprir uma ação beneficente.

Prestarmos atenção ao que ocorre ao nosso redor, ter uma visão ampla e atenta.

Sempre haverá uma oportunidade para prestarmos um socorro, oferecer uma palavra amiga. Por vezes, até mesmo um olhar de forma terna que venha a sensibilizar e acalmar um coração machucado, acalantar uma alma sofrida precisando de amparo e aconchego. Alguém que passa por nós e nem percebe a nossa intenção de compartilhar energias de fraternidade e carinho,

Alguns pensam que passar necessidades é não ter bens materiais, alimento para o corpo.

Outros, no entanto, começam a ter consciência de que ser caridoso é perceber as carências daqueles que podemos tocar e perceber com os cinco sentidos do nosso Ser.

A partir desse momento, os que alcançaram uma certa consciência do que seja caridade, sentirão uma força interior que os remeterá não simplesmente ao doar, também, e principalmente, ao doar-se. Estes perceberão que as necessidades mais prementes, pelas quais passa

a quase totalidade de humanidade, estão na carência do acolhimento fraterno, no aconchego de um abraço amigo, na valorização do ser como um bem maior, no reconhecimento de que, antes de estarmos aqui como uma Alma e exercício do aprendizado e buscando seu crescimento moral, somos um Espírito eterno que necessita do Amor como instrumento de sua profunda transformação.

Viver eternamente a pensar o quanto é maravilhoso estarmos servindo ao Pai de amor e luz.

Viver sempre juntos na busca do bem maior e da felicidade verdadeira. Estarmos bem com nós mesmos, com aqueles com quem vivemos e, por consequência, com Deus, nosso Pai, exercitando o Evangelho de nosso amado Mestre Jesus.

Não devemos nos iludir de estarmos seguindo os mandamentos, de estarmos agradando ao Pai, quando simplesmente agimos de bem com um aqui ou outro acolá.

Estarmos bem com o próximo é agir com amor vinte e quatro horas por dia. Com todos a fazerem parte do nosso círculo de relacionamento – parentes, amigos, companheiros de jornada, em qualquer plano em que estejam cumprindo suas etapas de estudo, aprendizado e busca pela evolução.

Será que é tão difícil? Poderíamos pensar não ser possível atingir tal patamar nessa esfera em que ainda estamos. Não, não é difícil se nós realmente nos comprometemos com a missão que aparentamos abraçar.

Fazer a vontade do Pai não poderá estar limitada a determinados momentos ou circunstâncias. Não poderá estar condicionada a determinados tipos de pessoas ou lugares entendidos apropriados.

Fazer a vontade do Pai, subtende comprometimento integral.

Respeito pelo próximo, nas mínimas coisas. Nas filas, no trânsito, em um olhar, em um sorriso, em um aperto de mão, no alimento oferecido em boas condições, no agasalho em bom estado que ainda atenderá às necessidades daquele que o receberá.

Oferecer não o que não mais nos interessa, mas o que possuímos e ainda poderá atender a outros em suas carências.

Sejamos firmes no propósito de sermos irmãos, de todos, com sinceridade e empenho.

Amar como Jesus nos amou a todos.

Amor em ação – Madre Tereza de Calcutá

“Se, às vezes, os nossos pobres morrem por privações, não quer dizer que Deus não cuidou deles, mas é que vocês e eu não lhes demos aquilo que deveríamos dar, não fomos para eles instrumentos de amor nas mãos de Deus, para oferecer-lhes pão, roupas etc. Não o reconhecemos, quando mais uma vez, Cristo veio a nós escondido sob as aparências de homem faminto, do homem solitário, da criança sem casa em busca de um refúgio.

Deus se identificou com os famintos, os doentes, os nus, os sem-teto. A fome não é somente fome de comida, mas também fome de amor, de cuidados, de significar algo para alguém.

A nudez não é só falta de roupa, mas necessidade daquela compaixão que tão poucos demonstram em relação aos desconhecidos.

A falta de um teto não é só a falta de um abrigo feito de pedras, mas não ter nada nem ninguém para poder considerar como seu.”

Madre Tereza em o livro 5 minutos com Deus e Madre Tereza, organizado por Roberta Bellinzaghi, Edição Paulinas

Que assim seja.

Muita paz em nossas vidas.

Caridade e raciocínio

Partindo de reflexões sobre o tema Caridade, podemos tomar as palavras de Paulo em sua primeira carta aos Coríntios, lembrando que a palavra Caridade também representa o sentimento maior: o Amor. No Espiritismo, temos o conceito de Caridade como sendo: Amor em Ação.

Bem, voltando à referência às palavras de Paulo em I Coríntios 13:

“1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

3 E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

(...)

11 Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

13 Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.”

Tomando a definição de Caridade como o sentimento maior por excelência – Amor –, há muitas considerações a serem expressas.

Muitas vezes assumimos ser caridosos quando estendemos nossas mãos (ainda que de forma simbólica) para auxiliar companheiros da jornada terrena. Em boa parte, oferecendo bens materiais que identificamos serem de extrema necessidade para que esses irmãos possam conduzir suas vidas com algum conforto e tranquilidade.

Nossos olhares se restringem ao que podemos identificar mais claramente, ao que nos saltam aos olhos quando nos defrontamos com uma realidade difícil e dolorida, no nosso cotidiano.

A nossa mente, em boa parte do tempo, ainda está sensibilizada ao que se mostra visível a *olho nu*.

Ainda é-nos difícil, de uma forma geral, olhar além do que nossos olhos identificam à volta. As aparências costumam definir a direção do sentimento e acolhemos estas, as aparências, como suficiente para tirarmos conclusões. Neste caso, frágeis, incompletas e inconclusivas... não atingem o que seria ideal para avaliarmos sobre como deveríamos nos conduzir em algumas circunstâncias.

O impulso que nos toma é: preciso separar o que não preciso mais e vou doar.

Nem sempre temos o cuidado de avaliar se o que estamos separando poderá ser útil realmente, ou se não seria um excesso para a pessoa que viria a receber a doação. Até mesmo se estaria em condições de ser usado. Será que não seria adequado fazermos uma avaliação preliminar e distribuir de forma consciente o que temos?

Certa vez, ouvi sobre um fato protagonizado por Francisco Cândido Xavier. Uma de muitas outras histórias que contam a respeito desse grande personagem, na jornada do Espiritismo no Brasil.

Um grupo, comandado pelo Chico, preparava-se para levar algumas doações – alimento entre outras coisas – a uma família que estava passando por grandes dificuldades.

Ao chegarem perto da casa onde iriam deixar os bens arrecadados, observaram grande movimento nas casas vizinhas. Chico, então, orientou seus companheiros a não entrarem pela porta da frente, deveriam dar a volta e seguirem para a porta de trás. Alguém, então, perguntou-lhe por qual razão não entrariam por ali, pois seria mais cômodo e fácil.

Chico então respondeu, com o seu jeito simples e direto: Os vizinhos não precisam saber que nossos amigos estão em dificuldades, devemos ser discretos para não constranger.

Por certo tendo como referência as palavras de Jesus (Mt 6:1-4)

“Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; (...)

*Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti,
(...)*

Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.”

Precisamos estar atentos quanto ao modo como procedemos ao querer sermos úteis a alguém ou apoiarmos alguma causa. Devemos ser discretos. Lembrando a história com Chico Xavier, o trabalhador incansável... termos o cuidado de não expor pessoas para não virmos a criar situações constrangedoras a quem queremos ajudar.

Normalmente, temos o costume de comentar quando fazemos algo em favor de alguém. No afã de querermos ajudar, nós poderemos criar situações que virão levar a problemas, até mesmo sérios, para a vida da pessoa. Acabamos por exceder os limites do aceitável, indo além do que deveríamos.

Por vezes, não percebemos que, ao divulgar nomes e contar histórias a respeito de alguém, poderemos estar tornando público fatos que a pessoa, em questão, só nos revelou em confiança e quer manter em particular.

Nesses casos, poderão estar presentes o orgulho e a vaidade, mesmo que vestidos em roupagem de uma ação aparentemente meritória de querer ajudar, resolver um problema para alguém.

Deveremos ser cuidadosos e estarmos atentos quando escolhemos realizar uma boa ação. Fazemos algumas reflexões como:

- quando uma pessoa me conta algo, ela quer ajuda ou simplesmente está expondo uma situação que ela mesma tem condições de resolver? Ou ainda, refletir se quer tão somente uma sugestão ou está efetivamente pedindo uma ajuda material, ou a buscar um ombro amigo em que se aconchegar.
- ao escolhermos ajudar, realizamos uma análise no sentido de saber como fazer isso?
- estamos procedendo além do razoável, tentando demonstrar, de uma forma ostensiva, que somos bons, indo além do necessário?

– nossa atitude em favor de outrem está baseada em sentimento de caridade, ou simplesmente oferecendo algo sem envolvimento fraternal, como que cumprindo uma obrigação ou desobrigando-nos de um encargo?

– em suma, estamos buscando efetivamente auxiliar, ou o comportamento está fundamentado mais precisamente no nosso orgulho ou vaidade?

Por vezes, questionamo-nos se devemos falar a respeito de algo que tenhamos feito em favor de alguém ou instituições, preocupados em sermos mal interpretados. Vale aqui refletir que nem sempre o informar alguém de uma ação de socorro e auxílio é vangloriar-se com soberba, com ostentação. Por vezes, estamos tão somente comentando um fato, até mesmo para buscar novos adeptos a um projeto que nos parece importante e ao qual demos nosso voto de confiança, e queremos intensificar essa ajuda.

Querer fazer o bem é estar pronto para o exercício da Caridade:

– para consigo mesmo, para com o próximo, para com todos os seres, a Natureza, o mundo em que vivemos. Estarmos conscientes de que todos somos um só, independente de estarmos vivenciando experiências em lugares distintos, em cidades diferentes, em outro país, não obstante estarmos no mesmo mundo, no mesmo Universo.

Há aqueles que já sentem, em si mesmos, algo que vai além do precisar e do oferecer aquilo que podemos tocar e perceber com os cinco sentidos do nosso ser.

A partir deste momento, os que alcançaram uma certa consciência do que seja caridade, sentirão uma força interior que os remeterá não simplesmente a doar, mas principalmente ao doar-se.

Estes perceberão que as necessidades mais prementes, pelas quais passa a quase totalidade da humanidade, estão na carência do acolhimento fraterno, no aconchego de um abraço amigo, na valorização do Ser como um bem maior, no reconhecimento de que, antes de estarmos aqui como uma Alma em exercício do aprendizado e buscando seu crescimento moral, somos um Espírito eterno que necessita de fazer contato com o amor, como instrumento de sua profunda transformação.

É louvável quando prestamos auxílio buscando deixar a impressão de sermos nós a estarmos gratos pela oportunidade que se apresentou para sermos úteis.

Um outro olhar sobre o como nos comportarmos ao pensar em oferecer uma ajuda a alguém...

Quando tivermos de tomar uma decisão em nossas vidas, poderíamos tomar como referência a reflexão: Como Jesus agiria em um momento assim? Por certo não conseguiríamos agir como Jesus agiria, no entanto, estaríamos mais próximos da ação mais apropriada para o momento que se apresenta no momento.

No Evangelho de Lucas (Lc18:35 a 42):

“35 E aconteceu que chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando.

36 E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo.

37 E disseram-lhe que Jesus Nazareno passava.

38 Então clamou, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim.

39 E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse; mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!

40 Então Jesus, parando, mandou que lho trouxessem; e, chegando ele, perguntou-lhe,

41 Dizendo: Que queres que te faça? E ele disse: Senhor, que eu veja.

42 E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou.”

A sabedoria e cautela do Mestre se mostram ali quando, antes de realizar a cura, pergunta qual era motivação do cego ao procurá-lo. Mostrou-se ser não só a expressão da própria vontade, como também o demonstrar sua convicção quanto ao que Jesus poderia fazer naquele momento.

Quando estivermos sensibilizados por alguma situação que se mostra para nós, ensejando uma mobilização no sentido de prestarmos ajuda a alguém, seria de bom alvitre que refletíssemos sobre alguns aspectos ali eventualmente envolvidos: ⁽²⁾:

- a empatia é que nos impulsiona a agir;
- tivemos o cuidado de observar bem a situação:
- estaremos respeitando o momento da pessoa a ser assistida;
- consideramos bem os limites de como agir nessa ação;
- estaremos agindo com lucidez nessa empreitada;
- temos consciência de estarmos respeitando a liberdade de escolha do outro: ele quer, expressou a vontade de ser ajudado;
- estaríamos invadindo, de alguma forma suas crenças, religiões;
- agindo por impulso ou estaríamos conscientes de nossas ações.

Ao alcançarmos condições mais salutares quanto à consciência ética e nos desvencilhamos de expressões de autossatisfação, egoísmo, e assemelhados, elevamos nosso olhar para a busca pela real felicidade, a percepção quanto ao que verdadeiramente é importante no caminhar evolutivo.

O real sentimento humanitário perpassa pelo atingir a condição do bem-estar que se expande e envolve o ambiente à nossa volta. O alcançar horizontes mais amplos, estendendo a capacidade de envolvimento de outros seres que partilham conosco a grande esfera azul a que damos nome de Terra.

A esse nível de consciência, assumimos um senso de responsabilidade pelo que somos, pelo que representamos nesse contexto. Identificamo-nos com o Ser ético em germe e deixamo-lo começar seu despertar em nós como agentes do progresso. Transformamo-nos em seres úteis.

Diz-nos Joanna de Ângelis, no livro *O Homem Integral* (psicografia de Divaldo Franco), no capítulo *A busca da realidade*, subtítulo “Consciência ética”:

“A consciência ética é a conquista da iluminação, da lucidez intelecto-moral, do dever solidário e humano.”

História do mendigo à porta da Igreja

Um mendigo se encontrava à porta de uma Igreja e fez uma prece:

Oh! Deus, peço que alguém venha me oferecer uma dádiva e que seja boa ao Seu olhar.

Passou um senhor muito rico. Ao ver o mendigo, abriu uma bolsa e despejou sobre suas mãos algumas moedas e joias. Ao tocar as mãos do mendigo, as joias e moedas transformaram-se em folhas secas.

Em outro momento passou uma pessoa muito simples que, vendo as condições do mendigo, tomou algumas tâmaras e colocou nas mãos dele. Tão logo as tâmaras tocaram as mãos do mendigo, transformaram-se em moedas e joias.

As joias da pessoa rica eram tão somente folhas secas aos olhos de Deus. As tâmaras da pessoa simples eram joias aos olhos de Deus.

Vale aqui uma reflexão: como estão nossas ações aos olhos de Deus?

- (1) Do livro Aprender com o Mestre – Sobre o Amor, Elda Evelina, Bookess Editora
- (2) O Homem integral – pags. 59 a 64, Joanna de Ângelis, por Divaldo Franco, Editora Leal



Caridade - Amor em ação

Elda Evelina Vieira

Caridade

Palavra repetida tantas vezes
Por muitos de nós, por certo.
No entanto percebemos,
Em inúmeras oportunidades,
Ser simples palavra em voz, C
Mas sem ressonância na Alma
De quem dela faz uso.
Como se fosse tão simples!
O que nos estranha, é certo.

Pois caridade
Como o Evangelho nos diz
É o Amor em ação.
Então, como pode uma palavra
De valor tão intenso
Ser expressa pelas pessoas
E não ser a verdadeira expressão
Do que lhes vai no coração?
Muito ainda temos a caminhar,
Inúmeras lições a aprender,
Mas só podemos assimilar
Ensinamentos que podemos perceber.
Quando muito queremos demonstrar
Ser importante buscar
O aplicar o conhecimento
Sem o exercício de seu verdadeiro valor...
Terá importância, é verdade
Mas não com a mesma intensidade
Do exercício que começa na Alma,
Para depois fazer-se fato.
Afim a Caridade
É a ação do coração a expressar o seu Amor.

Precisamos ter olhos de ver,
Ouvidos de ouvir também.

O Mestre já nos convidou a perceber
Que não basta ver e ouvir,
Sem verdadeiramente sentir
O que está a acontecer
Ao nosso redor,
Sem que nossa Alma
Perceba o valor e importância
Do que ocorre
Com aqueles com quem partilhamos
Esses momentos na eternidade.
Somos família, somos irmãos,
Todos os Seres da Humanidade.
Não tem esse ou aquele que seja
Mais importante ou de maior valor.
Tem cada um o seu papel,
Que devemos cumprir nessa jornada.
Um deles, e talvez o mais significativo,
É saber perceber a fragilidade
Dos que partilham conosco o viver.
Seremos sensíveis ao que ocorre,
Com nossos companheiros de jornada,
E buscarmos soluções
Que amenizem sua dor.

Pensamos na falta do alimento,
No frio que seu corpo possa sentir,
Ocorre-nos a falta de abrigo,
Ou talvez do físico a dor.
Mas por vezes não percebemos,
Pequenas coisas que também lhes faltam.
Reconhecer limitações não tão explícitas,
Mas que também lhes causam muita dor.
Carência que lhes impedem
De atender necessidade bem básicas,
Que na nossa condição de saúde
Passam-nos despercebidas,
Por nossos olhos não verem
Ou não termos ouvidos de ouvir,
Como nos alertou o Mestre.

Exercitemos o nosso olhar,
Fiquemos alertas no ouvir.
Os olhos de que necessitamos
Para cumprir o chamado de Jesus
Não está no físico,
Está na Alma e no coração.
Também ali está o instrumento
De melhor ouvir e sentir.
E então, podermos melhor proporcionar
Ao companheiro de jornada, nosso irmão,
O acolhimento verdadeiro
E fazer de nossa ação de caridade
O verdadeiro exercício do coração
Exercitar o sentimento maior
Que é o Amor em ação.

Vídeo em www.eldaevelina.com/caridade-e-raciocinio/



Comer e beber

“Então, começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença e tens ensinado nas nossas ruas.” — Jesus. (Lc 13:26)

Este estudo tem como referência texto de Emmanuel, com o mesmo título, contido no livro Caminho, Verdade e Vida (psicografia de Chico Xavier). A passagem do Evangelho de Lucas faz referência a um pai de família que não permitiu a entrada de filhos ingratos em sua casa.

A essência do texto de Emmanuel traz-nos reflexões importantes quanto ao como alguns dos estudiosos do Evangelho têm se comportado nas relações com companheiros de jornada. Não obstante o estudo e dedicação ao aprendizado do conteúdo dos ensinamentos do Mestre, tão só se detêm ao lado intelectual dos temas. Quanto à aplicabilidade do conteúdo oferecido pelo Mestre, pouco se preocupam.

Quando enfim surge o momento em que deverão apresentar-se ao Mestre – a expressão utilizada no texto de Emmanuel é: *“quando a morte abre, de novo, a porta espiritual, eis que dirão haver ‘comido e bebido’ na presença do Mestre, cujos ensinamentos conheceram e disseminaram nas ruas”* –, não fizeram jus à tarefa que lhes coube.

O entendimento puramente intelectual dos ensinamentos não cumpre o compromisso que tenham estes assumido quando acolheram para si a tarefa de compartilhar o ensinamento. Não um partilhar puramente intelectual com aqueles que seguem o caminhar. A tarefa teria de ir muito mais além. Mesmo que os ensinamentos estejam sendo oferecidos com clareza e de forma efetiva quanto ao conteúdo, o que realmente importa – o fazer-se presente na exemplificação do conteúdo – é por muitas vezes deixado ao lado.

Muitos de nós procede assim no nosso caminhar. Pretendemos estudar o Evangelho, compreender o conteúdo na sua forma, na sua linguagem, sintaxe, na compleição gramatical. O belo no falar e no escrever.

No entanto, quanto à essência de por qual razão nos foram oferecidos os ensinamentos, em muito deixamos à parte, não compreendendo os propósitos dos conteúdos evangélicos nas mensagens do Mestre, para nossas vidas. A prática do aprendizado esperado deixa ainda muito a desejar no processo em busca da evolução espiritual do Ser que somos.

Aqueles que caminharam com Jesus, em sua jornada terrena, efetivamente estiveram com Ele, comeram com Ele, ouviram de Sua própria voz os ensinamentos e orientações. No entanto, muitos não alcançaram o entendimento de que, mais do que ouvirem e verem o que lhes acontecia, o essencial teria sido o internalizar os ensinamentos que o Mestre oferecia de forma prática e exemplar – efetivamente trazer para a prática do dia a dia o conteúdo que Ele desejaria fosse internalizado e cumprido. Não só o aprender, exemplificar nas atitudes com aqueles com os quais se relacionavam e aos quais desejaria transmitir o que aprenderam.

Recentemente assisti a um vídeo em que um cientista oferece reflexões importantes sobre a nossa existência como seres sociais. Como temos nos comportado nessa condição, em relação àqueles com quem partilhamos a vida no Planeta.

A ciência, recentemente, identifica-nos como um corpo contendo vários sistemas semelhantes ao que encontramos no Cosmos. Os Micro-organismos – células, moléculas, organismos vivos – que, em seu conjunto, apresentam-se como conjuntos “estelares” dentro de nós.

Esses Micro-organismos, para estarem saudáveis e, por conseguinte, permitir que nosso corpo esteja saudável, precisam cumprir suas tarefas a contento. Para atingimento desse objetivo, faz-se necessário que estejam “conscientes” de sua relação com o que os cerca. Quando um desses micro-organismos deixa de cumprir a tarefa que lhe cabe, nosso corpo fica doente.

Nesse ponto da reflexão, o cientista traz um conceito muito interessante, não só isso, de vital importância para o nosso viver saudável, literalmente falando.

Ele começa a trazer a relação que existe entre o Amor e o Egoísmo e a nossa saúde física.

O “Amor” entre as partes de nosso corpo – sejam órgãos, microrganismos como células, moléculas, até mesmo bactérias e assemelhados –, é de vital importância. Este “Amor” é que promove o exercício sinérgico de atividades funcionais que possibilita estejamos com o nosso organismo equilibrado, saudável e vivo em sua plenitude.

Em acontecendo de uma das partes não agir de forma colaborativa com o sistema em que se encontra, ocorre a doença.

O cientista denomina esse comportamento inadequado de uma atividade egoísta. O micro-organismo aqui referido não “quer” participar de forma positiva nesse conjunto “estelar”. Não colabora e se “fecha”, podendo vir a crescer e se multiplicar com esse “sentimento egoísta”. Esse agrupamento egoísta será denominado, na sua condição de doença, como “tumor”. O tumor é um conjunto de micro-organismos, no caso células, egoístas, agem por conta de si mesmos, sem interesse saudável com o sistema em que está inserido.

Esse cientista, após a abordagem acima, faz um paralelo com o comportamento de nós “Seres Humanos”. Fomos criados para convivermos em harmonia, tendo como principal sentimento a acolher em nós o “Amor”. Em tendo o Amor como sentimento de primeiríssima grandeza, nós teremos nosso organismo – o Planeta – saudável.

No entanto, se não nos conscientizarmos desse princípio fundamental na convivência entre nós, passamos a desenvolver um “Tumor” que poderá se alastrar nesse organismo incrível que é a nossa “Casa”. O ambiente físico que nos foi presenteado para desenvolvermos o Espírito que somos – no aspecto espiritual e no intelectual.

Voltando ao tema trazido por Emmanuel com o título Comer e beber...

O simples acolher intelectual do Evangelho em nosso sistema cognitivo não basta. Pode ser importante quando acolhemos o conhecimento de forma a torná-lo útil para o entendimento de seus conceitos e aplicabilidade em nossas vidas.

O mais importante, no entanto, é o tornar esse conhecimento exercício prático no nosso proceder.

Esse aplicar deverá começar em nós mesmos, no nosso processo consciencial dos ensinamentos em nossas vidas.

O passo seguinte será o de partilhar com nossos companheiros de jornada – no oferecer em forma de conhecimento intelectual e, também, no incentivar a prática do conteúdo alcançado. O compartilhamento da prática somente far-se-á eficaz com o exemplificar nas nossas ações cotidianas.

Em um estudo a que assisti recentemente, observei no texto de Emmanuel - Mansos de coração – no livro Escriínio de Luz, uma

reflexão muito interessante que entendo possa complementar nossas observações.

O texto de Emmanuel contempla uma das Bem-Aventuranças: “Bem-aventurados os mansos de coração, porque herdarão a Terra.” (Mt. 5:5.)

Refletindo sobre o ter como herança... herdar significa receber para cuidar. Pensamos no herdar como algo para o futuro.

Se herdar é receber para cuidar, podemos refletir sobre o cuidar como compromisso desde quando chegamos ao Planeta.

Nossa jornada espiritual se constitui de direitos, como também de deveres. Sermos mansos para herdar a Terra requer, desde sempre, o cuidar do Planeta que recebemos como moradia. E cuidar do Planeta significa cuidar de tudo o que nele existe – principalmente o que expressa em si a Vida.

Como costumamos dizer: “a palavra convence, mas o exemplo arrasta” (autoria atribuída a Confúcio)

Trabalho e aprendizado

Emmanuel oferece-nos reflexões interessantes quanto a diretrizes que devemos abraçar, com relação a incumbências por nós assumidas ou a nós oferecidas como oportunidades de trabalho e aprendizados.

Vale refletir sobre alguns comportamentos que podemos observar em muitos de nós.

Nas lides do cotidiano, sejam em ambiente doméstico ou em atividades profissionais, somos chamados a cumprir tarefas.

Algumas destas, podemos até delegar para que sejam compartilhadas as responsabilidades, o que é muito natural.

Devemos refletir, no entanto, quanto à natureza das referidas tarefas. Algumas deverão ser de nossa restrita responsabilidade, considerando o nível de comprometimento existente. Conhecimento, experiência, cuidados na execução.

Alguns de nós fazem crer terem o poder de gestão que lhes permitem repassar responsabilidades, deixando-se tão somente o encargo de observar e orientar, quando não assumem um ar de poder para cobrar, sem ao menos traçar orientações necessárias e cabíveis nessa condução de afazeres.

Precisamos ter consciência e responsabilidade em qualquer das atividades que porventura estejam sob nossos cuidados.

Há situações em que estamos na condição de executores de tarefas. Recebemos orientações de como conduzir nossos afazeres, dos quais deveremos prestar contas quanto ao efetivo término, qualidade da tarefa realizada, cumprimento de prazos requeridos quando do planejamento.

Percebemos muitos de nossos companheiros não se darem conta da responsabilidade assumida quando acolhem para si afazeres.

Por outro lado, há também muitos companheiros que demonstram cuidado e zelo com o que lhes competem realizar. E, por vezes, incomodam por procurar realizar o trabalho da melhor forma que for possível. Argumentam alguns que estes estariam visando privilégios daqueles aos quais teriam de prestar conta de seus afazeres.

Também há um grupo de companheiros de jornada que se ocupam em atividades outras, boa parte do tempo, e não se detêm em observar e dar-se conta do que lhes compete nos afazeres do mundo.

Ficam atentos aos afazeres dos outros, assumindo papel que não lhes compete.

Pretendem corrigir erros de companheiros de jornada, interferir em instituições buscando melhorias que entendem devam ocorrer. Na impossibilidade de encontrar soluções para atendimento das metas almeçadas, sentem-se inquietos e insatisfeitos.

Alerta-nos o mentor que alguns querem cuidar dos destinos dos outros, quando deveriam cuidar de si mesmos.

Diante dessa afirmativa, alguns poderiam perguntar então: por qual motivo teríamos comprometimento com nossa família, nosso trabalho profissional?

Também esclarece ele que, não obstante os companheiros com os quais partilhamos a jornada terrena, bem como as tarefas que se apresentam a serem cumpridas, pertencem ao Supremo Senhor, a nós cabe cumprir metas junto à família, ao lar e atividades corriqueiras.

A cada um de nós compete cumprir responsabilidades e responder pelos próprios atos.

Seremos compelidos a esclarecer sobre como realizamos as tarefas e o comprometimento na consecução de cada uma delas.

Daremos conta do que nos coube cumprir ao chamamento da existência no plano físico.

Em um outro texto de Emmanuel - Crê e segue - no livro Pão nosso, Cap. 180 -, encontramos:

“Se abraçaste, meu amigo, a tarefa espiritista-cristã, em nome da fé sublimada, sedento de vida superior, recorda que o Mestre te enviou o coração renovado ao vasto campo do mundo para servi-lo.

Não só ensinarás o bom caminho. Agirás de acordo com os princípios elevados que apreçoas.

Ditarás diretrizes nobres para os outros, contudo, marcharás dentro delas, por tua vez.

Proclamarás a necessidade de bom ânimo, mas seguindo, estrada a fora, semeando alegrias e bênçãos, ainda mesmo quando incompreendido de todos.”

Curiosa experiência

O Estudo foi oferecido como oportunidade de reflexões interessantes a respeito de utilizarmos recursos recém surgidos à época em que o texto foi disponibilizado através do livro Cartas e Crônicas, trazido a nós pelo Espírito Irmão X, sob o auxílio de Chico Xavier.

Sempre que surgem novas ideias ou recursos observamos resistências a se aceitar algo que ainda desconhecemos.

Costumamos não acolher como oportunidades benfazejas para novas percepções sobre a vida. No caso específico da história trazida pelo Irmão X, novos recursos para a divulgação da Doutrina, ampliando-se as possibilidades de disponibilizarmos novos conhecimentos, acolhendo com novos adeptos aos Estudos sobre o Evangelho.

A história que nos foi sugerida para o Estudo desta noite fala sobre a situação em que se encontrava uma jovem que tinha, em sua programação espiritual, trabalhos importantes no exercício e prática da mediunidade.

João Massena, espírito dedicado a acolher e orientar grupos de companheiros, à luz dos fundamentos do Espiritismo. Observa-se importantes resultados em razão do entendimento e segurança na condução dos trabalhos.

Em certo momento, surgiu-lhe o caso de uma jovem que, não obstante ter em sua programação importantes trabalhos na lide mediúnica, encontrava-se recolhida em casa sob observação de Espíritos a dificultar-lhe o cumprimento de sua missão espiritual, ao tempo em que Benfeitores trabalhavam no empenho de dar-lhe amparo.

João Massena dedicou-se a encontrar a melhor maneira de despertá-la para a responsabilidade que lhe estava destinada na vida. Alguém capaz de sensibilizá-la ao retorno ao equilíbrio, despertasse para o estudo sobre a fé raciocinada, à crença lógica e à imortalidade da Alma e à vida espiritual.

A jovem, no entanto, envolvida por companheiros que a assediavam e dificultavam-lhe o cumprimento de sua missão, entregou-se ao vício do álcool. Em estágio avançado nesse caminhar, entidades sugeriam-lhe o cometimento de um crime.

Não obstante ela ainda manter consciência suficiente para resistir a esse impulso, João Massena identificou-lhe um estado de alarme, situação que estava a quase a ceder à insanidade. Refletindo como auxiliá-la, identificou uma oportunidade que lhe pareceu benfazeja. O contato daquela jovem, com o mundo exterior praticamente se restringia no acompanhar a programas de televisão. Quem sabe poderia ser esse um instrumento para dar-lhe oportunidade para o acesso a programação positiva com assuntos sobre o Evangelho à luz do Espiritismo.

Procurando articular providências a respeito, encontrou uma emissora respeitável com disponibilidade de 20 minutos para um assunto espírita. O grupo far-se-ia representar por um dos componentes da instituição. A abordagem contemplaria o tema mediunidade e a Doutrina Espírita. Procurou-se identificar o companheiro que ficaria a cargo dessa missão e outras providências para se alcançar o objetivo.

Não obstante as orientações recebidas e acolhidas por alguns dos componentes do grupo, o diretor de maior responsabilidade da Instituição ponderou que o Espiritismo não precisava da televisão, considerando-se que já tinham os grupos de ensino. Apesar dessa observação, deixou a cargo dos irmãos decidirem sobre o assunto.

Um dos componentes do grupo, reconhece que o templo espírita tem sua missão sobre a divulgação do Espiritismo, pondera que nada impede que os princípios da Doutrina Espírita sejam comentados no rádio ou na imprensa, na rua ou no salão. Importante ampliar os recursos na divulgação do Evangelho.

Não obstante as ponderações oferecidas, o acolhimento da oportunidade de se utilizar da televisão para a divulgação do Espiritismo e do Evangelho, não foi alcançado êxito para esse trabalho. Argumentações do tipo: é pura vaidade; exibição; divulgar o Espiritismo na TV não é certo; para aprender sobre o Espiritismo que venha às reuniões.

O assunto se deu por encerrado.

Alguns curiosos, dentre os participantes desse diálogo sobre a possibilidade de se oferecer pela TV o tema Espiritismo e Evangelho, resolveram visitar a jovem no horário em que teria sido apresentado o Estudo.

Encontraram-na à frente da TV e o tema a estar sendo apresentado naquele momento foi um festivo programa de exaltação ao uísque:

– Beba a nova marca! Uma delícia...

Perdeu-se uma excelente oportunidade para um Estudo de fato importante e precioso para a vida da jovem.

A curiosa experiência deverá ser tomada como uma excelente oportunidade para reflexões profundas.

Atualmente podemos observar o quanto os recursos tecnológicos disponibilizados têm sido instrumentos importantes na divulgação do Evangelho em seus mais variados segmentos. Sejam na TV, nas rádios transmissoras, nas Redes Sociais.

Devemos abrir nossas mentes para o acolhimento desses recursos e, ao mesmo tempo, termos consciência quanto à escolha de como deveremos fazê-lo. Seremos criteriosos na escolha dos temas e na forma como divulgá-los.

Dever

Começando a refletir sobre o Dever

Como devemos entender o significado desta palavra?

No sentido a que se refere, para o entendimento do conceito que importa neste Estudo, encontramos: incumbência, responsabilidade, compromisso. Também: obediência, fidelidade, lealdade.

O Dever tem seus fundamentos na Moral.

Tomando os conceitos à luz do Evangelho e, por conseguinte, da Doutrina Espírita, cumprir o Dever é buscar consolidar o amor em nossas vidas.

Procurar direcionar nossa caminhada ao cumprimento das Leis que o Pai deixou guardadas em nós, na Consciência.

É sentir-se pleno na manifestação da paciência, tolerância, indulgência, bondade, respeito, fé, esperança, caridade, humildade, obediência, resignação. Enfim, das virtudes.

Todas as manifestações das virtudes em nós são expressões dos deveres que nos cabem na jornada do Espírito que somos.

Expressar a luz que existe em nós e que muitas vezes deixamos esquecidas.

O Evangelho Segundo o Espiritismo, no Cap. XIII, item 9 – Caridade Moral –, afirma:

– *“A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois, a fé não é mais do que pura luminosidade que torna brilhante uma alma caridosa.”*

Todas as manifestações das virtudes em nós são expressões dos deveres que nos cabem na jornada do Espírito que somos.

Estarmos conectados a essas virtudes é expressar a luz que Jesus afirmou existir em nós e que, muitas vezes, deixamos esquecida: *“Vós sois a luz do mundo (...)”* (Mt 5:14)

O Evangelho convoca-nos a que busquemos a significação ao cumprimento de nossos deveres morais. Estes são compromissos que fazem parte do nosso processo evolutivo.

Nosso caminhar espiritual tem como estrutura fundamental nossos passos, atrelados a princípios insofismáveis, desde a origem do Universo.

Não há caminhar sem metas. Os objetivos a serem alcançados precisam ser trabalhados. Tarefas devem ser cumpridas. Para que atinjamos resultados esperados, faz-se necessário estejamos dispostos a realizações.

O processo reencarnatório requer que abracemos metas para ajustes, resgates, reconstrução de princípios. O nosso ir e vir entre os planos – espiritual e material – contempla análise, planejamento, elaboração de projetos e assunção de compromissos. Estes, são os deveres que assumimos objetivando a construção de um novo Ser – Espírito renovado.

“O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida.”⁽¹⁾

“A obrigação moral para com os outros é a parte a que podemos chamar compromissos visando a reconstrução das nossas relações interpessoais.”⁽²⁾

Conhecendo os fundamentos que dão significado ao Dever, cabe a nós escolher o caminho a seguir, em direção à evolução espiritual. Em nossas escolhas, por caminhos a trilhar, somos ainda levados pela fragilidade de nossos interesses. Atração por facilidades que se apresentam a nós, decorrentes de tendências ainda não trabalhadas pelo nosso intelecto. Não teríamos alcançado, ainda, condição moral desejável para o Espírito que somos.

No íntimo do Ser, sentimo-nos, por vezes, advertidos ao fazer escolhas. A consciência, guardiã interior a buscar alertar-nos para o Dever a se cumprir, no caminhar pela elevação espiritual. No entanto, nossos anseios menos nobres vencem a batalha diante de vontade ainda frágil.

Dever é a linha divisória entre nossos frágeis impulsos emocionais e o amor que devotamos a Deus.

O cumprimento do Dever requer a conscientização deirmos conferir à Alma o vigor imprescindível à sua evolução.

Teremos plena confiança no dever cumprido e a satisfação de haveremos participado do importante processo na transformação das condições da Humanidade, ainda que em nível pontual. Pois teremos deixado o nosso exemplo e sensibilizado outros a buscarem o caminho pelo qual trilhamos.

Busquemos o aprendizado do Evangelho do Cristo, o praticar seus ensinamentos e tentar promover a autotransformação que, pelo nosso exemplo no trabalho edificante, far-se-á agente transformador do meio em que vivemos.

⁽¹⁾ *Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XVII, item 7.*

⁽²⁾ *O Céu e o Inferno, Cap. VII As penas futuras segundo o Espiritismo, Código Penas da Vida futura, itens 16° e 17°*

Divinos dons

Porque Deus não nos deu o Espírito de temor, mas de fortaleza, de amor e moderação.” Paulo (II Timóteo, 1:7)

O texto de Emmanuel tem como referência palavras de Paulo, como consta de sua carta a Timóteo:

– “Porque Deus não nos deu o Espírito de temor, mas de Fortaleza, de Amor e Moderação.”

Como podemos entender as palavras de Paulo? Qual mensagem e ensinamento pretendia oferecer a Timóteo?

Logo no início, o Apóstolo faz referência ao temor, afirmando que “Deus não nos deu o Espírito de temor, mas de fortaleza, de amor e de moderação”.

Afirma que todos somos dotados da capacidade de desenvolver em nós “os dons divinos da fortaleza que é valor moral, do Amor que é serviço incessante no bem e da moderação que define equilíbrio”.

Paulo se utiliza do exemplo de um trabalhador que viria a receber seu salário sem ter desenvolvido, com responsabilidade, a tarefa que lhe foi destinada. Confiante no recebimento, sem esforço.

Se viermos a agir da mesma forma, quanto a não sermos responsáveis na nossa jornada, estaríamos abrindo mão de uma oportunidade importante, essencial para o nosso desenvolvimento intelectual e moral.

As tarefas que nos são oferecidas, ao longo de nossas vidas, têm um papel de grande importância. Entre inúmeras oportunidades, desenvolver em nós qualidades, capacidades intelectuais, competência no exercício das tarefas que eventualmente surgem durante nossa caminhada.

Alerta-nos Emmanuel que poderíamos até mesmo desfrutar de vantagens terrenas, mas viríamos a nos manter na “sombra da ignorância”.

Acrescenta Emmanuel o fato de vir a gerar clima de medo, resultando em nós eventual incapacidade de seguir em frente na busca por novos e importantes caminhos. Precisamos sentirmo-nos fortes e determinados em prosseguir nossa jornada com coragem, amor e moderação “– talentos estes de que o Senhor te investiu a favor do próprio aperfeiçoamento – seguirás para diante, na Terra, com a luz do coração e a paz da consciência”.

Seguirmos nossa jornada terrena aprendendo lições, exercitando nosso aprendizado da forma que nos é possível e, se observadores ao que nos ocorre, verificaremos se efetivamente aprendemos algumas lições e o quando resistimos às intempéries a que somos submetidos.

Em o livro **Medicina da Alma**, Joseph Gleber, refletindo sobre dor e sofrimento, nos fala que a dor tem várias procedências e coloca duas em especial para nos proporcionar uma panorâmica sobre o assunto: dor como resultado natural do processo evolutivo e dor-resgate.

Dor como resultado natural do processo evolutivo

É a dor resultante do esforço para superar as imperfeições nas manifestações do nosso temperamento e tendências. A busca pelo nosso melhoramento espiritual e moral.

Queremos progredir moral e espiritualmente. No entanto, sentimo-nos frágeis para vencer deficiências ainda existentes em nosso perfil moral. Surge, então, o sofrimento resultante dessa dor.

Joseph Gleber compara esse processo com o esforço que o verme empreende para vencer os obstáculos desde as entranhas da terra, em direção à luz dos raios de compreensão, compaixão, do amor, da proximidade cada vez maior no exercício do Evangelho em nossas vidas.

Dor-resgate

Ao longo da nossa existência em corpo, cometemos vários deslizos da mais variada ordem. Chega o momento em que tomamos consciência dos nossos erros e, de alguma forma, intencionalmente ou não, somos submetidos a situações que visam a corrigenda necessária.

Somos submetidos a experiências que irão proporcionar oportunidades de reflexão, refazimento de nossas ações, resgate do Ser espiritual que, como disse Jesus certa vez, tem a luz divina em si. É a ação corretiva da lei da harmonia universal, a que damos o nome de carma ou lei da ação e reação – reajustamento do comportamento humano com a reforma do Ser que promoveu o desequilíbrio.

Muitas vezes ouvimos que para nos elevarmos espiritualmente precisamos sofrer, ou até mesmo que sofrer é sinal de elevação. É um equívoco pensar assim. A dor, ou o sofrimento, são sinais que nos despertam para a consciência de que algo está ou esteve errado conosco, são como indicadores para um caminhar de reconstrução de uma vida que em um passado recente, ou remoto, esteve em desarmonia, por atitudes inadequadas de nossa parte.

As experiências que vivenciamos, se bem conduzidas e bem aproveitadas como aprendizado, certamente irão promover a grande mudança de que necessitamos para acertar o nosso caminhar e alcançar o nosso aprimoramento moral e espiritual.

Lembrando mais uma vez a passagem que Emmanuel nos oferece no estudo sobre os Divinos Dons – ““Porque Deus não nos deu o Espírito de temor, mas de fortaleza, de Amor e de Moderação”. Paulo (II Timóteo, 1:7.)

O andar nos dons do Cristo remete ao entendimento de que precisamos aprender com o Mestre de Amor e da Renúncia.

À medida que aprendemos, focados nos dons do Cristo, e nos aperfeiçoamos, disponibilizamos nosso Ser, o Eu espiritual, a ser ocupado e enriquecido pela Graça Divina.

Lembrando passagem da carta de Paulo – Efésios 4:7

“Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo.”

Em honra da liberdade

Precisamos prestar atenção a como conduzimos nossas ideias, conclusões, decisões.

Precisamos ter firmeza de propósitos. Convicções em nossas formas de pensar. Enfim, mais confiança em nós mesmos.

Se passamos por dificuldades na condução de nossas maneiras de ver a vida, fazer análises das circunstâncias em que estamos envolvidos e tomar decisões... há alguns caminhos que podemos seguir:

- analisar com muito cuidado o que se apresenta a nós;
- buscar percepções claras quanto a caminhos alternativos para soluções de eventuais problemas a serem solucionados;
- se necessário, ou conveniente, ouvir alguém mais experiente no assunto que se faz presente. Não necessariamente assumir para si as soluções ou ideias apresentadas, mas tê-las como suporte para novas reflexões e olhares para o que se apresenta a ser resolvido.

Quando ainda se mantém a insegurança, importante nos colocarmos em prece buscando conexão com nossa consciência. Nosso Ser interior, canal de conexão com o Plano Espiritual, de onde por certo há de vir sugestões de cunho assertivo a nos conduzir ao caminho mais seguro e confiável.

Por vezes, recorreremos a companheiros de jornada que respeitamos. Consideramos de confiança, e muitos realmente merecem nosso crédito.

No entanto, há outros que não têm a mesma lisura em seus propósitos. Em assim sendo, necessário se faz termos lucidez e cuidado ao buscarmos apoio para tomada de decisões. Quanto mais séria a questão, mais cuidado deveremos ter.

Como se refere Emmanuel no texto Opiniões, é possível a muitos, que venham a seguir a mesma jornada que nós, não terem a prudência necessária para nos aconselhar.

Também que poderemos estar sujeitos a comentários e sugestões advindas de mentes imprudentes, quem sabe também desleais.

Saibamos escolher nossos companheiros de caminhada. Sejam leais, conscientes, prudentes, sinceros e simples.

Somos passíveis de sermos alvo de mentes inquietas e imprudentes.

Diz-nos Emmanuel em suas reflexões:

“O homem da verdade será compreendido apenas, em tempo adequado, pelos espíritos que se fizerem verdadeiros. O prudente não receberá aplausos dos imprudentes.”

Se nossa jornada segue por caminhos edificantes e pautados nos ensinamentos do Mestre, sigamos em frente com a consciência tranquila. Não nos esmoreçamos e sejamos firmes em nossos propósitos.

Sejamos cautelosos e atentos ao que nos ocorre à volta.

Muitas opiniões que surgem a nosso respeito têm sua origem na inveja, no desconhecimento do que há em nosso íntimo, do que pensamos – nossa busca interior pelo aprendizado e abertura de novos caminhos.

A verdade está sempre presente, muitas vezes nós não a percebemos.

Precisamos clarear nossas ideias e deixar fluir o que acolhemos como aprendizado. Deixar aflorar o que já ameahamos ao longo do nosso caminhar – seja por experiências positivas ou até mesmo negativas. Há sempre algo a aprender se nos mantivermos sensíveis ao que a vida que nos ensinar.

O nosso dever deverá se conciliar sempre com a verdade e conexão com os nobres ensinamentos do Mestre.

Opiniões

Precisamos prestar atenção a como conduzimos nossas ideias, conclusões, decisões.

Precisamos ter firmeza de propósitos. Convicções em nossas formas de pensar. Enfim, mais confiança em nós mesmos.

Se passamos por dificuldades na condução de nossas maneiras de ver a vida, fazer análises das circunstâncias em que estamos envolvidos e tomar decisões... há alguns caminhos que podemos seguir:

- analisar com muito cuidado o que se apresenta a nós;
- buscar percepções claras quanto a caminhos alternativos para soluções de eventuais problemas a serem solucionados;
- se necessário, ou conveniente, ouvir alguém mais experiente no assunto que se faz presente. Não necessariamente assumir para si as soluções ou ideias apresentadas, mas tê-las como suporte para novas reflexões e olhares para o que se apresenta a ser resolvido.

Quando ainda se mantém a insegurança, importante nos colocarmos em prece buscando conexão com nossa consciência. Nosso Ser interior, canal de conexão com o Plano Espiritual, de onde por certo há de vir sugestões de cunho assertivo a nos conduzir ao caminho mais seguro e confiável.

Por vezes, recorreremos a companheiros de jornada que respeitamos. Consideramos de confiança, e muitos realmente merecem nosso crédito.

No entanto, há outros que não têm a mesma lisura em seus propósitos. Em assim sendo, necessário se faz termos lucidez e cuidado ao buscarmos apoio para tomada de decisões. Quanto mais séria a questão, mais cuidado deveremos ter.

Como se refere Emmanuel no texto Opiniões, é possível a muitos, que venham a seguir a mesma jornada que nós, não terem a prudência necessária para nos aconselhar.

Também que poderemos estar sujeitos a comentários e sugestões advindas de mentes imprudentes, quem sabe também desleais.

Saibamos escolher nossos companheiros de caminhada. Sejam leais, conscientes, prudentes, sinceros e simples.

Somos passíveis de sermos alvo de mentes inquietas e imprudentes.

Diz-nos Emmanuel em suas reflexões:

“O homem da verdade será compreendido apenas, em tempo adequado, pelos espíritos que se fizerem verdadeiros. O prudente não receberá aplausos dos imprudentes.”

Se nossa jornada segue por caminhos edificantes e pautados nos ensinamentos do Mestre, sigamos em frente com a consciência tranquila. Não nos esmoreçamos e sejamos firmes em nossos propósitos.

Sejamos cautelosos e atentos ao que nos ocorre à volta.

Muitas opiniões que surgem a nosso respeito têm sua origem na inveja, no desconhecimento do que há em nosso íntimo, do que pensamos – nossa busca interior pelo aprendizado e abertura de novos caminhos.

A verdade está sempre presente, muitas vezes nós não a percebemos.

Precisamos clarear nossas ideias e deixar fluir o que acolhemos como aprendizado. Deixar aflorar o que já ameahamos ao longo do nosso caminhar – seja por experiências positivas ou até mesmo negativas. Há sempre algo a aprender e apreender se nos mantivermos sensíveis ao que a vida que nos ensinar.

O nosso dever deverá se conciliar sempre com a verdade e conexão com os nobres ensinamentos do Mestre.

Em ti mesmo

Muitas vezes nos flagramos sem ideias. A criatividade parece estar adormecida, letárgica.

Por vezes, isso acontece comigo quando se trata de fazer algum texto ou uma arte. São tarefas que quero e preciso cumprir.

Preciso falar sobre o tema **Compromissos**. E o escrever algo sobre este tema é uma tarefa importante neste momento.

Discorrer sobre o quanto importa sermos ativos e mostrarmos-nos sempre úteis.

Depois de tentar inúmeras vezes começar a expor no "papel" ⁽¹⁾ as ideias, organizar meus pensamentos, escolher as palavras, estava com dificuldade de começar a escrever a respeito deste tema, mas resolvi começar assim mesmo, como que colocando o que porventura viesse a me ocorrer na mente, quase aleatório.

Por vezes, meu pensar e elaborar acontece assim, não obstante, de uma forma geral, bem organizada e seguindo um sistema de trabalho lógico. Mas este, resolveu acontecer assim. Essa é uma maneira de demonstrar confiança na minha determinação e vontade de realizar este trabalho. Há algo em meu íntimo que me impulsiona a deixar o meu pensamento como que livre para se expor e criar.

Nossas atitudes, no desenvolvimento de algo, devem ter, em primeiro lugar, determinação e vontade de realizar. Organizar um método de desenvolver a tarefa, ter objetivos claros, escolher meios que tornem factível o produto final. Por vezes, não é no singular, é no plural – metas a serem cumpridas. Mesmo que o objetivo tenha, aparentemente, um só objetivo final, com certeza entre o começar e o realizar deverão ocorrer inúmeras providências intermediárias.

Qual é mesmo a minha missão aqui? Falar sobre compromisso, sobre vontade, confiança e fé no nosso trabalho.

Creio que a situação que descrevi acima tem a ver com o próprio tema a ser desenvolvido. Senti dificuldades, tive dúvidas de como realizá-lo, inseguranças também. No entanto, estou aqui a abrir caminho para a elaboração de ideias. Enquanto divagava, ideias foram surgindo e, a partir de agora, tomo o auxílio de um dos livros “alicerces” do Espiritismo – O Livro dos Espíritos: Questão **675**: “*Toda ocupação útil é trabalho.*”.

Vamos trazer, para consolidar nossas reflexões, as Questões 674 e 677 também do Livros dos Espíritos:

674. *“A necessidade do trabalho é lei da Natureza?”*

R. *“O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos.”*

677. *Por que provê a Natureza, por si mesma, a todas as necessidades dos animais?*

R. *“Tudo em a Natureza trabalha. Como tu, trabalham os animais, mas o trabalho deles, de acordo com a inteligência de que dispõem, se limita a cuidarem da própria conservação. Daí vem que do trabalho não lhes resulta progresso, ao passo que o do homem visa duplo fim: a conservação do corpo e do desenvolvimento da faculdade de pensar, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo.*

Quando digo que o trabalho dos animais se cifra no cuidarem da própria conservação, refiro-me ao objetivo com que trabalham. Entretanto, provendo às suas necessidades materiais, eles se constituem, inconscientemente, executores dos desígnios do Criador e, assim, o trabalho que executam, também concorre para a realização do objetivo final da Natureza, se bem quase nunca lhe descobrais o resultado imediato.”

Podemos nos flagrar, por vezes, pensando que talvez não estejamos sendo úteis. Que o trabalho que realizamos esteja sendo estafante e sem efetivo resultado.

Precisamos pensar melhor a respeito.

Levando em consideração que trabalho é toda tarefa útil... pensemos a respeito de algumas atividades do nosso dia a dia:

- acordamos pela manhã, fazemos nossa higiene pessoal, tomamos café da manhã – trabalhamos de forma a nos mantermos em condições de realizar nossas tarefas do dia;
- vamos para o trabalho, ou para atividades relacionadas à conquista de novos conhecimentos – trabalhamos em busca da evolução intelectual;

– à noite (dependendo da rotina de cada um) temos nossa oportunidade de descanso e relaxamento – trabalhamos para manter nossa “máquina”, o corpo, em condições de manter sua rotina diária, muitas vezes estafantes, física e mentalmente.

Podemos buscar vários exemplos que nos levam a identificar oportunidades de trabalho, além daquele que visa a nossa subsistência material.

Para a realização de qualquer tarefa, seja profissional, intelectual, até mesmo as de responsabilidade familiar, precisamos ter confiança em nós mesmos, nas nossas habilidades, potencialidades para realização de tarefas nos mais variados campos de trabalho em que estejamos inseridos.

Importante estarmos conscientes de que não deveremos ficar à espera de que algo aconteça sem as nossas mobilizações para alcançar objetivos, atingir metas, sejam quais forem.

Citando Emmanuel no Cap. 14 do livro Caminho, Verdade e Vida ⁽²⁾:

“Os que, no entanto, permanecem desalentados quanto às suas possibilidades, esperando em promessas humanas, dão a ideia de fragmentos de cortiça, sem finalidade própria, ao sabor das águas, sem roteiro e sem ancoradouro.

(...)

Na esfera de cada criatura, Deus pode tudo; não dispensa, porém, a cooperação, a vontade e a confiança do filho para realizar.”

Um outro alerta que nos traz Emmanuel é de que não devemos realizar tudo por nossos familiares, tirando deles a oportunidade de desenvolver suas “*faculdades mais brilhantes*”.

Mais uma vez citando Emmanuel:

“Por que te manterás indeciso, se o Senhor te conferiu este ou aquele trabalho justo? Faze-o retamente, porque se Deus tem confiança em ti para alguma coisa, deves confiar em ti mesmo, diante d’Ele.”

E aqui creio ter concluído o trabalho que, no início parecia não querer dizer a que veio, mas a minha determinação e vontade fizeram com que chegássemos a conclusões interessantes a respeito do tema: Em ti mesmo. Que poderíamos interpretar como sendo: faça você mesmo

o que tem de ser feito. Confie e siga em frente. Deus confiou em você ao oferecer esta tarefa... confie então em si mesma e siga em frente com os instrumentos que tem à mão e na mente.

(1) Figura simbólica nesses dias de escritos digitais.

(2) Caminho, Verdade e Vida, Emmanuel, por Chico Xavier, FEB Editora

Caminho de Viver (parte final)

Sou Ser eterno e muito ainda a aprender.
Tenho uma luz dentro de mim
Que preciso fazer acender.
Tenho um poder no meu interior
Que o Mestre afirmou existir.

Posso ousar persistir
Em fazer do meu caminhar
Uma jornada de luz,
De esperança, de paz e de amor.
E isto vou me empenhar em conseguir.

Mil anos ainda podem me exigir
Para que eu consiga esta meta alcançar.
O que não posso é desistir
De esta jornada trilhar.
Seguirei em frente, vale a pena acreditar.

Não por recompensas ou glórias,
Contrapartidas terrenas, tão somente.
Elevar-se espiritualmente
Tem sentido diverso, é transcendente.
Está além do que alcança hoje nossa mente.

Confiar é preciso e trabalhar
Nossa Alma em fazer-se acreditar,
Ter fé e prosseguir.
Nos ensinamentos do Mestre se empenhar
Com força e coragem no caminhar.

Poema Caminho de Viver, no livro Aprender com o
Mestre – Sobre o Amor, Elda Evelina Vieira, Bookess
Editora

Confiar e perseverar

Em vão muitas vezes são nossas tentativas em fazer algo por alguém que se nos parece irredutível em seus propósitos e objetivos, pelos menos assim pensamos quando tentamos fazer algo e não conseguimos obter resultados palpáveis e imediatos.

No entanto, sempre semeamos algo quando nossas ações são fundamentadas no amor e em bons propósitos. Não há uma só ação nossa que não tenha ou venha a deixar algum resultado em seres que as recebem, mesmo que não observemos os resultados de modo palpável.

Não deixemos, em tempo algum, de realizar algo por alguém, por mais irredutível que ele nos pareça, por mais brutalizado que se nos apresentem, por mais incrédulo que se afirme ser, por mais que o julgemos não merecedor, a princípio.

É a partir de uma pequenina sementinha que surgem árvores frondosas e com frutos suculentos e doces.

No entanto, saibamos respeitar os limites de cada um. Não devemos impor nossas ideias, tão somente sugerir o que nos pareça adequado ou útil.

Não desanimar diante dos primeiros obstáculos, confiar e seguir em frente, sem nos esmorecermos, nunca.

É diante dos obstáculos que devemos ser mais fortes e perseverantes, é quando devemos reunir todas as forças e nos empenharmos na realização do que queremos, pretendemos, almejamos. Tudo o que faz parte do plano original da encarnação que veio a se realizar.

Tenhamos sempre o firme propósito de seguir em frente, contornando os obstáculos, enfrentando as dificuldades, aparando as arestas e moldando o ser que cada um de nós tem dentro de si mesmo.

É na luta por melhores condições, nossas e de nossos companheiros de jornada, que moldaremos o espírito que somos nós, em processo de evolução espiritual.

Sejamos perseverantes e convictos de nossos objetivos, nossos propósitos.

Construiremos, assim, um mundo melhor para vivermos e viverem nossos filhos e irmãos de jornada, bem como para nós mesmos numa próxima existência na carne.

Sejamos puros e limpos de coração como nos pediu o Mestre Jesus.

Paz e Luz em nossas vidas.

Mensagens – Livro V, Elda Evelina Vieira,

Escritores

“Guardai-nos dos escribas, que gostam de andar com vestes compridas” Jesus (Mc 12:38)

Diz-se que escrever é uma arte.

Uma arte do expressar-se com palavras. Arte do conhecimento colocado à disposição do outro. Do amigo ou amiga, daqueles que estão perto como também longe. Até de pessoas que nem conhecemos e, talvez, nem venhamos a conhecer algum dia.

Arte do comunicar-se e do disponibilizar-se ao bem comum.

Há aqueles que se expressam de maneira formal, compartilhando conteúdo intelectualizado. Há outros que suas palavras são quase tão só sentimentos e emoções. Outros, no entanto, sabem envolver-nos com o requinte de quem sabe emocionar-nos com palavras sábias do intelecto.

Escrever é uma arte como as outras, e podem ser tudo isso que disse antes, como também podem causar dor e sofrimento.

O bom uso da palavra não é um simples parafrasear... é abraçar seus ouvintes ou leitores como se os estivessem abraçando com energias sutis, embora não os conheçam e nem os venha a conhecer um dia.

O escritor expressa-se como um amigo a contar-nos histórias, casos, fatos, causos. Enfim, trazer-nos conteúdo que venham a nos encantar como também ensinar algo.

Escrever com seriedade envolve responsabilidade e respeito para com aqueles aos quais dirigem suas palavras. Estas devem ser escolhidas com cuidado, para um bom entendimento do conteúdo a ser oferecido. A interpretação vacilante pode gerar conflitos e aplicabilidade indevida.

Tudo o que foi colocado até o momento refere-se a qualquer tema.

Há temas, no entanto, que exigem mais cuidado do que em outros. São os de conteúdo científico como também filosóficos. Incluindo-se entres estes os religiosos.

Falar sobre o Evangelho do Mestre, seja pela escrita ou pela palavra falada, é não só contar histórias. É também, e principalmente, falar sobre Sua missão entre nós.

É passar Seus ensinamentos como importantes referências para nossas vidas. Um alinhamento de nossos comportamentos no lidar com companheiros de jornada, não só terrena, no plano físico, como também no inter-relacionamento entre planos sutis. Seja em dimensões perceptíveis por nossas capacidades mentais, seja em dimensões que vão além do que nossa mente possa alcançar ou até imaginar.

Escrever é arte e saber.

Também não só pelo conteúdo intelectual a que se presta o escritor a oferecer.

Este também deverá cuidar da forma como leva sua mensagem.

Bom seria que cuidasse quanto ao público a que se dirige. Respeitar o nível intelectual deste para que a mensagem possa ser acolhida de forma segura e, ao mesmo tempo, seja acolhedora e interessante. Passar um quê de interesse, instigar curiosidade não só para ler o que está ali disponível, como também a procurar mais sobre o assunto e se aprofundar no tema. Ir além.

Ter-se o cuidado com o conteúdo, como também com a forma.

Falamos até este momento sobre como o escritor deverá cuidar de seus escritos - conteúdo e forma.

Indo além a respeito do tema, bom registrar sobre o cuidado também do leitor ao buscar conteúdo para suas leituras, mais ainda sobre o perfil dos assuntos porventura contemplados.

Emmanuel diz em seu texto Escritores:

“Há livros cuja função útil é a de manter aceso o archote da vigilância nas almas de caráter solidificado nos ideais mais nobres da vida. Ainda agora, quando atravessamos tempos perturbados e difíceis para o homem, o mercado de ideias apresenta-se repleto de artigos deteriorados, pedindo a intervenção dos postos de “higiene espiritual”.

Podereis alimentar o corpo com substâncias apodrecidas?

Vossa alma, igualmente, não poderá nutrir-se de ideais inferiores, na base da irrelição do desrespeito, da desordem, da indisciplina.

Observai os modelos de decadência intelectual e refleti com sinceridade na paz que desejais intimamente. Isso constituirá um auxílio forte, em favor da extinção dos desvios da inteligência.” (1)

Atualmente temos vivenciado circunstâncias complicadas.

Temos estado sujeitos a comentários inquietantes e nem sempre verdadeiros. Artigos que pretendem nos levar a atitudes que não só nos desestabilizam, como também às pessoas de nosso convívio.

Devemos ter um olhar ainda mais amplo... se acolhermos notícias e comentários, sem uma devida avaliação de seus conteúdos e veracidade dos fatos, por certo seremos responsabilizados por consequências por vezes inevitáveis e desastrosas. Não só no plano físico, como também no plano sutil com o qual interagimos, independente de estarmos ou não conscientes dessa realidade.

Enfim, escritores devem estar atentos ao que escrevem e como escrevem – conteúdo e forma.

Leitores, precisam estar conscientes do que leem, como leem e atitudes decorrentes das escolhas que fazem. Estarem conscientes das consequências de seus atos, sejam no plano material, seja no plano sutil.

(1) Escritores, no livro Caminho, Verdade e Vida, Emmanuel, por Chico Xavier

Enfim, escritores devem estar atentos ao que escrevem e como escrevem – conteúdo e forma.

Lavar os pés

“Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés.
Respondeu-lhe
Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.”
(Jo 13:8)

É natural vejamos, antes de tudo, na resolução do Mestre, ao lavar os pés dos discípulos, uma demonstração sublime de humildade santificante.

Primeiramente, é justo examinarmos a interpretação intelectual, adiantando, porém, a análise mais profunda de seus atos divinos. É que, pela mensagem permanente do Evangelho, o Cristo continua lavando os pés de todos os seguidores sinceros de sua doutrina de amor e perdão.

O homem costuma viver desinteressado de todas as suas obrigações superiores, muitas vezes aplaudindo o crime e a inconsciência. Todavia, ao contacto de Jesus e de seus ensinamentos sublimes, sente que pisará sobre novas bases, enquanto que suas apreciações fundamentais da existência são muito diversas.

Alguém proporciona leveza aos seus pés espirituais para que marche de modo diferente nas sendas evolutivas.

Tudo se renova e a criatura compreende que não fora essa intervenção maravilhosa e não poderia participar do banquete da vida real.

Então, como o apóstolo de Cafarnaum, experimenta novas responsabilidades no caminho e, desejando corresponder à expectativa divina, roga a Jesus lhe lave, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.”

Contexto

*3 Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus,
4 Levantou-se da ceia, tirou as vestes, e, tomando uma toalha, cingiu-se.*

5 Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.

6 Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, tu lavas-me os pés a mim?

7 Respondeu Jesus, e disse-lhe: O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois.

8 Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo.

9 Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça.

10 Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos.

O lavar os pés era um costume judaico, mencionado já no Antigo Testamento.

O lavar os pés era uma necessidade, em razão das condições à época: estradas poeirentas e calçados tipo sandálias.

O costume era de o anfitrião providenciar água para que seus hóspedes pudessem lavar seus próprios pés, ou seria destinado um servo para que realizasse essa tarefa.

Há informações históricas de que esta tarefa era considerada humilhante, até mesmo para um servo judeu.

Diante dessas referências, seria mais do que estranhar Jesus tomar para si a tarefa de lavar os pés dos discípulos, não fosse a particularidade de ser Ele um Mestre e sempre aproveitar qualquer oportunidade para disponibilizar um aprendizado.

Mais do que curar, expor ensinamentos a seus discípulos e à multidão, viera exemplificar as lições que se propusera a oferecer a todos nós, em todas as épocas. Esta referência a ter ele, o Cristo, como proposta, o ensinar-nos, mesmo antes de sua passagem no Planeta como um homem na personalidade Jesus – vide Questão 626, no Livro dos Espíritos.

Encontramos em o livro O Consolador:

Pergunta:

“315 Por que razão Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, cingiu-se com uma toalha?”

Resposta:

“– O Cristo, que não desdenhou a energia fraternal na eliminação dos erros da criatura humana, afirmando-se como o Filho de Deus nos divinos fundamentos da Verdade, quis proceder desse modo para revelar-se o escravo pelo amor à Humanidade, à qual vinha trazer a luz da vida, na abnegação e no sacrifício supremos.”

Importante aqui lembrar o que está em João 13:10:

“10 Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos.”

3 Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado.

4 Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.

Encontramos interpretações a esta passagem e trazemos aqui duas:

- servirmos com humildade a nossos companheiros de jornada;
- o lavar os pés de alguém pode representar o levar a mensagem do Mestre a esse companheiro. Os ensinamentos de Jesus vêm a representar a água que proporciona o alívio pela libertação da “poeira” da estrada, da jornada em que nos encontramos.

O sermos lavados de nossas *impurezas*, pela conscientização da necessidade da nossa transformação moral, ética, espiritual.

É o renovar-se... o nascer de novo a que Jesus nos conclama.

O lavar os pés de nossos companheiros de jornada é cumprirmos nosso compromisso de divulgar o Evangelho, não só por palavras, como também pelo exemplo, sendo pessoas íntegras e fraternas. Verdadeiros servos do Evangelho do Mestre.

Obs.: Jesus e o Evangelho à luz da Psicologia profunda, de Joanna de Ângelis, Cap. A Busca:

Na senda do Cristo

Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.”

- Jesus (Mt 5:44)

Ao falarmos sobre a senda do Cristo, seria interessante remetermos inicialmente ao que Emmanuel nos oferece no livro A Caminho da Luz, Gênese Planetária, e ao que Livro dos Espíritos nos fala sobre o Ser Crístico que nos acompanha há milênios

No livro A Caminho da Luz:

“Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.” (1)

O Ser Crístico, Espírito puro, que tomou a personalidade **Jesus** enquanto entre nós há dois mil anos, está conosco, como Mentor, Modelo e Guia espiritual (1), desde seu gerenciamento na formação do Planeta.

Diante desse fato, poderemos inferir que, ao longo dos milênios da Humanidade Terrena, tudo o que nos foi oferecido como conhecimento esteve sob a gerência de um plano espiritual sob coordenação do Cristo (Jesus, como o conhecemos). Terão sido aqueles que tomaram para si a missão de divulgar os ensinamentos, ao longo desse tempo, intuídos por seus discípulos, ou representantes delegados, para abrir véus do conhecimento para o aprimoramento intelectual e moral da Humanidade terrena.

No Livro dos Espíritos, Questões 625 e 626, encontramos:

“625. Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem para lhe servir de guia e modelo?”

“Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus não-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.”

“626. Só por Jesus foram reveladas as leis divinas e naturais? Antes do seu aparecimento, o conhecimento dessas leis só por intuição os homens o tiveram?”

“Já não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Desde os séculos mais longínquos, todos os que meditaram sobre a sabedoria hão podido compreendê-las e ensiná-las. Pelos ensinamentos, mesmo incompletos, que espalharam, prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, possível foi ao homem conhecê-las, logo que as quis procurar. Por isso é que os preceitos que consagram foram, desde todos os tempos, proclamados pelos homens de bem; e, também por isso é que elementos delas se encontram, se bem que incompletos ou adulterados pela ignorância, na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie.”

No texto sob referência para nosso Estudo, Emmanuel oferece-nos uma perspectiva da vida de Jesus, o Mestre, em sua missão entre nós há dois mil anos:

- vitória da luz sobre as trevas, espinhos gerando flores, obstáculos a vencer;
- o retiro da elevação pelo sacrifício. Neste particular, importante trazermos uma leitura sobre palavra sacrifício, porque muitas vezes temos o olhar para esta palavra como sendo representativo de sofrimento. No entanto, a origem do termo está na união de outros dois – sacro ofício –, ofício sagrado;
- incompreensão e desconfiança dos de sua época;
- martírio e flagelação.

Não obstante tudo isso, mostra-se novamente e auxilia companheiros de jornada do seu ministério. Proporcionando-lhes novas esperanças, fortalecendo a confiança e a determinação no cumprirem seus propósitos como discípulos, na divulgação dos ensinamentos a eles disponibilizados.

O Espiritismo, como Evangelho redivivo, proporciona a nós um novo olhar para as experiências que vivenciamos em nossa jornada – são instrumentos para nosso aprendizado e reformulação de nossos objetivos perante a vida, ao longo de várias jornadas em corpo físico e no Plano Espiritual.

A conscientização dos propósitos no nosso caminhar é essencial para que consigamos encontrar o caminho da elevação espiritual.

Devemos sempre compreender qual é o compromisso que nos cabe cumprir. A cada um de nós é oferecida a oportunidade do aprendizado e este acontece na dinâmica da vida – observar, refletir, rever conceitos. Aguardar a luz do entendimento, tendo a ação como essencial na nossa jornada.

Jesus nos conclama a: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.” (Mt 5:44)

Refletir sobre esta passagem com o olhar que o Espiritismo nos traz. Um poema “Aprender, transformar-se e amar.”⁽²⁾

⁽¹⁾ A Caminho da Luz, Emmanuel, por Chico Xavier

⁽²⁾ Poema de Elda Evelina Vieira, no livro Aprender com o Mestre – Sobre o Amor, Capítulo “Amai os vossos inimigos”, Bookess Editora

Aprender, transformar-se e amar

Onde está, companheiro?
Estivemos juntos em passado remoto,
Vivenciamos experiências
Por vezes difíceis.
Incompreensão,
Desamor,
Injustiças,
Paixões desmedidas.
Não sei qual a nossa ligação!

Por certo estamos ligados,
Conectados por sentimentos,
Emoções nem sempre nobres,
Por vezes até inconfessáveis!
É até constrangedor reconhecer
E confessar a mim mesma.

Quero dizer a você, companheiro,
Que tenho tentado me conhecer,
Buscar no recôndito da minh'Alma,
Meus erros, meus deslizes,
Dos mais variados matizes.
Preciso encontrá-los,
Reconhecê-los,
Mais do que simplesmente isso,
Preciso resgatá-los!
Para tanto, meu primeiro passo
Está no me transformar, de certo.

Sei que me acompanha,
Olha para mim com os olhos do seu espírito,
Talvez com rancor, com mágoa,
Ódio até, talvez.
Nem sei o que lhe fiz,
Mas algo existe no seu Ser,
Marcado pela minha insensatez.

Volto a dizer, meu amigo,
Que busco me encontrar.
E no me encontrar,
O me transformar.
Quem sabe você,
Ao ver o meu novo ser,
Poderá perceber meu novo caminhar,
E nesse novo caminhar
Encontrar a minha busca
De aprender a amar?

Quem sabe, meu amigo,
Companheiro de vidas idas,
Venha até mesmo conseguir
Se descobrir como alguém
Capaz de também se encontrar
Ao me ver em novo proceder?
E podermos juntos, então,

Olhar um para o outro,
Abrindo novos sentimentos,
Emoções tocando o nosso novo Ser
Emoções de arrepender,
Do aprender e do se encontrar.
E nos abraçarmos,
Ainda que seja em sonhos
Ou em percepções sutis.

Um dia, quem sabe?
Poderemos nos encontrar em corpo,
E nos reconhecermos,
Não como desafetos
Mas como grandes amigos
Que aprenderam a se amar.

Nos dons de Cristo

“Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo.” Efésios 4:7

Convidada a falar sobre a mensagem de Emmanuel “Nos dons do Cristo” ⁽¹⁾, fiquei a refletir sobre a abordagem. Primeiro por querer entender o que poderíamos interpretar como sendo os “dons do Cristo” e, a partir de então, como tecer considerações que pudessem fazer-nos alcançar o objetivo almejado.

O contexto da referência de Emmanuel:

“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz.

Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.

Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo.” Efésios 4:1 a 7

A partir deste texto, podemos perceber que a rogativa de Paulo aos Efésios está, de forma explícita, fundamentada na busca pelo entendimento, em primeiro lugar, de qual seja a vocação dos seguidores do Evangelho – “(...) que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados (...)”. Para que soubessem qual a vocação, certamente precisariam conhecer-se, como também ao caminho que lhes fora ensinado.

Para nós espíritas seria como dizer: busquem o autoconhecimento e a compreensão sobre qual a missão com que teriam se comprometido quando do preparo para a reencarnação.

É fato que não podemos alcançar, com exatidão, quais compromissos assumimos ao reencarnarmos. No entanto, podemos ter indicações sobre o nosso caminhar desejado quando observamos os dons que nos foram disponibilizados para a jornada terrena; estudamos, com dedicação, os ensinamentos do Mestre; identificamos as portas que se abrem para o estudo e para o trabalho; ficamos atentos, com

empenho, a estes detalhes e qual caminhar estariam apontando para nós.

Esse estágio está mais compatível com os que já têm alguma noção do que a vida lhes mostra como comportamento desejado e necessário. Mesmo assim, nem todos os que estão nesse patamar de busca pela evolução apresentam disposição para o trabalho e o estudo na seara do Cristo. Mas, com certeza, já sabem o que têm pela frente, como também que precisam buscar o comprometimento nesse caminhar. O que fazem é adiar, tão somente. Inevitável, não obstante, será o abraçar sua missão algum dia.

Alerta-nos Emmanuel que, após vinte séculos em contato com o Cristianismo e ensinamentos de Jesus, já podemos nos considerar consciências esclarecidas pela razão. Esta afirmativa é profunda e intensa. Caso façamos uma análise sobre nossas vidas, nossas atitudes, tendo como referência o que já alcançamos de conhecimento, comparado com o que efetivamente estamos comprometidos, é provável que encontremos uma expressiva lacuna, um vazio a ser preenchido.

Ainda há uma “luta” interior entre o nosso eu material e o Eu espiritual. Entre o nosso Ego e o nosso verdadeiro Eu, o Espírito.

Mantemos cristalizados em nós alguns vícios e valores, egoísmo e vaidade, que não nos permitem buscar a luz que brilha à nossa frente. Esta está embaciada pelos valores terrenos ainda tão especiais para muitos de nós.

Ao longo de várias experiências em vidas pregressas, novos aprendizados, busca por novos olhares para os valores da vida, vamos agregando ao nosso Eu qualidades e valores imprescindíveis à nossa evolução espiritual.

Diz-nos Emmanuel, ainda, que essas qualidades sublimes são, na realidade, os dons de Jesus, expressando-se incipientes, reduzidos, regulares ou até mesmo expressivos, dependendo das condições em que nos encontramos espiritualmente.

À medida que plasmamos virtudes em nosso Ser, despertamo-nos para uma verdade singela, mas nem sempre clara a nós. A partir de então, disponibilizamos a nós mesmos a oportunidade de nos preenchermos, ainda que aos poucos, com a graça divina, e deixamo-la crescer dentro de nós.

A rogativa de Paulo, na Carta aos Efésios, é como um chamamento para nós. Procuremos criar em nós solo fértil em nossos corações para que as “sementes” oferecidas pelo Cristo venham a germinar e produzir frutos da nossa boa-vontade distribuída ao nosso redor, em forma de graças.

Importante ressaltar que grandes mudanças não ocorrem de forma instantânea. Faz-se necessário o autoaperfeiçoamento e este só ocorre com o esforço disciplinado e constante.

O andar nos dons do Cristo remete ao entendimento de que precisamos aprender com o Mestre do Amor e da Renúncia.

À medida que aprendemos, focados nos dons do Cristo, e nos aperfeiçoamos, disponibilizamos nosso Ser, o Eu espiritual, a ser ocupado e enriquecido pela Graça Divina.

Elda Evelina Vieira – do livro Evangelho é Amor II, Bookess Editora

(1) Fonte Viva, Capítulo 25, Emmanuel, por Chico Xavier

Podemos tomar como referência, para nossas reflexões sobre como encontrarmos nosso caminho de elevação espiritual, aproximando-nos daquele Ser que o Cristo espera de nós, podemos citar as Bem-aventuranças.

Bem-aventuranças – Mateus 5:3 a 11

“Jesus, pois, vendo as multidões, subiu ao monte; e, tendo se assentado, aproximaram-se os seus discípulos, e ele se pôs a ensiná-los, dizendo:

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram aos profetas que foram antes de vós.”

Reflexões ⁽²⁾

Bem-aventurados os humildes de espírito - Sermos humildes de espírito é reconhecermos que ainda muito temos a aprender; que não somos sábios, não detemos a verdade e temos muito a crescer. Dispomo-nos a buscar o progresso espiritual.

Bem-aventurados os que choram - Aqueles que choram por arrependimento sincero, diante do erro cometido. Não só com relação a si, ao próximo, como também com relação a Deus.

Reconhecem o seu erro, têm o coração sofrido. Choram por terem errado, mas não se mantêm na dor do erro e do arrependimento. Buscam o crescimento, a evolução, o aprendizado, novos caminhos. Buscam a sua reforma íntima. Empenham-se na correção do seu erro.

Bem-aventurados os mansos - Precisamos ser fortes, ser confiantes para conseguirmos ser mansos, pacíficos. Quando não somos mansos, nós demonstramos a nossa fraqueza espiritual.

Sentindo-nos prejudicados pela atitude de alguém, não reagimos de forma agressiva. Sermos tolerantes, no sentido de sermos compassivos com essa pessoa. Não concordarmos com o que ela fez, mas reconhecermos que ela ainda tem muito a caminhar, precisando de uma mão amiga, da nossa tolerância, da nossa compaixão.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça - A expressão “sede de justiça” remete-nos ao sentimento de o quanto queremos que as coisas sejam corretas, o quanto gostaríamos que o mundo funcionasse melhor. O quanto gostaríamos de que existisse mais paz no mundo, que a humanidade fosse mais consoladora e compassiva.

Se temos sede de justiça nesse sentido, vamos tentar ser pessoas que levam essa mensagem, que buscam transmitir isso às outras pessoas.

Agindo assim, seremos fartos. Fartos pela satisfação em exercitarmos o bem e estarmos tentando fazer com que isto ocorra à nossa volta. Mas é importante que esse processo seja de forma mansa, sem imposições nem agressividade.

Bem-aventurados os misericordiosos - Ter compaixão, ou ser misericordioso, é sentir: eu estou em você e você está em mim; eu sinto o que você sente e você sente o que eu sinto. Perceber, com um simples olhar, quando o outro está triste ou alegre. Quando eu sinto uma dor não é só eu quem a sente, sentem todos os que estão conectados pelo sentimento da compaixão. Sentem a mesma emoção, têm a mesma percepção.

Bem-aventurados os limpos de coração - Limpos de coração, de coração puro. Aquele que reconhece o seu erro, reconhece os seus limites. Acolhe qualquer aprendizado, qualquer ensinamento, de coração aberto.

Bem-aventurados os pacificadores - Anteriormente falamos sobre a mansidão. O pacificador está além do manso, pois, pacificador além de ter a paz interior, ele procura promover a paz.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça - Quando buscamos um caminho novo, nesse caso um caminhar com Cristo, poderemos não ser exatamente perseguidos, mas, de certa forma, poderemos ser marginalizados, segregados, ou mesmo apenas observados como diferentes.

Bem-aventurados somos porque, apesar de as pessoas à nossa volta não nos acolher como seus parceiros de jornada, em razão de estarmos mudando, permanecemos no nosso caminhar em busca da nossa evolução.

(1) Livro Reflexões Evangélicas, Elda Evelina, Bookess Editora

Opiniões

Precisamos prestar atenção a como conduzimos nossas ideias, conclusões, decisões.

Precisamos ter firmeza de propósitos. Convicções em nossas formas de pensar. Enfim, mais confiança em nós mesmos.

Se passamos por dificuldades na condução de nossas maneiras de ver a vida, fazer análises das circunstâncias em que estamos envolvidos e tomar decisões... há alguns caminhos que podemos seguir:

- analisar com muito cuidado o que se apresenta a nós;
- buscar percepções claras quanto a caminhos alternativos para soluções de eventuais problemas a serem solucionados;
- se necessário, ou conveniente, ouvir alguém mais experiente no assunto que se faz presente. Não necessariamente assumir para si as soluções ou ideias apresentadas, mas tê-las como suporte para novas reflexões e olhares para o que se apresenta a ser resolvido.

Quando ainda se mantém a insegurança, importante nos colocarmos em prece buscando conexão com nossa consciência. Nosso Ser interior, canal de conexão com o Plano Espiritual, de onde por certo há de vir sugestões de cunho assertivo a nos conduzir ao caminho mais seguro e confiável.

Por vezes, recorreremos a companheiros de jornada que respeitamos. Consideramos de confiança, e muitos realmente merecem nosso crédito.

No entanto, há outros que não têm a mesma lisura em seus propósitos. Em assim sendo, necessário se faz termos lucidez e cuidado ao buscarmos apoio para tomada de decisões. Quanto mais séria a questão, mais cuidado deveremos ter.

Como se refere Emmanuel no texto Opiniões, é possível a muitos, que venham a seguir a mesma jornada que nós, não terem a prudência necessária para nos aconselhar.

Também que poderemos estar sujeitos a comentários e sugestões advindas de mentes imprudentes, quem sabe também desleais.

Saibamos escolher nossos companheiros de caminhada. Sejam leais, conscientes, prudentes, sinceros e simples.

Somos passíveis de sermos alvo de mentes inquietas e imprudentes.

Diz-nos Emmanuel em suas reflexões:

“O homem da verdade será compreendido apenas, em tempo adequado, pelos espíritos que se fizerem verdadeiros. O prudente não receberá aplausos dos imprudentes.”

Se nossa jornada segue por caminhos edificantes e pautados nos ensinamentos do Mestre, sigamos em frente com a consciência tranquila. Não nos esmoreçamos e sejamos firmes em nossos propósitos.

Sejamos cautelosos e atentos ao que nos ocorre à volta.

Muitas opiniões que surgem a nosso respeito têm sua origem na inveja, no desconhecimento do que há em nosso íntimo, do que pensamos – nossa busca interior pelo aprendizado e abertura de novos caminhos.

A verdade está sempre presente, muitas vezes nós não a percebemos.

Precisamos clarear nossas ideias e deixar fluir o que acolhemos como aprendizado. Deixar aflorar o que já ameahamos ao longo do nosso caminhar – seja por experiências positivas ou até mesmo negativas. Há sempre algo a aprender e apreender se nos mantivermos sensíveis ao que a vida que nos ensinar.

O nosso dever deverá se conciliar sempre com a verdade e conexão com os nobres ensinamentos do Mestre.

Parentela

Fiquei vários dias sem saber como começar a abordar este tema para o Estudo.

Emmanuel oferece-nos conceitos distintos para os termos Parentela e Família.

Parentela poder-se-ia entender como um grupo de Espíritos que se reúnem para o exercício de aprendizados na convivência diária.

Como ele próprio define: *“cadinho de lutas... em que devemos diluir as imperfeições dos sentimentos, fundindo-os na liga do amor para a eternidade”*.

Oportunidade providencial para que venhamos a aprender como lidar com a diversidade em suas mais variadas expressões: valores, emoções, conceitos, sejam religiosos ou filosóficos. A convivência cotidiana coloca-nos frente a frente com as divergências que requer de nós a tolerância, humildade, respeito, indulgência, fraternidade. Exercício contínuo do afeto por aqueles de nossas relações mais próximas. Esse exercício promove o amoldar-nos aos requisitos de que nos fala o Mestre – a paz, o entendimento, a amorosidade.

Como Família, Emmanuel simplifica dizendo simplesmente: *“os laços de eterno amor”*.

Joanna de Ângelis, no livro Estudos Espíritos, traz-nos reflexões interessantes a respeito do tema Família. Aparentemente poderíamos considerar divergirem das definições de Emmanuel. No entanto, tendo o cuidado de ler as definições oferecidas por ela, perceberemos serem tão só complementares às de Emmanuel.

Traz-nos ela a definição de lar:

– *“é a renúncia e a dedicação, o silêncio e o zelo que se permitem àqueles que se vinculam pela eleição afetiva ou por meio do impositivo consanguíneo, decorrente da união”*.

Sobre família ela complementa:

– *“famílias espirituais frequentemente se reúnem na Terra em domicílios diferentes, para as realizações nobilitantes com que sempre se viram a braços os construtores do mundo.”*

– *“Retornam ao mesmo grupo consanguíneo os espíritos afins, a cuja oportunidade às vezes preferem renunciar, de modo a concederem aos desafetos e rebeldes do passado o ensejo da necessária*

evolução, da qual fruirão após as renúncias às demoradas uniões no mundo espiritual.”

Na definição de Lar, Joanna de Ângelis traz, de certa maneira, o conceito de Parentela que oferece Emmanuel. Espíritos que se reúnem para o aprendizado. Muitas vezes, encontro para o exercício da dor, da renúncia, do aprendizado mais difícil de que estejam necessitados para seu processo evolutivo. Como Emmanuel diz, *“diluir as imperfeições dos sentimentos”*.

Ressaltando a afirmativa de Joanna de Ângelis, quando diz que alguns Espíritos – os mais conscientes – preferem renunciar ao encontro em grupo de seus afins *“de modo a concederem aos desafetos e rebeldes do passado”* oportunidades do exercício da renúncia e ajustes, necessários ao processo anelado por todos nós: a evolução do Espírito.

Estes já percebem estarmos realmente necessitados do conviver que promove nossos ajustes. Não há evolução sem contraposição que nos exige reflexão, refazimento de conceitos, avaliação de valores e reposicionamento perante a vida.

Complementa Joanna de Ângelis:

“A família é mais do que o resultante genético... São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas e árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina, no mesmo grupo doméstico em que medram. As nobres expressões da elevação espiritual da Terra.”

Não obstante Emmanuel e Joanna de Ângelis deem a impressão de estarem definindo de formas diferentes o conceito de Família, se prestarmos bem atenção perceberemos que se diferem tão só nos termos.

Emmanuel usa os termos Parentela e Família para apresentar entendimentos sobre família no conceito do mundo:

Parentela – relações consanguíneas, grupo de convivência cotidiana;

Família – encontro de espíritos com laços espirituais *“de eterno amor”*.

Joanna de Ângelis usa o termo família para as duas versões desses agrupamentos de espíritos, definindo as circunstâncias de cada um deles.

Com esta frase de Emmanuel, podemos encerrar a reflexão tendo uma percepção bem clara do alcance dos termos Parentela e Família:

“A família não seria a parentela, mas a parentela converter-se-ia, mais tarde, nas santas expressões da família”.

Parábola do Semeador

Jesus falava por parábolas e os exemplos de que se utilizava faziam parte da vida daqueles que o seguiam e ouviam; do dia a dia das pessoas, do que conheciam e viviam. Ele procurava exemplos que permitissem ao povo entender sobre a própria vida, sua esperança, suas tristezas, seus sonhos e sofrimentos. Falava a partir do amor.

Eis a parábola do semeador: Mateus 13:1-8 (Marcos 4:3-9 e Lucas 8:4-15)

1 *No mesmo dia, tendo Jesus saído de casa, sentou-se à beira do mar;*

2 *e reuniram-se a ele grandes multidões, de modo que entrou num barco, e se sentou; e todo o povo estava em pé na praia.*

3 *E falou-lhes muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear.*

4 *e quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e comeram.*

5 *E outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra: e logo nasceu, porque não tinha terra profunda;*

6 *mas, saindo o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou-se.*

7 *E outra caiu entre espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram.*

8 *Mas outra caiu em boa terra, e dava fruto, um a cem, outro a sessenta e outro a trinta por um.*

Jesus saiu de casa. Isso é muito significativo, pois é necessário “sair de casa” para realizar algo. Muitas vezes nós ficamos fechados na casa da nossa vida, dos nossos interesses, do nosso egoísmo. Muitas vezes não somos capazes de sair de casa, sair da nossa segurança, sair do espaço e das coisas que controlamos.

Por receio do que nos possa acontecer nós nos trancamos no individualismo, não arriscamos.

Para semear precisamos sair como Jesus saiu e como também saiu o Semeador.

O Semeador não guardou a semente, “ele saiu a semear”. A semente não deve ficar guardada, escondida, ela precisa ser lançada ao solo

para que brote e produza frutos. A semente guardada pode perder-se por apodrecer ou por ficar velha e estéril.

Precisamos nos conscientizar de que a semente contém em si o mistério da frutificação. Ela contém tudo o que é necessário para a formação de uma árvore e sua capacidade de produção dos frutos.

Muitas vezes nós acreditamos que não vale a pena sair a semear por não valer a pena tentar mudar as coisas. Achamos que não iremos conseguir transformar o mundo à nossa volta e, por isso, não vale a pena o risco.

É quando nos fechamos no nosso egoísmo, ficamos enclausurados no nosso medo.

Precisamos sair desse casulo que formamos em torno de nós, precisamos “sair de casa” e acolher a esperança de conseguir transformar nossos caminhos.

Lembro-me de uma frase do Padre Júlio Lancellotti: “Nós acolhemos para transformar e nos transformamos para colher.” Diz ele ainda que quem confia “sai de casa” para semear.

A semente é um ótimo exemplo para essa reflexão. Ela acolhe a terra, acolhe a água e se transforma, exuberante. Torna-se uma árvore, ou mesmo um arbusto, e eclode os botões que surgem produzindo frutos que são colhidos para iniciar um novo ciclo de acolhimento, transformação e colheita. Acolhimento representa o amor em ação, caridade, responsabilidade e compromisso.

Colocando-se Jesus à beira do mar, “*reuniram-se a ele grandes multidões...*”.

Jesus se apresentou com autoridade moral por todo o tempo em que esteve conosco. A multidão se acercava dele atraída por sua vibração de amor.

Quando nos colocamos à disposição da renovação e do trabalho no bem, com o coração fraterno, nós percebemos a aproximação de pessoas, em torno de nós, à busca de aconchego, carinho, amparo, orientação e segurança.

Com essa constatação, mais responsáveis devemos nos reconhecer pelo que sentimos, pensamos, fazemos, falamos e demonstramos no dia a dia.

Ao sair a semear o semeador distribuiu suas sementes, independente do tipo de solo que estava pelo seu caminho. Não se preocupou se o solo era estéril ou fértil. Não ficou questionando se valia a pena o risco ou se o seu trabalho produziria resultados. Ele simplesmente cumpriu a missão a que se propôs – semear as sementes.

A semente é a mensagem do Evangelho, os ensinamentos de Jesus, o Cristo. Nós somos o solo em que as sementes são lançadas. Há vários tipos de pessoas e diferentes são seus níveis de evolução e de receptividade à mensagem do Evangelho do Cristo.

Os “semeados” à beira do caminho são os que ficam dispersos, insensíveis aos ensinamentos. Não estão em condições de compreender os ensinamentos contidos na semente do Evangelho do Cristo.

Protelam a oportunidade de aprender e internalizar os ensinamentos; preferem permanecer no comodismo e não percebem a grandiosidade e importância do viver com Cristo.

Os “semeados” em lugares pedregosos são superficiais na sua visão da vida. De pronto recebem a mensagem, mas logo a esquecem e seguem o seu caminho. Não deixam que os ensinamentos criem raízes. São pessoas que se encantam com a mensagem, respondem de imediato aos chamados ao trabalho. Apesar disso, diante de qualquer obstáculo se afastam e desistem de prosseguir com o aprendizado.

No entanto, vale ter também um outro olhar sobre essa questão. Mesmo nesses lugares há terra entre as pedras e pode haver sementes que ali se enraízem. Essas sementes representam pessoas que aceitam o Evangelho, apesar de eventuais circunstâncias adversas e embaraços que as envolvem. Normalmente são essas que mais se afirmam no acolhimento da semente em suas vidas, pois essas sementes que brotam entre as pedras fixam suas raízes de forma profunda e dificilmente se deixam arrancar.

Os “semeados” entre os espinhos são frágeis em seu entendimento e facilmente são envolvidos pela falsa luz das facilidades, pelo brilho dos falsos tesouros e acabam sufocados na busca pelas realizações fáceis e conquistas materiais.

Os “semeados” que frutificam são aqueles que acolhem a semente em seu coração, confiam e se transformam em novos semeadores.

Colhem os frutos da sementeira e se comprazem com o resultado do seu trabalho. São aqueles que “acolhem para se transformar e se transformam para colher”.

Todos nós já nos encontramos, em algum momento, na condição de solos “à beira do caminho”, ou “pedregosos”, “entre espinhos” e até mesmo como de “boa terra”.

Há momentos em que estamos refratários a algum tipo de aprendizado por não quisermos mudar a nossa rotina; preferimos a facilidade do usufruir as conquistas materiais e protelamos o nosso caminhar à luz do Evangelho do Mestre.

Em outras circunstâncias, vemo-nos sufocados pela intolerância, autoritarismo; enfim, pelo orgulho e pela vaidade. Valorizamos mais o Ter do que o Ser melhor.

Há, no entanto, a grande esperança na reformulação dos nossos conceitos e valores. Todos estamos em processo de crescimento espiritual e, em algum momento, iremos acordar para o que realmente importa em nossas vidas – reencontrar o Ser puro que existe em nós, a luz que brilha em nossa alma e agregar os ensinamentos maiores em nossas vidas.

Não só nos reconhecemos como solos férteis, mas também, e principalmente, transformarmo-nos em Semeadores da Boa Nova - acolher para se transformar e se transformar para colher.

No livro Reflexões Evangélicas II, Elda Evelina, Bookess Editora

Podere's occultos

É muito comum encontrarmos seguidores de Jesus assumindo para si faculdades especiais. Seja no conhecimento dos textos bíblicos, dos conteúdos divulgados por grandes estudiosos do Evangelho, na capacidade de expressão de conhecimentos adquiridos, como também, no caso do Espiritismo, da expressividade no exercício da mediunidade.

Por certo, é fato que seguidores fiéis ao Mestre e a seus ensinamentos se dediquem, de forma esmerada, no estudo e compreensão dos conteúdos dos Evangelhos e de outras publicações afins. Almejem conhecer de maneira profunda, dentro da capacidade de cada um, nessa lição de alta importância no nosso caminhar.

É procedente que essa dedicação aos estudos e ao entendimento realmente ocorra. O aprendizado é de suma importância para que venhamos a nos dedicar, em nossas vidas, ao exercício dos ensinamentos do Mestre da forma mais fiel que nos for possível. O trabalho, nessa linha de entendimento, torna-se mais efetivo quanto mais buscarmos o aprendizado e a compreensão dos temas. Quanto mais alcançamos a essência dos ensinamentos, melhores pessoas poderemos ser. Esta referência nos faz lembrar do Apóstolo Paulo em sua carta aos Coríntios - ***“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo.”*** (II Co 5:17)

Além do aprendizado sob referência, se efetivo e de resultado eficaz em nossas vidas, não só alcançaríamos a condição de ser uma nova criatura em nosso íntimo, também seríamos dedicados e fiéis trabalhadores, no passo a passo de nossas ações junto à sociedade, no convívio diuturno com a família, com companheiros de trabalho profissional, com parceiros nas mais variadas atividades que venhamos abraçar durante nossa caminhada como Espíritos encarnados, em busca da renovação e da evolução – meta a que todos deveremos estar empenhados.

A procura pela posição de evidência é a expressão do orgulho. Expor esse perfil psicológico é demonstrar fragilidade no caminhar espiritual e moral.

Conhecer de forma profunda o Mestre, seus ensinamentos, seus predicados como filho amado do Pai, é o buscar o entendimento de nova criatura ser ao longo de nosso caminhar.

Alerta-nos Emmanuel em seu texto “Poderes ocultos” (1):

“É compreensível que o discípulo estude e se enriqueça de energias espirituais, recordando-se, porém, de que, antes do nosso, permanece o bem dos outros e que esse bem, distribuído no caminho da vida, é a voz que falará por nós a Deus e aos homens, hoje ou amanhã.”

A aquisição do conhecimento, a dedicação ao trabalho, o aprimoramento das nossas faculdades intelectuais e espirituais deverão estar sempre dirigidos ao bem de nosso próximo – companheiros de jornada. Seja em planos físicos ou sutis. O respeito, a compreensão dos limites de cada um (inclusive de si mesmo), o exercício da fraternidade e, sobretudo, do Amor em sua melhor expressão.

Quando chegar a nossa vez de nos recolhermos ao Plano Espiritual, sermos vistos como trabalhadores na Seara do Mestre, reconhecidos como verdadeiros instrumentos na divulgação dos ensinamentos de Jesus, não só intelectualmente como também, e de forma mais expressiva e contundente, pelo Ser que conseguimos vir a ser.

Per que dormis?

“E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação.” (LUCAS, 22: 46)

Nos ensinamentos fundamentais de Jesus, é imperioso evitar as situações acomodáticas, em detrimento das atividades do bem.

O Evangelho de Lucas, nesta passagem, conta que os discípulos “dormiam de tristeza” ⁽¹⁾, enquanto o Mestre orava fervorosamente no Horto. Vê-se, pois, que o Senhor não justificou nem mesmo a inatividade oriunda do choque ante as grandes dores.

O aprendiz figurará o mundo como sendo o campo de trabalho do Reino, onde se esforçará, operoso e vigilante, compreendendo que o Cristo prossegue em serviço redentor para o resgate total das criaturas.

Recordando a prece em Getsêmani, somos obrigados a lembrar que inúmeras comunidades de alicerces cristãos permanecem dormindo nas convivências pessoais, nos mesquinhos interesses, nas vaidades efêmeras. Falam do Cristo, referem-se à sua imperecível exemplificação, como se fossem sonâmbulos, inconscientes do que dizem e do que fazem, para despertarem tão só no instante da morte corporal, em soluços tardios.

Ouçamos a interrogação do Salvador e busquemos a edificação e o trabalho, onde não existem lugares vagos para o que seja inútil e ruinoso à consciência.

Quanto a ti, que ainda te encontras na carne, não durmas em espírito, desatendendo aos interesses do Redentor. Levanta-te e esforça-te, porque é no sono da alma que se encontram as mais perigosas tentações, através de pesadelos ou fantasias.

Assisti a uma palestra há poucos dias que nos traz muitos desses fundamentos. Esta proferida por uma profissional da área de Cuidados Paliativos Exclusivos – HOSPECE, Dra. Ana Cláudia Quintela de Arantes ⁽³⁾. Área da Medicina se propõe a oferecer cuidados muito especiais a pacientes em estado terminal, e a seus familiares.

Aqui uma afirmativa trazida por ela durante a palestra:

– “A melhor definição que eu tive de fé até hoje foi da mãe de um paciente meu que era Testemunha de Jeová. Eu sempre falo sobre ele, do Paulo. Ele tinha 44 anos e essa mulher estava perdendo o segundo filho, porque tinha falecido um irmão do Paulo, com leucemia. Ele não ia falecer porque ele não aceitou tomar transfusão de sangue. Ele ia falecer porque ele tinha um câncer avançado.”⁽²⁾

E aí, numa reunião da família, perguntei se eles tinham alguma dúvida para me perguntar sobre os cuidados que a gente iria oferecer para o Paulo, na Unidade de Cuidados Paliativos Exclusivos que se chama HOSPECE. E a mãe do Paulo me disse: Dra. Ana, nem eu, nem a minha família escolhemos passar por isso, mas se Deus acredita que nós somos capazes, nós não vamos decepcionar Deus. Nós vamos passar por isso. E eu tenho certeza de que Deus, em sua infinita misericórdia vai nos oferecer tudo de que a gente precisar para poder passar por isso com dignidade e com nossa família unida.

Essa foi a melhor definição de Fé que eu já ouvi em minha vida”

– em outro momento ela diz:

“Por que será que a gente precisa da doença para dar valor ao nosso tempo?

Por que será que a gente precisa perder a saúde para ganhar tantas outras coisas?

Porque as pessoas perdem a saúde, mas ganham muita bênção depois que elas adoecem. E elas ganham as bênçãos quando elas escolhem se entregar para o tempo que se revela diante delas.”

A leitura dessas afirmativas exige de nós reflexões profundas. Alguns podem estar neste momento questionando o que a Dra. Ana disse. Precisamos prestar atenção em cada palavra e na composição das frases acima.

Enquanto tudo está bem em nossas vidas, deixamos de prestar atenção no tempo que temos à nossa disposição. No entanto, quando percebemos que o tempo existente à nossa frente se mostra restrito a um período bem definido ou quase isso... passamos a valorizar os dias que ainda temos para usufruir na vida. E percebemos que nos resta pouco tempo para fazer coisas importantes que fomos deixando de lado. É hora de fazemos uma lista de prioridades e escolher como queremos viver esse tempo que nos resta. Vou concluir essas

reflexões trazendo novamente percepções oferecidas por Joanna de Ângelis.

Quando temos em nós a Fé clara e lúcida, enfrentamos com coragem e confiança quaisquer empecos que se nos apresente a vida. Calma e confiança quanto ao que nos virá acontecer. Afirma ela: “Não tem pressa, nem se angustia, porque sabe que os empecos exigem remoção e as sombras precisam de luz para que desapareçam.”⁽³⁾

Devemos buscar, então, a razão, a confiança e a esperança, fundamentos oferecidos pelo Cristo. Estes que nos fortalecem e fazem irradiar ao nosso redor a energia de que precisamos para seguir no caminhar e no realizar: afastar os obstáculos e proporcionar luz que removem as trevas da insegurança, do medo e da desesperança.

(1) Viver pela Fé, no livro Caminho, Verdade e Vida, Emmanuel, por Chico Xavier, FEB Editora

(2) Dra. Ana Cláudia Quintela de Arantes – link para vídeo - <https://youtu.be/Wbt6kCnRaV>

(3) Jesus e o Evangelho – à luz da Psicologia profunda, Joanna de Ângelis, por Divaldo Franco, FEB Editora



Prece e obsessão

Como ser receptivo a auxílios espirituais

Há momentos em que nos sentimos frágeis e buscamos a Prece em nosso íntimo. Falar com Deus, buscar Seu auxílio.

Lembrando o Salmo 37:5:

“Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele o fará.”

Não raro, costumamos nos colocar no aguardo desse auxílio, desse amparo. Simplesmente esperamos pelas benesses, pelo socorro.

Em outros momentos, além da fragilidade em enfrentar as dificuldades buscando esse contato em prece, vamos ao encontro de auxílio em grupos religiosos. Uma bênção, uma palestra, o passe. Uma leitura edificante que nos desperte a novas percepções e caminhos.

No entanto, em qualquer dessas circunstâncias é usual que aguardemos, acreditando que tão só a prece e o apoio de outrem venham resolver nossas questões, sejam emocionais, espirituais ou materiais.

Voltando ao versículo acima referido, qual seria a interpretação do *“entregar o caminho ao Senhor, confiar nele...?”*

Indo um pouco além nesta reflexão. Qual interpretação poderemos oferecer para o *“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”*

O que realmente representa amar a Deus?

Ir a grupos religiosos? Ler o Evangelho? Fazer estudos sobre os ensinamentos do Mestre?

Será que tão somente estas expressam amar o Pai e aplicar o Evangelho em nossas vidas?

Vamos refletir sobre isso.

O que realmente nos transforma espiritualmente?

Quais caminhos seguir para efetivamente demonstrar o quanto acolhemos dos ensinamentos do Evangelho em nossas vidas?

Bastaria cumprir o mandamento maior: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo”.

Jesus, na Ceia com seus discípulos, ofereceu uma nova versão para este mandamento: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como eu vos amei a vós”.

Como Jesus expressou o Seu amor por todos nós:

– bondade, dedicação, consciência do dever, ensinamentos sobre o viver – honrar, amar, respeitar, não julgar, estar disponível ao auxílio, ao amparo...

Até que ponto estamos demonstrando amar o próximo como Jesus nos amou?

A Providência Divina cuida de nós. Estamos envolvidos por essa energia indistintamente. Somos todos filhos amados.

No entanto, como ocorre em toda a Natureza, o amor é reciprocidade. Recebemos esta bênção e, envoltos por essa energia, desde que não ofereçamos obstáculos para esse acolhimento em nosso campo vibracional, somos naturalmente impelidos a compartilhar o bem que recebemos.

A energia salutar está à nossa disposição, indistintamente e a todo tempo. Depende de nós estarmos disponíveis a deixá-la realizar sua função de cuidado e bem-estar espiritual.

O que seria estarmos disponíveis ao acolhimento da energia disponibilizada pela Providência Divina?

Colocar em prática os ensinamentos oferecidos pelo Mestre, representante dos ensinamentos do Pai entre nós.

Como Emmanuel nos coloca no texto Prece e obsessão:

“A Providência Divina, pelas providências humanas, sustenta o amparo indiscriminado a todas as criaturas, mas estatui a reciprocidade em todos os processos de ação pelos quais a bondade da vida se manifesta.” (1)

Quando estudamos o Evangelho, precisamos ter consciência de que o estudo deverá levar-nos à consciência da necessidade de aplicar os ensinamentos em nossas vidas. Nos relacionamentos diários com nossos companheiros de jornada.

Aqui algumas reflexões:

- quando doentes, buscamos o tratamento. Este exigirá de nós respeitar as orientações profissionais. Se remédios, deveremos tomá-los. A forma como o remédio deverá ser administrado deverá ser de acordo com as necessidades ou limitações físicas ou emocionais;
- não haverá tratamento se não nos dispusermos a participar do processo. A ajuda medicamentosa não será efetiva se não participarmos com o nosso corpo físico. Como exemplificado pelo mentor de Chico Xavier:

“Administrar-se-á medicamento ao enfermo, mas não se pode eximi-lo do concurso necessário. E se o paciente não consegue ou não deve acolher os recursos precisos, através da boca, é constrangido a recebê-los por intermédio dos poros, das veias ou de outros canais do corpo.”

Todo socorro essencial ao veículo físico reclama a participação do veículo físico.

Ninguém extingue a própria fome pelo esôfago alheio.

Assim, também, nas necessidades do espírito.”

Esta participação se fará da forma que for mais viável para cada elemento que busca o tratamento.

No caso dos processos obsessivos, ou mesmo que sejam tão somente de envolvimentos espirituais perturbadores, o buscador pelo socorro espiritual deverá participar efetivamente do tratamento.

E o que deverá ser esta participação?

A nossa parte no processo de tratamento espiritual é o renovar-se através do estudo, na prática dos ensinamentos oferecidos. O simples

acolher as informações é receber a prescrição e ficar a olhar para o medicamento, sem participação do corpo físico. Não fará efeito.

Receber a prescrição médica – estudar o Evangelho –, analisar os medicamentos sugeridos – aprender sobre as palavras do Mestre –, encontrar a forma mais adequada para “ingerir” o medicamento – conhecer-se melhor, apreender os ensinamentos e aplicá-los em nossas vidas.

Este é o caminho que torna efetiva a ação da Prece.

Mais uma vez citando Emmanuel:

“Comparemos a prece e a obsessão ao anseio de saber e ao tormento da ignorância.”

Diante da “ignorância” aqui representada pela obsessão, busquemos a aquisição do saber, representado pelo estudo, dedicação e renovação do nosso Ser – o nascer de novo a que nos conclama o Mestre.

Paz e luz

(1) Prece e obsessão, no livro Opinião espírita, Emmanuel, por Chico Xavier

Aprender, transformar-se e amar **Elda Evelina Vieira**

Onde está, companheiro?
Estivemos juntos em passado remoto,
Vivenciamos experiências
Por vezes difíceis.
Incompreensão,
Desamor,
Injustiças,
Paixões desmedidas.

Não sei qual a nossa ligação!
Por certo estamos ligados,
Conectados por sentimentos,
Emoções nem sempre nobres,
Por vezes até inconfessáveis!
É até constrangedor reconhecer
E confessar a mim mesma.

Quero dizer a você, companheiro,
Que tenho tentado me conhecer,
Buscar no recôndito da minh'Alma,
Meus erros, meus deslizes,
Dos mais variados matizes.
Preciso encontrá-los,
Reconhecê-los,
Mais do que simplesmente isso,
Preciso resgatá-los!
Para tanto, meu primeiro passo
Está no me transformar, de certo.

Sei que me acompanha,
Olha para mim com os olhos do seu espírito,
Talvez com rancor, com mágoa,
Ódio até, talvez.
Nem sei o que lhe fiz,
Mas algo existe no seu Ser,
Marcado pela minha insensatez.

Volto a dizer, meu amigo,
Que busco me encontrar.
E no me encontrar,
O me transformar.
Quem sabe você,
Ao ver o meu novo ser,
Poderá perceber meu novo caminhar,
E nesse novo caminhar
Encontrar a minha busca
De aprender a amar?

Quem sabe, meu amigo,
Companheiro de vidas idas,
Venha até mesmo conseguir
Se descobrir como alguém
Capaz de também se encontrar
Ao me ver em novo proceder?
E poderemos juntos, então,
Olhar um para o outro,
Abrindo novos sentimentos,
Emoções tocando o nosso novo Ser
Emoções de arrepender,
Do aprender e do se encontrar.
E nos abraçarmos,

Um dia, quem sabe?
Poderemos nos encontrar em corpo,
E nos reconhecermos,
Não como desafetos
Mas como grandes amigos
Que aprenderam a se amar.

Ainda que seja em sonhos
Ou em percepções sutis.

*Simplicidade e pureza de
coração*

Procurando algo a dizer sobre o tema, encontrei um diálogo de Francisco de Assis com Frei Leão que pode parecer-nos bem interessante para este estudo.

Começa assim a interlocução entre os dois:

Francisco pergunta a frei Leão: Irmão, sabe acaso o que é a pureza de coração?

Responde-lhe o frei: É não termos falta alguma de que nos acusemos.

Francisco acrescenta, percebendo a tristeza de frei Leão: porque temos sempre alguma coisa de que nos acusar.

Leão concorda.

Oferece então Francisco uma reflexão muito interessante a respeito do que deveria ser ter puro o coração.

Não dever preocupar-se tanto com a pureza da própria Alma e sim voltar o olhar para Deus. Ainda somos imperfeitos e é um sentimento humano compreensível, mas não deveríamos deixar que a distância que existe entre nós e Deus acarrete tristeza e insegurança.

Precisamos elevar o nosso olhar para mais alto.

O coração puro é aquele que toma profundo interesse pela própria vida em Deus.

Sugere esvaziar-se da insegurança e fragilidade interior e vibrar na alegria em Deus. Esse vazio ocorrido em nós, ao aceitarmos Deus, abrirmo-nos à Sua plenitude, é preenchido pela presença inefável do Pai e Criador.

Não devemos guardar o que nos pesa, inclusive as próprias falhas.

O nosso desejo de perfeição muda em um simples e puro querer de Deus. ⁽¹⁾

A partir do momento em que temos consciência dessa necessidade e buscamos mudar nossas atitudes, tentarmos identificar a presença de Deus em nós. Essa busca, em razão das fragilidades que ainda se mantêm em nós, precisará ser constante – abrirmo-nos à Sua plenitude e deixarmos-nos preencher pela Sua presença.

Quando Jesus disse aos discípulos: “Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o Reino de Deus é para os que se lhes assemelham. – Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará.” (Mc 10:13-16), faz despertar em nós o interesse em compreender a essência das palavras do Mestre.

Tomando como referência as reflexões de Francisco de Assis, poderemos interpretar as palavras do Mestre dizendo que uma criança, ainda em sua inocência, frágil, simples e humilde, tem puro o coração. Deixa-se ser preenchida do que lhe podemos oferecer. É nossa responsabilidade saber proporcionar o que lhe é útil e necessário ao seu desenvolvimento intelectual, moral e espiritual.

A partir do início do seu desenvolvimento, suas ideias tomam gradualmente impulso. Não obstante ser um Espírito com vivências anteriores e experiências que lhe proporcionaram conhecimento, emoções agradáveis ou não, encarna com a bênção do esquecimento, as ideias que lhe formam o caráter acham-se ainda adormecidas.

Devemos então, como responsáveis pelo encaminhamento desse Ser, a nós legado pela divina providência, preencher esse vazio (na acepção de Francisco de Assis) com os ensinamentos de Jesus – deixar irem a Ele as criancinhas –, mostrar-lhes o aceitar Deus, fazê-los conhecer o Seu amor e sentir a Sua presença em suas vidas.

É o momento mais oportuno para esse proceder, enquanto seus instintos se conservam moldáveis, mais acessíveis aos ensinamentos que lhes possam transformar o caráter e facilitar sua evolução. Torna mais fácil a tarefa, compromissos assumidos pelos pais ou responsáveis.

O transitar pelo período da infância, temporariamente vestido da roupagem da inocência, reflete a sabedoria divina em ação. E Jesus demonstra, na sua orientação a seus discípulos, conhecer e aplicar bem o que o Pai lhe confiou para nos ensinar nesse processo de aprendizado, não só do nosso Ser como também daqueles que fazem parte de nossa jornada, nossos companheiros nesse momento na eternidade.

Há um texto de Emmanuel em que nos fala precisamente sobre essa orientação de Francisco de Assis, quanto a deixar-se preencher pela presença de Deus. Assim nos fala o mentor de Francisco Cândido Xavier ⁽²⁾:

Pureza

*Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.
Jesus (Mt 5:8)*

“Estudando a palavra do Mestre divino, recordemos que no mundo, até hoje, não existiu ninguém quanto ele, com tanta pureza na própria alma.

Cabe-nos, pois, lembrar como Jesus via no caminho da vida, para reconhecermos com segurança que, embora na Terra, sabia encontrar a Presença divina em todas as situações e em todas as criaturas.

Para muita gente, a manjedoura era lugar desprezível, entretanto, Ele via Deus na humildade com que a natureza lhe oferecia maternos colo e transformou a estrebaria num poema de excelsa beleza.

Para muita gente, Maria de Magdala era mulher sem qualquer valor, pela condição de obsidiada em que se mostrava na vida pública; no entanto, Ele via Deus naquele coração feminino ralado de sofrimento e converteu-a em mensageira da celeste ressurreição.

Para muita gente Simão Pedro era homem rude e inconstante, indigno de maior consideração; contudo, Ele via Deus no espírito atribulado do pescador semianalfabeto que o povo menosprezava e transmutou-o em paradigma da fé cristã, para todos os séculos.

Para muita gente, Judas era negociante de expressão suspeita, capaz de astuciosos ardis em louvor de si mesmo; no entanto, Ele via Deus na alma inquieta do companheiro que os outros menoscabavam e estendeu-lhe braços amigos até o fim da penosa deserção a que o discípulo distraído se entregou, invigilante.

Para muita gente, Saulo de Tarso era guardião intransigente da Lei antiga, vaidoso e perverso, na defesa dos próprios caprichos; contudo, Ele via Deus naquele espírito atormentado, e procurou-o pessoalmente, para confiar-lhe embaixada importante.

Se purificares, assim o coração, identificarás a presença de Deus em toda parte, compreendendo que a esperança do Criador não esmorece em criatura alguma, e perceberás que a maldade e o crime são apenas espinheiro e lama que envolver o campo da alma – o brilhante divino que virá fatalmente à luz...

E aprendendo e servindo, ajudando e amando passarás, na Terra, por mensagem incessante de amor, ensinando os homens que te rodeiam a converter o charco em berço de pão e a entender que, mesmo nas profundezas do pântano, podem surgir lírios perfumados e puros para exaltar a glória de Deus.”

(1) Fonte de consulta - www.ofmscj.com.br/?p=2559

(2) Em o livro Religião dos espíritos, FEB, Cap. Pureza

Socorramos

Como se dá nossas vidas tendo como referência o convívio diário com nossos companheiros de jornada? Sejam parentes, amigos, colegas de trabalho. Independente da frequência com que se dá esses relacionamentos.

Todos nós apresentamos características distintas e, por vezes, tão diferentes que nem nos reconhecemos como fazendo parte de uma mesma família.

Termos vínculos consanguíneos, até mesmo características físicas bem semelhantes e, ainda assim, pensarmos diferentes, agirmos diferentes, reagirmos também de formas diferentes, mesmo quando somos provocados de maneira semelhante.

Emmanuel, em seu texto Parentela (Caminho, verdade e vida), faz uma distinção bem clara do significado entre o termo Parentela e o termo Família. Interessante refletirmos um pouco sobre a que se refere o mentor e guia do querido Chico Xavier.

Parentela seria a reunião de Espíritos que ainda não alcançaram entendimento amável entre si. Não conseguiram se ajustar e precisam, nesse encontro no Plano físico, encontrar caminhos que proporcionam o bem viver em comunidade.

Família é o encontro de Espíritos já avançados nesse processo de convivência harmônica proporcionando, de forma mais equilibrada, relacionamentos saudáveis e benfazejos.

Em qualquer dessas situações, precisamos ter em mente que o convívio requer que tenhamos propósito de manter relacionamentos de forma mais consensual possível.

Muitas vezes somos levados a um rompante que nos deixa chateados pela atitude desequilibrada. Agimos sem pensar.

Em outros momentos, ao quisermos ajudar alguém, achamo-nos em condições de aconselhar e encontrar soluções. Ajudar é uma atitude que poderá vir a auxiliar. No entanto, precisamos ter equilíbrio e bom senso no alinhamento de nossas atitudes e procedimentos.

Muitas vezes tomamos partido de uma das partes, eventualmente venhamos a tomar um posicionamento de quem pensa ter as soluções, sem a devida avaliação da situação em questão.

Censuramos sem buscar entendimento da real situação ali encontrada. Achamo-nos em condições de corrigir quando não conseguimos ajustar a nós mesmos.

Esse procedimento virá a criar mais problemas, afastando as pessoas de seu convívio, de amigos muito caros e até mesmo familiares.

Tendo o tema em estudo o título “Socorramos”, devemos tomar como fundamento, do desenrolar do raciocínio, o como “Auxiliar” um companheiro de jornada.

É de bom proceder o buscar entendimento do que ocorre à volta do problema encontrado. Conhecer as causas, o evoluir de eventual desentendimento, as questões levantadas e procedimentos porventura causas de desavenças e impedimentos de se chegar a ajustes e acertos amigáveis e serenos.

Emmanuel diz-nos:

“Situemo-nos aos pés dos problemas em que se encontram e atendamos à prestação do serviço silencioso.”

Podemos refletir a respeito:

A serenidade é excelente companheira no desenrolar da busca das razões do desentendimento ali encontrado.

“Se aparece oportunidade, algo façamos para testemunhar-lhes apreço.

No pensamento, guardemo-los todos em vibrações de entendimento e carinho.”

O respeito e o carinho são ingredientes favoráveis no alinhamento da conversa e na busca por soluções.

“Na palavra, envolvamo-los na benção do verbo nobre.”

As emoções, a energia que trazemos em nós, poderão perturbar a busca pelo entendimento. As expressões resultantes de perturbações emocionais usualmente proporcionam dificuldades para entendimento e bem-estar entre os integrantes nesse processo em andamento.

É de bom alvitre que saibamos escolher as palavras e expressões mais adequadas ao encaminhamento de uma conversa, na tentativa do entendimento para encontro de soluções para as questões levantadas

“Na atitude, amparemo-los quanto seja possível.”

Além das palavras, também importa, e muito, a forma como procedemos no desenvolver das questões em discussão.

Muitas vezes deixamos as emoções tomarem conta de nossas atitudes. Esse procedimento faz com que a maneira como agimos tomem uma forma desajustada e impetuosa, caso nossas emoções emanem energia de mesmo feitio.

“Em todo e qualquer processo de ação, fortalecê-los para o bem é o nosso dever maior.”

Sejamos coerentes com o aprendizado que buscamos, a cada dia, nos ensinamentos do Mestre Jesus.

Busquemos coerência entre o estudar e o aplicar o aprendizado acolhido.

As nossas atitudes perante a vida, e diante de nossos companheiros de jornada, espelham o que realmente trazemos em nós. As atitudes são a expressão da nossa verdade interior. Não há como enganar a nós mesmos e àqueles que partilham conosco a vida e a energia que nos envolve.

A todo momento compartilhamos pensamento, energias, palavras – ainda que não expressas de forma audível. Somos propagadores do que sentimos e do que vibramos.

Ainda que tentemos guardar no recôndito da Alma algum sentimento ou palavras, a vibração, decorrente de qualquer processo interior, é propagada pelos elementos, ainda que muito sutis, à nossa volta.

Se pensamos algo negativo, a energia desse pensar alcança distâncias inimagináveis à nossa capacidade, ainda limitada.

Como também as vibrações essencialmente positivas, proporcionando resultados favoráveis aos ambientes no alcance dessa movimentação de energias.

“Em todo e qualquer processo de ação, fortalecê-los para o bem é o nosso dever maior.”

Agir, pensar, vibrar energias salutares à nossa volta. Promover o bem, seja material ou espiritualmente. Somos responsáveis pelo mundo que “criamos” à nossa volta, em decorrência das vibrações que propagamos. Não é só a pequenas distâncias. Ao vibrarmos fazemos vibrar a matéria à nossa volta que, a partir de então, também fará vibrar os elementos que serão sensibilizados nesse processo.

A ciência hoje comprova o que há algum tempo foi apresentado como teoria.

O Espiritismo também traz para nós informações que nos levam a acolher esse princípio de propagação de energias decorrentes do pensamento, das palavras, dos sentimentos e assemelhados.

Uma energia que nos circunda, a pequena, média ou longa distância contém, em sua essência, um elemento a que denominamos fluidos. Assim encontramos:

“Os fluidos possuem qualidades?

Eles são, em si, neutros, pois não possuem características próprias; as adquirem no meio onde se elaboram.

Como são o veículo do pensamento, este pode modificar-lhes as propriedades, impregnando-os de qualidades boas ou más, pela influência da pureza ou impureza dos pensamentos.

Assim, sob o aspecto moral, eles podem carregar a marca dos sentimentos de ódio, inveja, ciúme, egoísmo, ou, de bondade, amor, caridade, doçura. Sob o aspecto físico, podem ser excitantes, calmantes, penetrantes, irritantes, tóxicos, reparadores. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, virtudes e vícios da Humanidade.” (André Luiz)

Somos Seres em evolução

Este Estudo tem como referência o “O Espiritismo pergunta”, no livro O Espírito da Verdade ⁽¹⁾.

Contempla, ao longo de suas reflexões, experiências que tenhamos vivenciado, alertando-nos para o fato de necessitarmos ficar atentos a situações que nos marcaram e marcam, como Espíritos, ao longo de várias existências.

Um alerta para o fato de que o corpo físico, que ora nos abriga, é definido pelo corpo espiritual resultante de várias experiências, opções havidas, comportamentos, comprometimentos.

O texto proporciona reflexões que devemos acolher com muita atenção.

Detalha, de forma minuciosa, repercussões decorrentes do nosso transitar por lugares e épocas. Circunstâncias decorrente do nosso Livre arbítrio, ao longo de nossas várias jornadas.

Ficam registradas, no Espírito, todas essas experiências e, não raro, estas se repetem no nosso jornadaear.

Alerta-nos para o fato de essas experiências, que nos são oportunizadas, terem como foco o buscarmos a nossa renovação como Ser. Aprendizados a clarear nossas mentes para um novo olhar dirigido, fundamentalmente, para nossa evolução espiritual.

No livro A Gênese, Cap. XI - Gênese espiritual, encontramos:

Capítulo XI ***Gênese espiritual:***

“É inata ao homem a ideia da perpetuidade do ser espiritual; essa ideia se acha nele em estado de intuição e de aspiração.

Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. (...)

(...) O corpo e, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, (...)

Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para suas atividades, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida se tornar inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.”

Há de convir que, observando esse processo, mais ainda, vivenciando-o, temos a impressão de transitarmos por sofrimentos, dado o nosso apego ao corpo e à vida. Isso se deve por ainda não internalizarmos o princípio inerente ao progresso espiritual.

Como vimos no texto de A Gênese, a evolução do Espírito exige a reformulação do corpo físico. Quanto mais aquele se desenvolve na escala evolutiva, mais o outro precisa ser reorganizado em suas propriedades para acompanhar e proporcionar condições de trabalho e cumprimento das tarefas de que aquele está incumbido.

Interpretarmos, desta forma, a passagem objeto deste Estudo:

“Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele”. (Mt 11:12)

O Reino dos céus, ou Reino de Deus, é alcançado no burilamento do Espírito que somos. Exige de nós empenho, persistência, determinação, entendimento, sem os quais não alcançaremos nossos propósitos.

A esse processo poderemos, dada a nossa condição ainda de “meninos espirituais”, denominar de esforço, ou até mesmo de violência (da Natureza).

Quando alcançarmos o entendimento necessário, perceberemos que todo esse processo é natural e necessário. Seremos gratos por proporcionar a nós o alcance de patamares mais elevados na morada espiritual e o atingimento, de futuro, à condição de Espíritos Puros e a convivência estreita com nossos semelhantes.

Importante trazer aqui uma interpretação de passagem de o livro Apocalipse (último livro do Novo Testamento). O contexto é: João (autor do livro em referência), fora arrebatado aos planos ou dimensões superiores da vida para que vivenciasse ali o que as consciências evoluídas promoviam a respeito do processo evolutivo do planeta Terra e seus habitantes.

Aquelas consciências não permanecem ociosas, trabalham constantemente na administração dos mundos.

Menciona João que se a Terra fosse colocada tão só nas mãos do homem, com certeza já a teríamos destruído.

A misericórdia divina permite que irmãos mais experientes intervenham em oportunidades muito específicas para auxiliar o ser humano nas dificuldades em que vive.

Explica que as guerras, as bombas, as agressões à natureza e o clamor de milhares de vidas afetam a morada cósmica. O homem, com seus pensamentos e ações de violência e desequilíbrio promove cargas mentais tóxicas e quantidades expressivas de ectoplasma são lançadas na atmosfera psíquica do mundo, abalando estruturas do planeta.

Assim, é imprescindível uma ação saneadora geral, conduzida pelos responsáveis espirituais que orientam o destino da Terra. A limpeza psíquica e física do ambiente planetário faz-se premente e esta ação poderá promover uma mais intensa cota de dor e sofrimento, nas provações coletivas.

Precisamos, no entanto, compreender que este processo deflagrado é, tão só, o prenúncio de um novo despertar da consciência do homem e o seu renascer para uma nova vida – o filho das estrelas.

Quando João faz referência aos anciãos com suas coroas de ouro, é uma alusão a suas posições ante a humanidade: governadores dos mundos, hierarquia cósmica, auxiliares da Suprema Consciência, para orientação dos destinos da humanidade, em suas mais variadas formas. Expressam submissão ao Cristo, é a significação da esperança, pois se processa no mundo pela misericórdia e sabedoria daquele que é o divino pastor de nossas almas.

A renovação da Terra é precedida por tempos em que vivenciaremos crises, dores e espasmos como se fossem dores do parto, como quando uma mulher está para dar à luz.

“No caso da humanidade terrena, as dores morais, os conflitos sociais e as catástrofes coletivas são o prenúncio do nascimento de nova raça de homens, de uma nova mentalidade.” (citação do livro “Apocalipse, uma interpretação espírita das profecias”, espírito Estêvão – pseudônimo escolhido pelo autor espiritual –, por Robson Pinheiro).

Por mais difíceis possam parecer as dores e dificuldades, simples colheitas pelos nossos atos, devemos ter em Jesus a nossa âncora sublime em que confiar. Ele não nos abandona, é o timoneiro do barco cósmico que nos abriga, e guia a nave terrestre ao porto seguro do seu amor.

(1) Militão Pacheco, por Chico Xavier

Tempo de confiança

E aconteceu que, num daqueles dias, entrou num barco com seus discípulos, e disse-lhes: Passemos para o outro lado do lago. E partiram.

E, navegando eles, adormeceu; e sobreveio uma tempestade de vento no lago, e enchiam-se de água, estando em perigo.

E, chegando-se a ele, o despertaram, dizendo: Mestre, Mestre, estamos perecendo. E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança.

E disse-lhes: Onde está a vossa fé? E eles, temendo, maravilharam-se, dizendo uns aos outros: Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem? Lc 8:22-25

“E disse-lhes: Onde está a vossa fé?” — (Lc 8:25)

“A tempestade estabelecera a perturbação no ânimo dos discípulos mais fortes. Desorientados, ante a fúria dos elementos, socorrem-se de Jesus, em altos brados.

Atende-os o Mestre, mas pergunta depois:

– Onde está a vossa fé?

O quadro sugere ponderações de vasto alcance. A interrogação de Jesus indica claramente a necessidade de manutenção da confiança, quando tudo parece obscuro e perdido. Em tais circunstâncias, surge a ocasião da fé, no tempo que lhe é próprio.” (1)

Creio que aqui precisamos de uma pausa para refletir o que representa ter fé.

Muitos de nós entende como uma força espiritual, na convicção de que, se tivermos fé, tudo irá se resolver. Bastaria orarmos, nos recolhermos em meditação, e os problemas irão se dissolver e poderemos seguir em frente sem temor.

Será que ter fé é simplesmente confiar que tudo estará bem, os problemas serão afastados e não precisaremos fazer mais coisa alguma? Simplesmente esperar e seguir em frente?

Ao pensarmos assim, não estaremos nos disponibilizando ao exercício a que nos convoca o Mestre.

Que exercício é esse? O exercício dirigido ao aprendizado que nos remeterá a novos planos e novas experiências.

O aprendizado ocorre quando acolhemos as dificuldades com o olhar da oportunidade de evolução:

- busca do conhecimento oferecido pelas circunstâncias;
- compreensão quanto aos meios que poderíamos utilizar para vencer obstáculos que surgem em nossa caminhada;
- mantermo-nos atentos às razões de tais fatos terem surgido, para podermos ser ações preventivas quanto a novas ocorrências;

Compreendendo o processo a que estamos sujeitos no nosso caminhar, poderemos controlar, de certa forma, as experiências que nos ocorrem.

A confiança é sustentada nesses basilares:

- sabermos que temos condições de enfrentar as dificuldades;
- vencer os obstáculos, seguirmos fortalecidos na autoconfiança que se baseia no autoconhecimento;
- a certeza de que Deus só quer o nosso bem. Tudo o que ocorre é para nosso desenvolvimento intelectual, emocional e espiritual.

Ao orarmos, deveríamos dirigir nossos pensamentos para o ter forças para enfrentar o desconhecido, sabermos utilizar o conhecimento conquistado, mantermo-nos tranquilos para não nos desestabilizarmos, o que em muito dificultaria alcançarmos nossos objetivos.

Lembra-nos Emmanuel que: *“Se há ensejo para trabalho e descanso, plantio e colheita, revelar-se-á igualmente a confiança na hora adequada.”*⁽¹⁾

Necessário que estejamos sempre conscientes de que experiências irão nos exigir preparo em vários sentidos. É a maneira como a vida estaria aferindo valores conquistados por nós.

Para que aprendamos a vencer obstáculos, precisamos que esses aconteçam. O otimismo é decorrente de resultados positivos alcançados por nós – confiança.

As relações pessoais que formamos em nossa jornada são testadas em momentos difíceis. Elas se fortalecem e se mantêm como resultado de nossos esforços no administrar fraternalmente eventuais desacertos.

O aprendizado efetivo dos ensinamentos do Mestre decorre do exercitar e alcançar resultados positivos em situações adversas ao longo do nosso caminhar, como espíritos.

Por vezes, poderemos sentir-nos inseguros diante de problemas mais difíceis, mas não podemos desistir de seguir em frente, ou mesmo nos desestabilizarmos emocional e espiritualmente. Confiar por termos exercitado os ensinamentos e estarmos seguros de podermos vencer cada etapa.

Lembra-nos Emmanuel: *“E outros obstáculos sobrevirão, até que o discípulo aprenda a dominar-se, a educar-se e a vencer, serenamente, com as lições recebidas.”*⁽¹⁾

Para aprendermos uma lição precisamos repetir os exercícios. Sejam tarefas de escola, sejam afazeres no dia a dia em nossas casas. A cada tarefa bem cumprida, a cada resultado positivo alcançado, mais e mais nos sentiremos seguros nos nossos afazeres diários.

Assim também na vida, como espíritos que somos.

Finaliza Emmanuel suas reflexões no tema Tempo de Confiança: *“E outros obstáculos sobrevirão, até que o discípulo aprenda a dominar-se, a educar-se e a vencer, serenamente, com as lições recebidas.”*⁽¹⁾

A cada obstáculo que conseguirmos retirar do nosso caminho, mais fortalecidos nos sentiremos. Mais capazes de seguir em frente e vencer novos desafios. Mais aprendizados coletados mais competentes para vencer novos desafios. Até que consigamos sentir-nos seguros e vitoriosos diante de eventuais desafios.

Lembre-mo-nos sempre de, ao orarmos, não só pedirmos, mesmo que seja com justas razões. Sejamos gratos a cada vitória alcançada. O sentimento de gratidão promove em nós novas forças e confiança no prosseguir.

Tempo de confiança, no livro Caminho, Verdade e Vida, Emmanuel, por Chico Xavier

Viver pela Fé

“Mas o justo viverá pela fé.” Paulo (Rm, 1: 17)
(...) – se tiverdes fé como um grão de mostarda
direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há
de passar; e nada vos será impossível. (Mt 17:20)

Diz-nos Joanna de Ângelis ⁽¹⁾ que a Fé se apresenta em duas expressões: natural e adquirida.

Como expressão natural, é espontânea, sem a necessidade de maiores reflexões. Manifestação da capacidade racional do Ser Humano.

A expressão adquirida é resultado de reflexões por elaboração do pensamento. Resultado de elucubrações sistemáticas. Fortalece-se pela sedimentação dos resultados significativos, diante das experiências positivas e dos fatos claramente percebidos. Adquirimos confiança que nos leva a enfrentar as dificuldades com convicção.

Há ainda uma terceira expressão de como poderemos perceber a Fé. Memórias de experiências anteriores. Circunstâncias enfrentadas e resultados obtidos a partir de decisões tomadas e atitudes levadas a efeito, diante de enfrentamentos semelhantes aos do passado. Experiências vivenciadas e registradas em nossa memória.

A Fé deve estar sedimentada na razão. Deveremos observar o limite de nossas capacidades realizadoras. Entre a Fé e a ação deverá existir a reflexão, a avaliação ponderada entre o que se pode observar diante do desejo de se alcançar um objetivo. Avaliar os próprios limites, as condições que se apresentam diante da análise dos meios e recursos a serem utilizados para a efetivação do que se pretende. Saber definir com segurança: é o caso de se realizar o pretendido ou devermos deixar de fazê-lo.

Usualmente tomamos decisões que entendemos serem decorrentes da Fé, da Esperança, da Confiança em Deus. Alerta-nos Joanna de Ângelis: “Em face da proposta de que nada é impossível quando se crê, é necessário decodificar o que significa essa crença, à luz da Psicologia Profunda, para não se tobar no fanatismo perturbador e insensato”.

Importante também trazeremos reflexões de Emmanuel para passagem em carta de Paulo aos Romanos 1:17: “Mas o justo viverá pela fé.”

Aqui temos o alerta de que a demonstração de Fé não se dá por manifestações exteriores. A verdadeira demonstração da Fé dá-se ao nos apresentarmos como criaturas de Deus “em todas as circunstâncias da existência”.⁽²⁾ Fidelidade às Leis advindas do Pai, impressas em nossa Consciência.

Pontos importantes quanto ao confiarmos ao nos propormos a algo:

– se estivermos em uma situação tranquila, sem grandes problemas a enfrentar... tenhamos moderação em nossas ações e propósitos;

– estamos atravessando situações difíceis que nos exigem esforço e até mesmo trazem-nos preocupações? Confiemos, tenhamos firmeza nos propósitos de seguir em frente sem nos esmorecermos. Poderão ser exercícios necessários à nossa caminhada para que fiquemos mais fortes e determinados na condução de nossas vidas;

– sentimo-nos frágeis diante da sensação de estarmos sem suportes onde nos apoiarmos para nos impulsionarmos para seguir em frente? Abracemos a certeza na confiança de que Deus não nos abandona. Algumas intempéries são instrumentos, como alavancas, onde encontramos novas forças para vencermos dificuldades e agregarmos novas forças para abrir novos horizontes em nossas vidas;

– somos visitados por fragilidades em nosso corpo físico – debilidades e doenças –, desesperança, até mesmo perda de um ente querido? Esses acontecimentos, considerados infortúnios por muitos de nós, poderão proporcionar o abrir de novos olhares em nossas vidas. Muitos desses oferecem novas oportunidades de uma vida firmada na fé, apoiadas em disposições dos fundamentos Cristãos.

Aqui uma afirmativa trazida por uma médica durante a palestra.⁽¹⁾

– *“A melhor definição que eu tive de fé até hoje foi da mãe de um paciente meu que era Testemunha de Jeová. Eu sempre falo sobre ele, do Paulo. Ele tinha 44 anos e essa mulher estava perdendo o segundo filho, porque tinha falecido um irmão do Paulo, com leucemia. Ele não ia falecer porque ele não aceitou tomar transfusão de sangue. Ele ia falecer porque ele tinha um câncer avançado.*

E aí, numa reunião da família, perguntei se eles tinham alguma dúvida para me perguntar sobre os cuidados que a gente iria oferecer para o Paulo, na Unidade de Cuidados Paliativos Exclusivos que se chama HOSPECE. E a mãe do Paulo me disse: Dra. Ana, nem eu, nem a minha família escolhemos passar por isso, mas se Deus acredita que nós somos capazes, nós não vamos decepcionar Deus. Nós vamos passar por isso. E eu tenho certeza de que Deus, em sua infinita misericórdia vai nos oferecer tudo de que a gente precisar para poder passar por isso com dignidade e com nossa família unida.

Essa foi a melhor definição de Fé que eu já ouvi em minha vida”

– em outro momento ela diz: “Por que será que a gente precisa da doença para dar valor ao nosso tempo?

Por que será que a gente precisa perder a saúde para ganhar tantas outras coisas?

Porque as pessoas perdem a saúde, mas ganham muita bênção depois que elas adoecem. E elas ganham as bênçãos quando elas escolhem se entregar para o tempo que se revela diante delas.”

A leitura dessas afirmativas exige de nós reflexões profundas. Alguns podem estar neste momento questionando o que a Dra. Ana disse. Precisamos prestar atenção em cada palavra e na composição das frases acima.

Enquanto tudo está bem em nossas vidas, deixamos de prestar atenção no tempo que temos à nossa disposição. No entanto, quando percebemos que o tempo existente à nossa frente se mostra restrito a um período bem definido ou quase isso... passamos a valorizar os dias que ainda temos para usufruir na vida. E percebemos que nos resta pouco tempo para fazer coisas importantes que fomos deixando de lado. É hora de fazemos uma lista de prioridades e escolher como queremos viver esse tempo que nos resta.

Vou concluir essas reflexões trazendo novamente percepções oferecidas por Joanna de Ângelis.

Quando temos em nós a Fé clara e lúcida, enfrentamos com coragem e confiança quaisquer empecos que se nos apresente a vida. Calma e confiança quanto ao que nos virá acontecer. Afirma ela: “*Não tem pressa, nem se angustia, porque sabe que os empecos exigem remoção e as sombras precisam de luz para que desapareçam.*” ⁽¹⁾

Devemos buscar, então, a razão, a confiança e a esperança, fundamentos oferecidos pelo Cristo. Estes que nos fortalecem e fazem irradiar ao nosso redor a energia de que precisamos para seguir no caminhar e no realizar: afastar os obstáculos e proporcionar luz que removem as trevas da insegurança, do medo e da desesperança.

(1) Vide referência no capítulo 'A alma após a morte'

(2) Jesus e o Evangelho – à luz da Psicologia profunda, Joanna de Ângelis, por Divaldo Franco, FEB Editora

(3) Viver pela Fé, no livro Caminho, Verdade e Vida, Emmanuel, por Chico Xavier, FEB Editora

(4) Dra. Ana Cláudia Quintela de Arantes – link para vídeo - <https://youtu.be/Wbt6kCnRaV8>



A Alma após a morte

“Mas o justo viverá pela fé.” Paulo (Rm, 1: 17)

(...) – se tiverdes fé como um grão de mostarda direis a este monte: Passa daqui para acolá, e há de passar; e nada vos será impossível. (Mt 17:20)

Diz-nos Joanna de Ângelis ⁽¹⁾ que a Fé se apresenta em duas expressões: natural e adquirida.

Como expressão natural, é espontânea, sem a necessidade de maiores reflexões. Manifestação da capacidade racional do Ser Humano.

A expressão adquirida é resultado de reflexões por elaboração do pensamento. Resultado de elucubrações sistemáticas. Fortalece-se pela sedimentação dos resultados significativos, diante das experiências positivas e dos fatos claramente percebidos. Adquirimos confiança que nos leva a enfrentar as dificuldades com convicção.

Há ainda uma terceira expressão de como poderemos perceber a Fé. Memórias de experiências anteriores. Circunstâncias enfrentadas e resultados obtidos a partir de decisões tomadas e atitudes levadas a efeito, diante de enfrentamentos semelhantes aos do passado. Experiências vivenciadas e registradas em nossa memória.

A Fé deve estar sedimentada na razão. Deveremos observar o limite de nossas capacidades realizadoras. Entre a Fé e a ação deverá existir a reflexão, a avaliação ponderada entre o que se pode observar diante do desejo de se alcançar um objetivo. Avaliar os próprios limites, as condições que se apresentam diante da análise dos meios e recursos a serem utilizados para a efetivação do que se pretende. Saber definir com segurança: é o caso de se realizar o pretendido ou devermos deixar de fazê-lo.

Usualmente tomamos decisões que entendemos serem decorrentes da Fé, da Esperança, da Confiança em Deus. Alerta-nos Joanna de Ângelis: “Em face da proposta de que nada é impossível quando se crê, é necessário decodificar o que significa essa crença, à luz da Psicologia Profunda, para não se tobar no fanatismo perturbador e insensato.”

Importante também trazeremos reflexões de Emmanuel para passagem em carta de Paulo aos Romanos 1:17: “Mas o justo viverá pela fé.”

Aqui temos o alerta de que a demonstração de Fé não se dá por manifestações exteriores. A verdadeira demonstração da Fé dá-se ao nos apresentarmos como criaturas de Deus “em todas as circunstâncias da existência”.⁽²⁾ Fidelidade às Leis advindas do Pai, impressas em nossa Consciência.

Pontos importantes quanto ao confiarmos ao nos propormos a algo:

– se estivermos em uma situação tranquila, sem grandes problemas a enfrentar... tenhamos moderação em nossas ações e propósitos;

– estamos atravessando situações difíceis que nos exigem esforço e até mesmo trazem-nos preocupações? Confiemos, tenhamos firmeza nos propósitos de seguir em frente sem nos esmorecermos. Poderão ser exercícios necessários à nossa caminhada para que fiquemos mais fortes e determinados na condução de nossas vidas;

– sentimo-nos frágeis diante da sensação de estarmos sem suportes onde nos apoiarmos para nos impulsionarmos para seguir em frente? Abracemos a certeza na confiança de que Deus não nos abandona. Algumas intempéries são instrumentos, como alavancas, onde encontramos novas forças para vencermos dificuldades e agregarmos novas forças para abrir novos horizontes em nossas vidas;

– somos visitados por fragilidades em nosso corpo físico – debilidades e doenças –, desesperança, até mesmo perda de um ente querido? Esses acontecimentos, considerados infortúnios por muitos de nós, poderão proporcionar o abrir de novos olhares em nossas vidas. Muitos desses oferecem novas oportunidades de uma vida firmada na fé, apoiadas em disposições dos fundamentos Cristãos.

A leitura dessas afirmativas exige de nós reflexões profundas. Alguns podem estar neste momento questionando o que a Dra. Ana disse. Precisamos prestar atenção em cada palavra e na composição das frases acima.

Enquanto tudo está bem em nossas vidas, deixamos de prestar atenção no tempo que temos à nossa disposição. No entanto, quando percebemos que o tempo existente à nossa frente se mostra restrito a um período bem definido ou quase isso... passamos a valorizar os

dias que ainda temos para usufruir na vida. E percebemos que nos resta pouco tempo para fazer coisas importantes que fomos deixando de lado. É hora de fazermos uma lista de prioridades e escolher como queremos viver esse tempo que nos resta.

Vou concluir essas reflexões trazendo novamente percepções oferecidas por Joanna de Ângelis.

Quando temos em nós a Fé clara e lúcida, enfrentamos com coragem e confiança quaisquer empecos que se nos apresente a vida. Calma e confiança quanto ao que nos virá acontecer. Afirma ela: *“Não tem pressa, nem se angustia, porque sabe que os empecos exigem remoção e as sombras precisam de luz para que desapareçam.”* ⁽¹⁾

Devemos buscar, então, a razão, a confiança e a esperança, fundamentos oferecidos pelo Cristo. Estes que nos fortalecem e fazem irradiar ao nosso redor a energia de que precisamos para seguir no caminhar e no realizar: afastar os obstáculos e proporcionar luz que removem as trevas da insegurança, do medo e da desesperança.

Após o desenlace da experiência física, há uma continuidade da vida, não mais como Alma, e sim como Espírito. Vale lembrar que, no espiritismo, denominamos Alma o Espírito que passa pela experiência em corpo físico. Por conseguinte, Espírito é o que verdadeiramente somos, independente de estarmos vivenciando experiência material.

Serão novas oportunidades para o aprendizado, o reconhecimento do que somos, de como nos comportamos, em que fomos bons, ou não, como poderemos ser melhores.

Dependendo da forma como conduzimos nossa vida terrena, encontraremos amigos, parentes de encarnações passadas (transatas), poderão ser momentos de saudades, de resolver questões não concluídas com companheiros de jornadas anteriores, novos aprendizados, novas lições e provas que nos oportunizarão crescimento espiritual e proximidade com nossas metas.

Saber o como vivenciar nossas experiências em corpo físico, sabermos da necessidade de aprendermos mais e melhor sobre nossa responsabilidade em relação às Leis Divinas inscritas em nossa consciência; acreditar na vida futura, o que nos aguarda como seres em processo evolutivo, a importância de nos reconhecermos como seres eternos; o encadeamento das experiências vivenciadas, a

interação de tudo o que nos ocorre e nas relações com outros espíritos, independente de estarmos encarnados ou não.

A vida continua e é de grande valor assumirmos essa verdade.

Internalizando esse conceito e aprendendo mais e mais sobre viver, seja no plano físico ou no plano sutil; a interação entre essas experiências, implicações de nossas atitudes, não importando o *onde*, o *quando*, mas sendo de profundo valor o *como*, teremos probabilidade de acertar em nossas escolhas e beneficiarmo-nos dos resultados a serem obtidos com essa noção de responsabilidade, consciência e dever junto à espiritualidade mais elevada que nos acolhe, orienta, consola e instrui. Mais ainda, junto ao Amado Mestre que nos aguarda com confiança e esperança em nós.

Passando a refletir o que é o processo do envelhecimento e o caminhar para o desenlace da vida material.

O que se entende como morte do corpo físico é a extinção de suas funções vitais. É uma definição óbvia. Com o envelhecimento ou deterioração do corpo, este fica frágil, mesmo quando jovens e acometidos de uma determinada doença. Isto é fácil de compreender.

O que poderíamos falar a respeito deste tema que nos pudesse enriquecer, acrescentar informações para uma reflexão mais profunda.

Lembro-me de um texto que publiquei, neste mesmo livro, que tem como título SOMOS SERES IMORTAIS, que tem um pouco a ver com o tema sob reflexão neste momento.

Foi abordada a questão do corpo como complexo orgânico, mais objetivamente seu envelhecimento ou perda de algumas de suas funções cognitivas ou mesmo físicas. Nesse estudo a que me refiro foi contemplado um elenco de variáveis dentro desse contexto.

O que poderia ser acrescido ao que já havia sido estudado que pudesse enriquecer nossa reflexão sobre tema que tanto influencia a muitos de nós?

No texto acima referido encontramos:

“Somos Seres imortais, nossa verdadeira identidade, neste Universo multidimensional, é o Espírito que dá vida ao nosso corpo e, através dele, assume uma personalidade com valores, compromissos, responsabilidades éticas, particularidades bem específicas, bem como características físicas que nos identificam junto a outros espíritos

também vivenciando experiências únicas, com compromissos e responsabilidades que dizem respeito ao processo evolutivo de cada um.

Enquanto neste corpo com que nos identificamos por alguns anos, passamos por vários processos de experiências, aprendizados, conhecimento que nos alavancam na jornada evolutiva, por vezes no sentido que nos oportuniza progresso espiritual, em outros momentos não nos permitimos evoluir e estacionamos, postergando nossa ascensão espiritual, o que nos leva a ter de repetir experiências até que consigamos encontrar o nosso verdadeiro caminho em direção ao que o Mestre nos convida: “Sede perfeitos como perfeito é nossa Pai Celestial.” Bem como nos aconselha Paulo em II Coríntios 13:11: “Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco.”

Creio que é muito importante abordarmos, além da questão do evoluir de nossas condições físicas – motoras, intelectuais e cognitivas -, o como desenvolvemos o nosso viver enquanto acolhidos pelo corpo físico que nos oportuniza a experiência e o aprendizado. Enfim, esse período a que damos o nome de vida.

Porque, na realidade, a forma como nos mantemos nesse período como encarnados é que nos vai remeter a que tipo de morte, ou vida após o desencarne, nós iremos experimentar.

Creio, então, que seria bom refletirmos sobre o que nos ocorre entre o período em que estivemos na condição de espírito, depois como alma (espírito encarnado), e o preparo para um novo desencarne, quando teremos nova experiência como espírito, sem o invólucro do corpo físico.

Preparando este estudo lembrei-me de outra reflexão a respeito do envelhecimento, que consta do livro “Reflexões Evangélicas”, sob o título ENVELHECER COM SABEDORIA, que aborda o tema sob a ótica de como deveremos procurar viver.

Quando jovens nós conduzimos nossa jornada com a confiança de que tudo está certo, temos muita energia e cremos poder fazer qualquer coisa e tudo ficará bem. Não alcançamos uma verdade muito simples, vamos envelhecer e teremos que enfrentar várias situações, fragilidades, limitações físicas, emocionais e intelectuais.

E o envelhecer com sabedoria é uma abordagem muito interessante sobre esse período. É quando o corpo está, muitas vezes, declinando em seu vigor.

O que seria envelhecer com sabedoria? Não podemos só contemplar um período em que já estejamos perdendo esse vigor físico e intelectual, precisamos pensar sobre este assunto desde mais cedo, porque é um preparo para esta fase a que estamos fazendo referência. Para que esses momentos mais à frente não nos surpreendam desprevenidos.

Muitas pessoas não conseguem administrar o chegar aos quarenta, outras até mesmo antes, aos trinta. Chegam a sentirem-se desajustadas e emocionalmente perturbadas com a chegada dos anos, como se essa condição não tivesse sido levada em conta. Não se prepararam para o inevitável.

Há uma constatação importante que devemos ter em mente... ou nós envelhecemos, ou nós partimos jovens para o plano espiritual. Não há outra opção. Percebem?

O envelhecer com sabedoria, então, é nós percebermos ser um momento que nos vai chegar, a não ser que deixemos o corpo físico antes do envelhecimento.

A primeira coisa de que devemos nos conscientizar é: não é ruim envelhecer. Envelhecer é o resultado de ainda estarmos aqui, vivenciando uma fase de aprendizado, de convivência com os nossos queridos, com nossos familiares.

Precisamos aprender a gostar de estarmos envelhecendo. Quem não gostaria de continuar a viver em corpo por mais tempo e poder usufruir dessa convivência com familiares ou pessoas queridas? Precisamos olhar o envelhecer de forma positiva.

Como alcançarmos a velhice, ter mais sabedoria, como alguns se referem a esta fase como forma de amenizar eventual emoção negativa com relação ao ganho de anos nessa jornada? Como chegar a esse momento de uma forma tranquila, emocionalmente bem? Ou sábia, no sentido exato da palavra.

Nós temos que buscar o nosso autoconhecimento, algo de que a doutrina nos fala muito.

Sempre ouvimos esta chamada: precisamos nos autoconhecer. Precisamos saber o que somos, quem somos, qual o nosso perfil. Esse perfil corresponde a um caminho que Jesus mostra em seus ensinamentos? Será que estamos agindo corretamente? É vivenciar cada cometimento de erro não com assunção de culpa, mas como um momento muito importante de perceber em que precisamos nos melhorar. É um momento de sabedoria da nossa parte. E nós só conseguiremos alcançar esse momento, perceber essa realidade, se estivermos com o olhar mais tranquilo com relação a nós mesmos. Sem sentimento de culpa, sem medos, sem mágoas, sem ressentimentos até por nós mesmos.

Quando falamos que precisamos amar o nosso próximo como a nós mesmos, muitas vezes não nos amamos! Queremos procurar amar o próximo, mas ainda não conseguimos nos amar de uma forma mais sábia – o amarmo-nos de forma plena ainda não está nas nossas possibilidades, infelizmente. Percebermo-nos como seres frágeis, seres que cometem erros. Caso fôssemos perfeitos não estaríamos vivenciando nossa experiência nesta vida aqui na Terra. Temos que nos reconhecemos como seres falíveis, mas sem sentimento de culpa.

Nosso olhar deveria ser como de alguém que se percebe em condições de buscar um caminho melhor.

Se olharmos para nós como seres perfeitos, não procuraremos nos melhorar, pois já nos acharemos em condição de saber sobre tudo e não precisaríamos rever atitudes, agregar conhecimentos, enfim, nos reformarmos espiritualmente.

Só vamos buscar um caminho de reforma íntima, de revisão de valores, sentimentos e comportamentos, se identificarmos a nós como seres que erram e precisam mudar.

É o se autoconhecer.

Em um dos livros de Madre Teresa de Ávila encontrei uma reflexão interessante que dizia algo assim: Deus criou a todos nós à sua imagem e semelhança. Muitas vezes sentimos dificuldade em saber quem é Deus. Se Deus nos criou à sua imagem e semelhança, nós só conheceremos Deus no dia em que nós nos conhecermos. Enquanto nós não nos conhecemos (que somos à imagem d'Ele), como poderemos conhecer Deus? (releitura do que consta do livro Moradas do Castelo Interior, de Santa Teresa d'Ávila.

Esta reflexão remete-nos a algo que a própria doutrina espírita nos coloca, precisamos nos conhecer, mudar os nossos conceitos e nos aproximarmos da perfeição que Jesus espera de nós. O Mestre convidou-nos: “Sede perfeitos como perfeito é nosso Pai celestial.” Bem como nos aconselha Paulo em II Coríntios 13:11: “Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco.”

Precisamos nos conhecer melhor. A partir desse momento, nós seremos mais sábios, não só na velhice, mas em toda a vida. E o quanto mais cedo nós nos propusermos a esse autoconhecimento e autorreforma, mais cedo nós iremos alcançar essa perfeição. Poderá levar alguns mil anos, não importa, se não nos propusermos a isso poderemos levar muitos mil anos mais, provavelmente.

Caso tenhamos o propósito a esse autoconhecimento e reforma íntima quando jovens, vivenciaremos o envelhecimento de forma mais tranquila e mais sábia realmente.

A busca deve ser mais ampla, não só do autoconhecimento, mas também do aprendizado. Qual é a nossa referência para evolução espiritual? A mensagem do Cristo. Ele esteve conosco, como Jesus, companheiro de jornada terrena, para nos ensinar como chegar a uma condição espiritual melhor. Seus ensinamentos estão fundamentados no próprio exemplo que Ele nos deu. O que mais marcou a Sua presença conosco foi o seu modo de agir, sempre coerente com os ensinamentos que buscou nos repassar.

Precisamos objetivar o conhecimento das mais variadas formas e, essencialmente, sobre os ensinamentos do Mestre, como nos foi legado pelos Evangelistas e outros apóstolos com quem Ele viveu. Verdadeiros mensageiros da luz, aos quais devemos ser muito gratos.

Conhecer mais sobre os ensinamentos de Jesus vai nos proporcionar condições de fortalecer a nossa fé, mais confiança e convicção. Vai nos proporcionar uma percepção melhor do mundo em que estamos vivendo.

Assisti recentemente a um documentário “JANELA DA ALMA” ⁽¹⁾, que contempla reflexões de pessoas que perderam parcial ou totalmente a visão. Depoimentos de como eles percebiam o mundo. De um desses depoimentos eu faço a seguinte releitura: Nós não percebemos o mundo somente com nossos olhos. O que vemos com os olhos são

normalmente percepções pontuais, o para que estamos olhando. Nós enxergamos o mundo com os nossos olhos, com os nossos ouvidos, com o olfato, com o nosso conhecimento, com o que temos na memória, proporciona o emergir da informação guardada e que nos leva a perceber aquele momento de forma diferente, com os nossos condicionamentos e conceitos.

Quanto mais conhecimento, sentimentos e emoções temos, de forma mais ampla conseguiremos perceber o que nos ocorre, com mais detalhamento, com mais nuances, com mais profundidade.

Se nós refletirmos com mais carinho a respeito disso, quanto mais conhecimento tivermos conquistado sob várias formas – leitura, percepções, busca pelo aprendizado -, quanto melhor nossas emoções, sentimentos, quanto mais rica a nossa memória, melhor enxergamos, percebemos melhor este mundo em que vivemos, com suas várias características, saudáveis ou não. Poderemos ter atitudes melhores em várias circunstâncias que se faça necessária uma decisão nossa.

Essas reflexões nos levam a ampliar a percepção a respeito do olhar que poderemos ter a respeito do próprio Evangelho. Compreender melhor o que está nos ensinamentos do Mestre passa pelo olhar sob várias fontes de percepções. Quanto mais conhecimento, memórias, sentimentos, melhor e mais aguçado torna-se nosso olhar para alcançar os significados dos ensinamentos em maior amplitude e profundidade.

Quanto mais buscamos o conhecer, quanto mais profundamente percebermos o que nos cerca, e a forma como agimos e interagimos com este contexto, melhores condições nós teremos de nos perceber e ver em que precisamos mudar.

E na medida em que vamos revigorando esse olhar, mudando a nós mesmos, e buscando interagir melhor com as pessoas e com as coisas que nos acontecem, mais evoluídos estaremos.

Mais informações vamos agregando, fazendo um UPGRADE em nossas vidas.

Devemos buscar essa reformulação, porque é assim que vamos conseguir cumprir esta jornada, como encarnados, de uma forma mais equilibrada e acrescentando mais sabedoria às nossas vidas, enriquecendo o nosso próprio modo de ser.

Envelhecer com sabedoria é valorizar o Eu Espírito e que estou aqui em um processo evolutivo. Esse processo evolutivo requer que eu tenha mais conhecimento, que crescamos intelectual, moral e espiritualmente. Em fazendo isso passaremos por esse período de forma mais tranquila. Enfatizando, passaremos por essa fase de uma forma mais sábia. Estaremos melhor com o mundo e com as nossas fragilidades.

Por vezes poderemos ter algumas recaídas? Sim, é fato. Em momentos que tivermos alguma notícia mais dura, ou com relação a alguma doença, ou com alguma dificuldade, até mesmo familiar, teremos recaídas, somos frágeis ainda. Ainda estamos em processo de aprendizado, inclusive com relação a como agir. A cada experiência dessas vamos nos fortalecendo mais, se soubermos superar os problemas com fé e confiança.

Quando tivermos a percepção de que o término da nossa experiência na Terra está próximo, devemos vivenciar esta experiência também de forma tranquila e com alegria. As lamentações e o apego à vida ou às pessoas com quem estamos experienciando essa jornada, o ressentimento e a saudade virão a nos prejudicar nessa passagem.

Somos, na realidade, o somatório de nossas aquisições morais, e independe do processo orgânico.

A cada fase de nossa jornada adquirimos experiências que nos enriquecem, proporcionando novas conquistas a serem agregadas ao que já amalhamos nesse caminhar, em forma de bênçãos.

Procuremos não ficar acabrunhados por estarmos envelhecendo, sejamos gratos por isso.

Precisamos estar sempre ativos na busca por novos caminhos, novos conhecimentos, novos olhares. Não podemos nos acomodar. Ter sonhos e procurar realizar esses sonhos, de forma saudável.

Mesmo quando queremos algo que sabemos não poder realizar, devemos manter a nossa esperança, mantermo-nos vivos emocionalmente.

Precisamos viver de forma a que nosso corpo não fique enfermo precocemente.

Viver de maneira saudável não está no cuidar só do corpo, mas também no cuidar da mente, do nosso ser em plenitude. Estaremos

bem com o Espírito que somos. Nós somos um Espírito que tem, como instrumento para experienciar esta etapa da vida, um corpo físico.

Precisamos cuidar com mais carinho do Espírito que somos, o nosso verdadeiro Eu. E cuidar do Espírito que somos é buscar os ensinamentos do Mestre, vivenciá-los da melhor forma que nos for possível, buscar o autoconhecimento, nossa reforma íntima e alcançarmos o momento da nossa passagem de forma tranquila e até mesmo alegre.

Espero que consigamos alcançar essa graça maravilhosa, eu me incluo nesse grupo de esperança.

(1) Documentário de João Jardim e Walter Carvalho (Copacabana Filmes e produções)



Mediunidade e saúde

A importância do cuidado da saúde no exercício da mediunidade.

Tema de grande importância a que devemos dar uma atenção especial.

Há dois aspectos na relação Saúde e Mediunidade que gostaríamos de abordar:

- atenção com a saúde, no exercício da mediunidade; e
- conveniência de se praticar a mediunidade, tendo o cuidado com vários aspectos de nossas condições de saúde – do corpo, da mente e do Espírito.

A primeira questão, sobre reflexos na saúde quando do exercício da mediunidade, está profundamente contemplada no Livro dos Médiuns, Capítulo XVIII – Dos perigos da mediunidade.

Aborda Kardec, e responde os Espíritos, várias situações às quais devemos dar atenção:

- estarmos atentos ao fato de que cada pessoa tem suas próprias características e potencialidades para a prática da mediunidade;
- saúde do corpo físico – cuidado para não se exceder na prática da mediunidade, ir além do que o corpo e a mente têm condições de suportar. Prática prolongada de qualquer exercício acarreta fadiga. Neste caso, dever-se-á buscar o repouso para recuperação de condições saudáveis do corpo;

Obs.: dizem-nos os Espíritos: “Há casos em que é prudente, necessária mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral, o médium o sente e, desde que experimente a fadiga, deve abster-se”.

Cada pessoa tem suas particularidades quanto a condições para o exercício de qualquer atividade, e dever-se-á respeitar as limitações de cada um, seja qual for a prática a ser exercitada. O excesso é sempre prejudicial. Não só para o corpo e a mente do praticante, como também para a qualidade do trabalho a ser desenvolvido.

No caso do exercício mediúnico é sobremaneira importante a qualidade do trabalho em questão, tanto para se alcançar os objetivos propostos, quanto para os Espíritos atendidos na reunião e para o próprio Médium.

Um trabalho mediúnico bem orientado e conduzido refletirá sempre no ambiente de trabalho, na saúde do corpo e da mente do médium, como também, e principalmente, na orientação e sustentação espiritual do Espírito que eventualmente estará sendo atendido e orientado.

Quanto ao segundo aspecto focado na introdução deste Estudo – conveniência de se praticar a mediunidade, tendo o cuidado com vários aspectos de nossas condições de saúde – do corpo, da mente e do Espírito.

Até o momento, abordamos a necessidade do cuidado com as condições físicas do médium e com a ambientação do contexto em que se estará desenvolvendo um trabalho mediúnico.

Há outros aspectos que são relevantes para um saudável e edificante trabalho no exercício da mediunidade. São as condições moral, emocional e espiritual do médium.

Muito importante o médium estar sempre atento a como está seu proceder na lide diária. Somos ainda muito suscetíveis a transtornos de humor. Variações no nosso modo de proceder, diante de várias situações que a vida nos apresenta.

Nem sempre conseguimos manter-nos equilibrados emocional e espiritualmente. Somos frágeis e nos deixamos envolver por energias do ambiente em que vivemos.

A vida é um contínuo movimento, tanto de bem-estar, como também de situações que nos levam a reações desequilibradas. Precisamos ficar sempre atentos a esse nosso ir e vir emocional e espiritual.

As vibrações da nossa mente, em decorrência dos sentimentos e emoções que sentimos, são emanadas ao nosso redor e alcançam distâncias proporcionais à energia decorrente da força dos nossos sentimentos e emoções.

E, ao vibrar essas emoções, estaremos compartilhando com os seres que estiverem ao alcance dessas vibrações. Sejam elas benéficas ou prejudiciais.

Precisamos estar atentos ao quanto somos responsáveis pela ambientação do meio em que vivemos. Pelo bem-estar ou não das pessoas com quem compartilhamos o que temos, o que sentimos.

O sentimento que trazemos conosco é distribuído à nossa volta, podemos dizer assim, pela vibração das batidas do coração, fazendo vibrar nossas emoções para o ambiente em que estamos inseridos.

Pessoas e objetos são “tocados” por estas vibrações. Se temos sentimentos positivos, estaremos ajudando a melhorar o local onde vivemos, como também as pessoas à nossa volta. Se, ao contrário, temos tristeza, rancor, raiva, são estes sentimentos que estamos compartilhando à nossa volta, impregnando os ambientes e “tocando” as pessoas de nossa convivência.

Devemos estar atentos a esta questão de grande importância.

O que essa reflexão teria a ver com o exercício da mediunidade?

Somos todos médiuns, em níveis diferentes de sensibilidade e de expressão da faculdade mediúnica.

Então, seja na prática consciente da mediunidade em um trabalho espiritual, seja na convivência do dia a dia, estaremos sempre, de alguma forma, praticando o exercício dessa faculdade. Por consequência, somos sempre responsáveis pelo resultado de nossos pensamentos e ações, tanto no ambiente restrito ao local onde nos encontramos fisicamente, como também na ambientação do Planeta em que vivemos.

Convite ao Evangelho

Antes de começar a abordagem do tema Convite ao Evangelho, gostaria de abrir meu coração quanto ao que me ocorre ao longo desses anos, a partir do momento em que fui convidada, pela primeira vez, a oferecer um Estudo sobre o Evangelho. Ocorreu em 1998.

A cada oportunidade de busca pelo aprendizado, observe o quanto esse caminhar tem proporcionado o abrir novos horizontes, não só com relação ao Evangelho do Cristo, como também ao Evangelho Segundo o Espiritismo. Cada novo olhar sobre os ensinamentos abre a consciência de necessidades para o Espírito que sou.

Percebo que não devo restringir-me tão somente ao sentido dos textos, deve ser mais do que isto. Preciso buscar compreender os ensinamentos e fazer com que tenham sentido para o dia a dia.

Conhecer o conteúdo da Boa Nova leva à necessidade do compreender para que se possa, a partir de então, alcançar condições de oferecer entendimento àqueles com os quais venha partilhar o estudo realizado.

Estudar o Evangelho não é tão só conhecer os textos, precisamos buscar o entendimento, a compreensão. Depois... internalizar e o agir, consentâneo com o aprendizado adquirido.

O Planeta tem passado por inúmeras dificuldades, experiências inquietantes, instabilidades e incertezas sociais. Isso ocorre como em ondas, por vários séculos. Podemos até mesmo afirmar: há milênios.

Vários filósofos e profetas ofereceram alertas, trouxeram esclarecimentos à população planetária ao longo dos tempos.

Algumas pessoas acolheram os alertas, outras não se sentiram sensibilizadas.

Há dois mil anos veio o Cristo, na personalidade Jesus, não só como um grande profeta. Veio como Mestre, com ensinamentos profundos para abrir nossos olhos à Verdade e ao Amor.

Além de palavras, ofereceu o exemplo que toca mais profundamente nossos corações e intelecto.

Esteve lado a lado, literalmente, com aqueles de sua época.

Deixou-nos, através de seus pares, mensagens que devem provocar, em nós, o despertar para o respeito, consciência, solidariedade, indulgência, tolerância. Enfim... para o Amor em sua plenitude.

Muitos foram tocados e acolheram seus ensinamentos. Outros ouviram, até mesmo foram sensibilizados, mas não alcançaram consciência do aplicar, em suas vidas, o que aprendiam. Outros tantos não compreenderam seus ensinamentos à época, mas, por certo, vieram a fazê-lo mais adiante no tempo.

O que Jesus nos apresentou está descrito nos Evangelhos, compêndio de exemplos, alertas, lições preciosas, palavras fraternas como a nos abraçarem, envolvendo-nos em energias de profunda magnitude e intenso amor.

A todo tempo estamos buscando, em nossas orações e petições, entendimentos, consolo, aconchego, luz para nossa Alma e alento para nossos corações. Ficamos muitas vezes à deriva como se não tivéssemos um “colo” amoroso, nem direções a seguir no nosso caminhar.

Queremos encontrar a paz, mas será que agimos de forma coerente com o que pretendemos alcançar?

Muitos não identificaram, ainda, a magnitude do Mestre, o alcance da obra que veio construir e alicerçar em nós... todos nós, indistintamente.

A linguagem por Ele utilizada, para transmitir-nos os ensinamentos, sempre se apresentou como direção a seguir. Exemplos e palavras a mostrarem o Norte em nossa jornada.

Podemos destacar, dos Evangelhos, várias passagens a clarearem esse entendimento.

Eu sou a fonte da água viva... Jo 7:37 e 38

Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede. Jo 6:35

Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida. Jo 8:12

Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo. Jo 10:9

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá sua vida pelas ovelhas. Jo 10:11

Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. Jo 11:25

Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim. Jo 14:6

Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Jo 15:5

Seguir Jesus não é simplesmente ir a templos religiosos, ouvir palestras, participar de estudos.

Seguir Jesus é tomar seus ensinamentos como regras de conduta. Buscar o caminhar à luz da Sua palavra. Buscar compreender como agiria Ele em circunstâncias semelhantes àquelas com que nos defrontamos na nossa jornada como Espíritos.

Compreender o que está nos Evangelhos passa pelo olhar sob várias fontes de percepção. Quanto mais conhecimento, memórias, sentimentos, melhor e mais aguçado torna-se nosso olhar para alcançar os significados em maior amplitude e profundidade.

“As mensagens dos Evangelhos são profundas, por vezes até de certa complexidade se considerarmos a busca pelo entendimento do contexto cultural e social da época.

O ensinamento do Mestre deverá ser oferecido de forma a tocar os corações e sensibilizar a Alma. Aqueles que tomam para si a tarefa de compartilhar o Evangelho, em palavras e conceitos, deverão cuidar da forma como o fazem, proporcionando melhores condições ao entendimento daqueles que buscam Sua mensagem esperando amor, compaixão, fraternidade e consolo.

Para ensinarmos sobre o Evangelho, não basta sabermos os textos, sejam bíblicos ou de fundamentação Espírita.

Precisamos compreender em que eles podem interferir em nossas vidas e na daqueles a quem venhamos oferecer a oportunidade de conhecer Jesus.

Tão somente repassando informações não estaríamos promovendo contato com a essência do Evangelho. Muito menos despertando Almas ao interesse do entendimento.

Sem compreender, não haverá um caminhar de consciência.

Sem perceber a razão dos ensinamentos, o que Jesus efetivamente quis oportunizar-nos com o seu trabalho, não abriremos, ao Espírito que somos, horizontes novos que nos permitirão a transformação a partir da conscientização do que somos, a que viemos, em que contexto temos vivido e onde queremos chegar.

Primeiro sentir Jesus, conhecer seus ensinamentos, internalizar a vibração que a vida do Mestre irradiou a todos nós.

A partir de então, estaremos em melhores condições de abraçar a tarefa de compartilhar nossas percepções a respeito do Cristo, a missão que veio realizar na personalidade Jesus, nossas vivências com o Evangelho e convicções delas decorrentes.” (1).

oooo000oooo

Caminho de Viver (2)

Vejo claro o meu caminho,
Ainda que com mil indagações.
No entanto, respostas sei que vou encontrar.
Preciso ter olhos de ver e ouvidos de escutar.
Para meu seguro e firme caminhar.

Aprender mais dos ensinamentos
Do grande Médico de corpos e de almas.
Mas não os deixar como simples letras mortas,
Torná-los vivos em minha vida,
Pelo exercício e experienciar.

Meu modelo e guia, o Amado Mestre,
A envolver-me todo o tempo.
Sentir Sua presença, intensa, dia a dia.
A dar-me forças e esperança
A todo o momento.

Quero a esse novo caminhar
Oferecer-me por certo.

Espírito renovado e olhar aberto.
Ampliar horizontes e ter como meta
O Universo a expandir sem limites.

Ousado o meu intento, eu sei.
Mas o Mestre disse certa vez:
Vós sois deuses.
Também afirmou em mesmo tom:
Deixe brilhar a vossa luz.

Sou Ser eterno e muito ainda a aprender.
Tenho uma luz dentro de mim
Que preciso fazer acender.
Tenho um poder no meu interior
Que o Mestre afirmou existir.

Posso ousar persistir
Em fazer do meu caminhar
Uma jornada de luz,
De esperança, de paz e de amor.
E isto vou me empenhar em conseguir.

Mil anos ainda podem me exigir
Para que eu consiga esta meta alcançar.
O que não posso é desistir
De esta jornada trilhar.
Seguirei em frente, vale a pena acreditar.

Não por recompensas ou glórias,
Contrapartidas terrenas, tão-somente.
Elevar-se espiritualmente
Tem sentido diverso, é transcendente.
Está além do que alcança hoje nossa mente.

Confiar é preciso e trabalhar
Nossa Alma em fazer-se acreditar,
Ter fé e prosseguir.
Nos ensinamentos do Mestre se empenhar
Com força e coragem no caminhar.

(^o) No livro Reflexões da Alma, (parte final do poema-2013), de Elda Evelina Vieira, Bookess Editora

Culto cristão no lar

Este Estudo tem como referência o texto de mesmo título, primeiro capítulo do livro Jesus no Lar, de Neio Lúcio, por Chico Xavier.

Já no início, começa com grande beleza o contar do autor:

“Povoara-se o firmamento de estrelas, dentro da noite prateada de luar,” ...

A esta introdução, acrescenta Neio Lúcio, referindo-se a Jesus:

“tomou os Escritos Sagrados e, como se quisesse imprimir novo rumo à conversação que se fizera improdutivo e menos edificante, falou m bondade:”

Começa então um diálogo do Mestre com Pedro.

“– Simão, que faz o pescador quando se dirige para o mercado com os frutos do dia.?”

Responde Pedro de forma hesitante:

“– Mestre, naturalmente, escolheis os peixes melhores. Ninguém compra os resíduos da pesca.”

Continua o Mestre, de forma sorridente:

“– E o oleiro? Que faz para atender à tarefa a que se propõe?”

Responde Pedro:

“– modela o barro, imprimindo-lhe a forma que deseja.”

Neio Lúcio refere-se ao Mestre, nesse momento, de uma forma que nos leva a buscar a imagem em nossa mente, tal a beleza:

“– O Amigo celeste, de olhar compassivo e fulgurante, insistiu:”

Continua o Mestre, então, em suas indagações:

“– E como procede o carpinteiro para alcançar o trabalho que pretende?”

Pedro oferece sua resposta sem vacilar:

“Lavrará a madeira, usará o enxó e o serrote, o martelo e formão, de outro modo, não aperfeiçoará a peça bruta.”

As grandes obras, para alcançarem seus objetivos, ou daqueles que as projetaram e idealizaram, têm seu início em providências que podem parecer pequenas em suas sutilezas, ou dispensáveis aos

olhos daqueles que não conseguem ainda alcançar a magnitude dos resultados a serem alcançados.

Jesus, a partir desse momento em que procura o entendimento dos discípulos, quanto a como proceder ao iniciar uma tarefa, traz preciosos ensinamentos.

O primordial é ter em conta o objetivo a ser alcançado, a partir de uma tarefa definida. Assim, é possível fazer delinear os primeiros passos. Por exemplo:

para oferecermos algo, precisamos saber como identificar o primeiro passo. Como selecionar o produto e as razões pela qual foi definido;

para se produzir algo, quais ações são imprescindíveis para atingir a meta.

Importante, também, é conhecer o material a ser utilizado, a melhor forma de manipular esse material, ferramentas necessárias, habilidade no manejo.

Oferece o Mestre, então, reflexões sobre a vida, nossos propósitos, caminhos a serem traçados. Também, princípios fundamentais para atingirmos sucesso nas tarefas abraçadas e alcance dos objetivos.

Qual a relação que poderíamos fazer entre o Lar e o mundo, o ambiente em que vivemos.

Jesus faz a seguinte afirmativa:

A casa do homem é a legítima exportadora de caracteres para a vida comum. Se o negociante seleciona a mercadoria, se o marceneiro não consegue fazer um barco sem afeiçoar a madeira aos seus propósitos, como esperar uma comunidade segura e tranquila sem que o lar de aperfeiçoe. A paz do mundo começa sob as telhas a que nos acolhemos. Se não aprendemos a viver em paz, entre quatro paredes, como aguardaria harmonia entre as nações? Se não nos habituamos a amar o irmão mais próximo, associado à nossa luta de cada dia, como respeitar o eterno Pai que nos parece distante? (...) o Evangelho não foi iniciado sobre a multidão, mas sim no singelo domicílio dos pastores e dos animais."

Finalizadas essas reflexões, o Mestre tomou os escritos e de sabedoria abriu o primeiro Culto Cristão no Lar.

Terapia do perdão

Esquecer não é perdoar.

Há quem afirma que perdoar é não mais deixar-se envolver emocionalmente pelo que foi a origem de sentimento de mágoa surgido em nós.

Também cremos que o simples silenciar sentimentos, decorrentes dessa mágoa, não seja a solução ideal. Talvez já seja um começo para o elaborar de um novo processo emocional dentro de nós.

Um procedimento que já demonstra um caminhar mais consciente e fraterno.

Silenciar sentimentos adversos demonstra a disposição de alguém minimizar efeitos de eventuais pensamentos que viriam a desestabilizar ambientes em que esteja inserido, ou mesmo de outros nem tão próximos fisicamente.

Devemos ter presentes em nós o quanto estamos longe da perfeição.

Muitas vezes avaliamos nossos companheiros de jornada tendo, como referências, valores que temos dentro de nós. Valores estes muitas vezes gravados em nossas mentes, decorrentes de experiências vivenciadas.

Nesta situação... se observamos, ou mesmo tenhamos sido diretamente o foco de algum procedimento desagradável, somos impulsivos não admitindo o que tenha ocorrido.

Auto Perdão

Ao estudarmos com cuidado nossas atitudes, ou eventuais pensamentos, **bom seria que tomássemos uma atitude fraterna com relação a nós mesmos.**

Compreender quanto ainda precisamos nos conhecer, avaliar nossos limites, estimar nossas capacidades realizadoras.

Perceber o quanto já conseguiríamos promover em direção a novos patamares emocionais, morais e espirituais.

O autoconhecimento – a busca pelo conhecer-se.

Percebermos que muitas vezes **queremos cobrar atitudes de companheiros de jornada.** um proceder ainda não coerente ao patamar evolutivo que tenham alcançado.

Querer julgar nosso companheiro de jornada.

Enfim, estamos todos compartilhando momentos de aprendizado. **Nenhum de nós alcançou, ainda, estágio evolutivo que venha a permitir-nos o olhar de quem possa exigir perfeição no proceder.**

Precisamos mudar o foco de nossas atitudes na vivência com os nossos companheiros de caminhada espiritual.

Normalmente, o que fazemos é julgar o outro por atitudes que, muitas vezes, poderiam ter sido também expressas por nós. **Estamos todos juntos, de certa forma no mesmo patamar, nesse processo evolutivo. Aprendendo juntos.**

Ao nos flagrarmos com o direito de não perdoar alguém... devemos buscar a autoavaliação. É um dos passos na busca pelo autoconhecimento, muito importante.

Inicialmente, o silenciar poderá ser uma atitude indicada. Também o não se deixar envolver emocionalmente.

Por qual razão o perdão se faz necessário nesse estágio em que nos encontramos?

Ainda nos sentimos ofendidos. Pelo egoísmo, vaidade, orgulho que ainda existem em nós.

À medida que nos conscientizarmos de que estamos basicamente no mesmo patamar evolutivo, com algumas nuances para mais e para menos – afinal de contas estamos juntos para aprendermos uns com os outros e isso só ocorrerá se houver diferenças a serem ajustadas –, **alcançamos um novo nível de consciência que é o da compreensão.**

Na medida em que conseguimos **nos compreender melhor**, nós minimizamos nossa tendência ao autojulgamento. Este – **o autojulgamento – leva-nos ao não nos perdoarmos por agir dessa ou daquela forma.**

Precisamos sentir a compreensão, a compaixão por nós.

O autoconhecimento promove transformações que também nos levam a conhecer o outro a partir do que descobrimos sobre nós mesmos.

Então, as mudanças se exteriorizam à toda nossa volta. De início abrangendo áreas bem próximas, pessoas de nosso convívio mais estreito. Sentimo-nos mais fraternos, compreensivos, acolhedores com os próprios erros e com os daqueles que nos são caros.

Compreender-se e compreender o outro.

Quando compreendemos a razão de agirmos desta ou daquela forma, abrimo-nos para nos disponibilizarmos a compreender o outro.

Haverá um momento em que estenderemos de forma instintiva, e mais ampla, a área de abrangência de sentimentos salutares – fraternidade, tolerância, compaixão, compreensão, por exemplo.

Quando chegamos à consciência da necessidade do perdão e efetivamente conseguimos alcançar essa graça, chegou o momento de seguirmos em frente pois há, ainda, um caminho mais firme e condizente com os ensinamentos do Mestre – o caminho do amor.

Quando amamos de verdade alguém, do fundo no nosso coração, nós não nos sentimos magoados com o que essa pessoa nos faz. Nós compreendemos, temos compaixão. O nosso limite de tolerância é significativo e continuamos a amar essa pessoa sem restrições.

O amor acolhe, compreende, respeita.

O amor torna o perdão dispensável, pois não existe mágoa no coração que ama.

Deus nos ama de forma plena – Deus é Amor. No nosso pedirmos o perdão a Deus reflete a necessidade de termos condições de acolher o autoperdão.

Nas relações humanas o perdão ainda é necessário porque nós ainda não conseguimos manter nossos relacionamentos sem ocorrer mágoa, injustiça, intolerância, desrespeito entre nós. Precisamos, então, perdoar as pessoas e nos sentirmos perdoados por elas.

No entanto, a nossa relação com Deus é diferente, porque Deus nos ama profundamente e onde há Amor verdadeiro só este sentimento prevalece.

Com relação a nós mesmos, precisamos buscar o nosso amor. Amarmo-nos de verdade para que possamos nos compreender, respeitar e acolher, de tal forma, que não será preciso o autoperdão, porque só agiremos de modo a nunca nos prejudicar ou ferir. Compreenderemos as nossas atitudes, buscaremos a retidão e seremos compassivos.

Há algum tempo alguém disse: "Amar é nunca precisar pedir perdão".

Precisamos amar incondicionalmente, de forma a nunca precisarmos pedir ou oferecer o nosso perdão, pois estaremos nos corações, de uns e de outros, de forma verdadeira, sem restrições.

Quando efetivamente alcançarmos essa condição em nossas vidas, por certo não precisaremos perdoar, porque não terá havido mágoa ou desentendimentos.

Teremos atingido uma condição do exercício do amor, ou muito próximo dele.

O amor nos liberta de todas as amarras que nos impedem de viver com serenidade, lucidez, fraternidade, confiança. O amor preenche-nos de esperança, paz interior, de fé.

Vale aqui mais uma reflexão a respeito dos nossos sentimentos com relação àquele que, de alguma forma, tentou nos prejudicar. O não explicitar o nosso perdão não implica em sentimento de indiferença, pelo contrário, é o acolher amorosamente esse irmão em nosso coração. A energia que vibraremos em sua direção proporcionará a ele bem-estar e permitir-lhe-á perceber o carinho especial que estamos sentindo e o nosso desejo de que ele encontre um novo caminho em sua vida.

Nossos laços de desafeto se romperão e formar-se-á uma relação de confiança, de gratidão, de elevação espiritual que auxiliará a ambos ao longo de nossas jornadas.

Aprender, transformar-se e amar (Poema) -
<https://youtu.be/N5haEaFi3SQ>

Aparências

“Por não admitirmos que evoluir é experimentar choques existenciais e promover um constante estado de transformação interior é que, às vezes, deixamos que os outros decidam quem realmente somos nós, colocando-nos, então, num estado de enorme impotência perante nossas vidas.

A maneira de como os outros nos percebem tem grande influência sobre nós. Amigos opressores, religiosos fanáticos, pais dominadores e cônjuges inflexíveis podem ter exercido muita influência sobre nossas aptidões e até sobre nossa personalidade.”

Aparências – Hammed, Francisco do Espírito Santo Neto

Como podemos referir-nos a nós mesmos?

Nós nos conhecemos?

De que maneira reagimos em determinadas circunstâncias?

Costumamos estar atentos à nossas reações? Sabemos nos antecipar e controlar nossas atitudes ao sermos observados, indagados sobre algo que nos incomoda ou que de alguma forma fere sentimentos.

Conseguimos nos manter equilibrados emocionalmente ou criamos uma situação incômoda para driblar e, de certa forma, fugir para não termos de enfrentar?

Quem sou eu? Como me expresso ao mundo, às pessoas, mesmo àquelas que me são mais caras?

Eu uso máscaras, de acordo com as circunstâncias... ou consigo ser autêntico, ainda que seja comigo mesmo?

Quando vivemos em um mundo de aparências, a cada situação em que nos expressamos de acordo com o que imaginamos ser o melhor, em razão das circunstâncias ali apresentadas, criamos um bloqueio ao nosso redor. Uma barreira que vai se tornando cada vez mais densa, mais ampla, extensa. Vamos ficando mais e mais presos ao que externamos, de forma sutil ou explícita.

Vamos nos aprisionando a uma realidade que criamos para nos sentirmos confortáveis. Este conforto é ilusório, imaginário e conveniente de acordo com o momento e as circunstâncias que se apresentaram.

A cada nova situação precisamos nos adaptar, e talvez venhamos a nos perder, buscando sempre criar novo papel para nós.

Poderia acontecer algo assim com quem estivesse passando pela experiência comentada acima:

Minha vida começa a se apresentar desconfortável. Eu preciso me apresentar diferente, emocional, intelectualmente. Até mesmo minha indumentária precisa ser ajustada para ser coerente com o papel que creio precisar assumir nesse ou naquele lugar.

Aos poucos vou percebendo que não sou livre para ser quem sou. Na realidade, eu vou perdendo minha identidade original. Esta já se perdeu e eu nem sei mais qual teria sido. Vou me vestindo e desvestindo de papéis convenientes para manter interesses sociais, familiares e até mesmo pessoais, tendo uma percepção errônea dessa necessidade.

Perco a minha liberdade de ser quem eu sou. Na verdade, eu já não consigo identificar minha verdadeira personalidade, pois fui me deixando levar pelo interesse, pelas aparências. Pela busca de satisfazer interesses de outrem, não mais os meus.

Já nem sei se tive interesses verdadeiramente meus.

Eu me transformei em alguém que veste uma máscara, adaptada a esta ou àquela circunstância, a esta ou àquela pessoa que passou a ser mais importante para mim do que eu mesmo, pois eu mais satisfaço o que ela espera de mim do que realizo o que deveria ser importante para meu caminho pessoal. ⁽¹⁾

Descobri que essas barreiras que venho criando em torno de mim, como indivíduo, surgiram para serem vencidas, e assim, alcançar objetivos. Uma falsa vitória no mundo em que vivo. Pois eu, na verdade, fui me aprisionando e perdendo a verdadeira liberdade em me encontrar como realmente sou, no íntimo do meu Ser. Este que acabei abandonando no meio do meu caminho.

Bom seria eu me despertar desse quase pesadelo.

Resultou de eu não mais saber como seguir, como me comportar. Qual personalidade criei para viver no mundo à minha volta, se a cada momento eu me apresento de uma forma diferente para me adequar a esta ou àquela situação, para satisfazer a essa ou àquela pessoa, para atingir este ou aquele objetivo.

Descubro que eu não me considero capaz, ou não me considerei capaz de ser um vitorioso sendo eu mesmo, em qualquer que seja a circunstância.

Abandonei minha personalidade, que de início ia surgindo e se formando. Fui me transformando em várias personalidades convenientes e confortáveis, em um mundo ilusório de banalidades, de outras aparências.

Percebo, depois de um tempo fazendo análise sobre a vida que tenho vivido, que me tornei escravo de mim mesmo. Perdi a liberdade.

O que fazer?

Buscar minha origem, analisar o meu Ser, encontrar aquele que deixei na estrada e resgatá-lo.

Aprender a ser esse Ser... livre das amarras das aparências. ⁽²⁾

Ao me reencontrar, pode acontecer de identificar mágoas, questões não resolvidas nesse passado.

Poderão parecer fantasmas a me amedrontarem. O que fazer para me libertar das imagens que por vezes possam surgir em minha mente?

Preciso me perdoar e limpar as pendências do que agora é passado.

Preciso reaprender a me amar. ⁽³⁾

No recôndito da minha Alma, buscar cada um desses fantasmas - erros que cometi - e pedir perdão. E, para perdoar, preciso encontrar o amor por mim mesmo. E, amando, amar os erros cometidos, libertando-os e encontrando a minha liberdade.

Começar a me sentir leve e livre. Assumir o meu verdadeiro papel, isento das pressões que o mundo à minha volta me impôs... não, não me impôs, eu permiti a mim mesmo ser envolvido pelas energias à minha volta.

Eu sou meu próprio dirigente. Não posso culpar o mundo, as pessoas.

Preciso assumir o controle do Ser que sou eu... Espírito imortal.

- (1) *Livre, amoroso, desperto condutor da minha própria vida, à luz do Criador. “Muitas vezes precisamos de máscaras para poder vencer obstáculos no mundo em que vivemos. No entanto, precisamos prescindir delas para buscar nosso crescimento interior e encontrar nossa própria identidade.”* Ritual do Renascer, no livro *Arte em Cores, Formas e Letras*, de Elda Evelina

(2) ***A Criança que fui chora na estrada – Fernando Pessoa***

*“A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.
Ah, como hei de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.
Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, lembrar,
Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.*

- (3) *“Amaremos a nós mesmos somente quando deixarmos de culpar os outros pelas nossas dores e desacertos e tivermos a coragem de perscrutar o íntimo, interrompendo o fluxo das projeções e fugas ainda ignoradas nas nossas atitudes.”* Dr. Carl Jung

Avideira

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.” — Jesus. (Jo 15:1)

A Emmanuel começa sua reflexão dizendo:

“Deus é o Criador Eterno cujos desígnios permanecem insondáveis a nós outros. Pelo seu amor desvelado criam-se todos os seres, por sua sabedoria movem-se os mundos no Ilimitado.”

Assim nós aprendemos (Estudos em grupos cristãos e judeus) sobre a vida e nossa relação com Deus e o seu poder sobre o Universo. Abordagem semelhante é encontrada em alguns outros grupos de Estudos filosóficos:

“No princípio Deus criou os céus e a terra.” (Bíblia - Ge 1:1)

Podemos observar haver uma semelhança nesse “olhar” sobre a criação da Terra, nosso Planeta, independente de segmentos religiosos e filosóficos.

Continua Emmanuel em suas reflexões:

“Pequena e obscura, a Terra não pode perscrutar a grandeza divina, O Pai, entretanto, envolve-nos a todos nas vibrações de sua bondade gloriosa.

Ele é a alma de tudo, a essência do Universo.

Permanecemos no campo terrestre, de que Ele é dono e supremo dispensador.”

Texto de Emmanuel, relativamente recente, em que ele afirma de a Terra, referindo-se a nós habitantes, sermos ainda incapazes de alcançar o que verdadeiramente representa este Planeta em nossas vidas. Os objetivos de aqui estarmos, o que nos *espera* esse caminhar através dos séculos... milênios... na verdade uma extensão de tempo e espaço imensurável e insondável.

Trazendo mais uma vez parte da frase inicial do referido texto “Videira”, de Emmanuel, referindo-se a Deus, o “*Criador Eterno*”:

Pelo seu amor desvelado criam-se todos os seres, por sua sabedoria movem-se os mundos no Ilimitado.”

Temos aqui a afirmativa de que não somos os únicos no Universo – “movem-se os mundos no *Ilimitado*”.

Somos levados, muitas vezes, a ver-nos como seres privilegiados na Criação. Precisamos buscar a humildade em nós, reconhecer-nos como seres ainda em “construção” nesse *habitat*.

Ainda há muito a aprender, a nos aprimorarmos.

Afirma Emmanuel em seu texto:

“necessitados de aprimoramento e iluminação.”

Diante desta necessidade que ainda mantemos em nós, pela fragilidade – espiritual, emocional e física -, O Pai enviou-nos Jesus, como o próprio Emmanuel faz referência:

“No entanto, para que lhe sintamos a presença em nossa compreensão limitada, concedeu-nos Jesus como sua personificação máxima.”

Enviou-nos esse Ser muito especial, que cumpriu sua missão de Mestre de Amor. Ainda que não o tenhamos mais fisicamente conosco, temo-lo como Companheiro eterno a nos orientar e acompanhar de todas as formas que lhe são possíveis.

Depende de como nós o acolhermos e a seus ensinamentos, em nossas vidas. Somos parte importante e indispensável em nosso caminhar. Precisamos ser conscientes desse processo.

Somos amados, acolhidos, incentivados. Temos os ensinamentos do Mestre nos Evangelhos e precisamos ali buscar nosso aprendizado com cuidado e verdadeiro interesse na reformulação de nosso caminhar.

Com Jesus aprendemos, se assim o quisermos, mas o nos aprimorarmos e nos iluminarmos depende de nós. É pessoal, particular. Depende de como acolhemos e praticamos as lições do Mestre em nossas vidas. Responderemos intelectual e espiritualmente pelo nosso *caminhar* durante nossa jornada... ou jornadas que nos forem oportunizadas em vários planos da *Vida*.

Diz-nos ainda Emmanuel no texto em referência:

“Dentro de nossa pequenez, sucumbiríamos de fome espiritual, estacionados na sombra da ignorância, não fosse essa videira da verdade e do amor que o Supremo Senhor nos concedeu em Jesus-Cristo.”

Ao buscarmos os ensinamentos do Mestre, fazermos-nos seus aprendizes com afincamento e determinação, estamos reconhecendo que, sem o Cristo, não alcançaríamos a condição de verdadeiros discípulos, determinados a encontrar o caminho da elevação espiritual.

Nossa jornada se consolidará como efetiva, no proceder ao encontro dos nossos objetivos como aprendizes e mantenedores dos ensinamentos de Jesus, o Enviado pelo Pai para cumprimento de uma missão com todos nós, seus filhos amados.

Mediunidade

Referência

“E será (que) nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão e vossos anciãos sonharão sonhos.” (At 2:17)

Este texto do livro *Atos dos Apóstolos* tem, como ambientação, o Dia de Pentecostes. Celebração do povo Hebreu desde os primórdios. Já encontramos referência no livro Levítico 23:15-16:

— “A partir do dia seguinte ao sábado, o dia em que vocês trarão o feixe da oferta ritualmente movida, contém sete semanas completas.

Contém cinquenta dias, até um dia depois do sétimo sábado, e então apresentem uma oferta de cereal novo ao Senhor.”

Pentecostes tem sua origem na comemoração da colheita e ocorre cinquenta dias após a Páscoa Judaica. Esta celebração também é conhecida como Festas das Semanas, por acontecer após sete semanas – 50 dias. (*ver nota abaixo*)

A primeira Páscoa Judaica ocorreu quando da libertação do povo Judeu, até então escravo no Egito. À jornada que se deu a partir dali deu-se o nome de Êxodo.

Êxodo – segundo livro do Pentateuco de Moisés. A palavra expressa a libertação do povo Hebreu no Egito. Quando também temos registro de ter acontecido a primeira Páscoa – encontramos no livro de Êxodo 12:11, quando recebem a orientação do Senhor quanto a procedimentos que deveriam cumprir naquela oportunidade. Assim a orientação se encerra:

— “esta é a Páscoa do Senhor.”

A passagem, a que damos referência para o Estudo, ocorre em Jerusalém. Grande era a multidão que ali se encontrava, como sempre ocorria na celebração de fatos tão importantes para o povo Judeu.

Com esta narrativa, oferecemos uma panorâmica dos fatos que deram origem à celebração do Pentecostes.

Dando destaque ao que ocorreu no dia de Pentecostes, sob referência.

Grande multidão ali se encontrava, povos de várias localidades, como registrou Emmanuel: cretenses, árabes, partos⁽²⁾ e romanos. Cada um com seu próprio linguajar e costumes. Todos foram atendidos, em seu próprio idioma, pelos discípulos do Nazareno. Fato este que foi de grande estranheza por muitos que ali se encontravam, particularmente mencionados os cétricos que acabaram com concluir de esta particularidade no entendimento e interpretação da linguagem ser decorrente de perturbação mental e desequilíbrio por parte dos discípulos.

Simão Pedro, então, esclarece que se tratava da Luz prometida por Deus, como se encontrava no livro do profeta Joel 2:28 (V.T.):

“E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões.”

Diz-nos Emmanuel, a respeito do assunto, que desde então a luz do Pentecostes ***“jorrou”*** sobre o mundo. Os que se sentiam frágeis e indecisos, sentiram-se confiantes e firmes, mesmo diante de influências à sua volta. Fortalecidos por energias decorrentes da fé que lhes assomam o íntimo, duram os doentes, auxiliam os que se mostram frágeis, falam em nome do Senhor.

Conclui Emmanuel:

“... é sobre a mediunidade, gloriosa luz dos Céus oferecida às criaturas no Pentecostes, que se edificam as construções espirituais de todas as comunidades sinceras da Doutrina do Cristo...”

Também Emmanuel, no texto “Perante a multidão”, no livro Vinha de Luz, alerta-nos a mantermo-nos firmes em nossos propósitos de seguir o Mestre, não obstante alguns ainda não compreenderem a ***“humildade que se consagra ao bem, a fraternidade que dá sem exigências descabidas e a fé que confia sempre, não obstante as tempestades.”***

(1) *Pentecostes* ("quinquagésimo" em grego) é uma das celebrações mais importantes do calendário cristão e comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo, sua mãe Maria e outros seguidores. O Pentecostes é celebrado 50 dias depois do domingo de Páscoa, e ocorre no décimo dia depois da celebração da Ascensão de Jesus. Isto porque ele ficou quarenta dias, após Sua ressurreição, dando os últimos ensinamentos a seus discípulos. E para os cinquenta dias que se completam da Páscoa até o último dia da grande festa de Pentecostes, sobram dez dias ^[1]. Foram estes os dias em que os discípulos permaneceram no cenáculo até a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Pentecostes é historicamente e simbolicamente ligado ao festival judaico da colheita (Shavuot), que comemora a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai cinquenta dias depois do Êxodo. Para os cristãos, o Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e seguidores de Cristo, através do dom de línguas, como descrito no Novo Testamento, durante aquela celebração judaica do quinquagésimo dia em Jerusalém. **Por esta razão o dia de Pentecostes é, às vezes, considerado o dia do nascimento da igreja cristã.** O movimento pentecostal tem seu nome derivado desse evento.

Pentecostes – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

(2) Atualmente – Irã, Armênia, Síria, Iraque, Azerbaijão, Afeganistão, Geórgia e Turcomenistão.



Por Cristo

Tive uma certa dificuldade em analisar o texto Por Cristo, de Emmanuel, que teve como referência um versículo de carta de Paulo ao Filipenses:

“E se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta.

(Fi, 1:18)

Incomodou-me, de forma significativa, o uso dos termos “ser devedor”, “ser credor” e, por consequência, os comentários subjacentes.

Passei vários dias lendo e relendo. Refletindo sobre as referências que Emmanuel fizera a respeito do que recebemos do Cristo e como deveríamos “olhar” para a questão.

Uma das particularidades ali expostas era de ser o Cristo nosso credor quanto ao que recebemos dele – ensinamentos, luzes de entendimento, auxílio em momentos de dificuldades. Por decorrência, seríamos nós seus devedores.

É-nos evidente e óbvio que o Cristo nos proporciona, a todo tempo, oportunidades incontestáveis de aprendizado, reflexões, luz para tomadas de decisões.

Seus exemplos de vida, lições maravilhosas que nos trouxeram alguns de seus seguidores, em particular narrativas contidas no Novo Testamento – Mateus, Marcos, Lucas e João. Não podemos nos esquecer das Cartas de Paulo a seus companheiros de jornada. Vínculos estes decorrentes de relacionamentos havidos depois da sua conversão, ocorrida quando de seu encontro com Jesus em intensa luz e voz, de forma inquestionável, no caminho de Damasco. Também o acolhimento e auxílio de Ananias, sob orientação do Mestre, no momento daquele encontro.

É fato ser Jesus nosso orientador e guia. A origem de tudo o que sabemos, que tentamos ainda compreender sobre como devemos nos portar, não só com nós mesmos, como também com relação a nossos companheiros de jornada. Oportunidades que nos são oferecidas não só em uma existência em corpo físico. Indubitavelmente em todas as experiências, seja em no plano material, como também no plano espiritual.

Encontramos em I Tessalonicenses 5:18: “Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.” ⁽¹⁾

A todo momento em que nos damos conta do quanto recebemos do Mestre, precisamos dar graças. Manifestarmos nossa gratidão, sentimento real, profundo.

Ser grato requer manifestarmos nossa gratidão com expressões genuínas que demonstrem o quanto acolhemos os ensinamentos de Jesus em nossas vidas, orientações que efetivamente passaram a fazer parte do nosso dia a dia. Como expressamos nas nossas ações o termos sido modificados em nosso íntimo – sermos nova criatura. Vale lembrar aqui uma passagem do Apóstolo Paulo em II Coríntios 5:17 “Pelo que, se alguém está com Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”

Diz Emmanuel em seu texto:

“Se estamos totalmente empenhados ao amor infinito do Mestre, não será razoável compreendermos pelo menos alguma particularidade de nossa dívida imensa, dispondo-nos a aceitar pequenina parcela de sofrimento, em memória de seu nome, junto de nossos irmãos da Terra, que são seus tutelados igualmente?” (2)

Como poderíamos interpretar este texto, quanto ao termo “dívida”, utilizado por Emmanuel? Esta foi uma parte que também me levou a pensar por muitos dias. Gostaria de lembrar aqui, como referência ao que já foi mencionado acima:

- “A todo momento em que nos damos conta do quanto recebemos do Mestre, precisamos dar graças. Manifestarmos nossa gratidão, sentimento real, profundo.”

Como deveríamos corresponder ao que o Apóstolo Paulo escreveu aos Tessalonicenses: “Em tudo dai graças; ...” (1) Demonstrarmos nossa gratidão ao Pai e ao Mestre Jesus, como nos orienta Paulo – darmos graça, sermos gratos.

Depois de muita reflexão e procurando compreender Emmanuel, creio ter podido concluir ser uma expressão usual à época em que o livro foi escrito, por orientação do Mentor do Chico Xavier. Remete-nos a interpretar como necessidade de retribuição pelo bem de que tenhamos sido alvo – bênçãos de Deus, por intermédio do Mestre Jesus.

E como poderíamos interpretar o termo retribuição?

Creio que atenderia de forma compreensível sermos fraternos, compreensivos, respeitosos, benevolentes, tolerantes, compassivos, pacientes, afáveis. Assim, estaríamos, por certo, correspondendo ao bem que diuturnamente recebemos como graças.

Concluindo trazendo mais uma vez as palavras de Paulo aos Tessalonicenses: **“E se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta.”** e as reflexões de Emmanuel, creio que podemos interpretar:

- caso sejamos alvo de alguma ação intempestiva por parte de algum companheiro de jornada, seja no Plano Espiritual, seja no plano material, acolhamos como oportunidades de reflexão e aprendizado. E sintamos em nós os ensinamentos do Cristo e o exemplo de vida que se fez presente enquanto entre nós como Jesus, nosso Mestre.

Sermos exemplos de verdadeiros aprendizes comprometidos com o exercício do Amor em suas mais variadas expressões: fraternidade, bondade, compaixão, compreensão, misericórdia.

(1) Versão de Almeida, revista e atualizada.



(2) Caminho, verdade e vida, Cap. 17, Emmanuel, por Chico Xavier.

Que buscais?

“E Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam, disse-lhes: Que Buscais?” (Jo 1:38)

Neste texto Emmanuel traz reflexões sobre o caminhar de seguidores de Jesus. Interessantes e importantes abordagens a respeito de atitudes que observamos inclusive em frequentadores de Templos.

É muito comum observarmos devotos, como o próprio Emmanuel expressa em seu texto, que se apresentam nos círculos religiosos na condição de buscadores de interesses pessoais.

Importante refletirmos sobre como interpretamos a nossa condição de seguidores de Jesus, o Cristo.

Emmanuel alerta que invariavelmente se observa a apresentação de promessas como troca por regalias almeçadas e expressas por muitos de nós. Estes entendem poderem ser agraciados por benefícios, privilégios e preferências na visão de que o Deus por eles venerados estaria disponível para atender interesses pessoais egoísticos.

Precisamos buscar o verdadeiro sentido da nossa existência, seja em corpo físico seja nosso estágio no Plano Espiritual.

As experiências, em vários estágios da Vida do Espírito, exigem que estejamos conscientes do papel que exercermos no decorrer de nossos caminhos. A meta de que precisamos e a que deveríamos almejar é nossa evolução espiritual. A formação do corpo físico acompanha esse processo no ir e vir entre Planos de nossa existência.

Sim existência, no singular, pois a existência é uma só. O Espírito é o mesmo em suas várias etapas de vivências, experiências que oferecem oportunidades de aprendizado e evolução moral. Esta sim é a principal meta a que devemos estar constrangidos a alcançar.

A evolução espiritual e moral, uma em decorrência da outra, deverá ser nossa meta a todo tempo – aquisição de conhecimentos e valores que proporcionem a evolução do intelecto e não só, principalmente o construir a “iluminação definitiva da Alma para Deus”, expressão utilizada por Emmanuel no texto em o livro Caminho, Verdade e Vida, Cap. 22.

Importante buscarmos no Capítulo XI – Gênese Espiritual, do livro A Gênese. Encontramos ali uma abordagem importante do processo evolutivo a que estamos sujeitos – conexão intrínseca da evolução do corpo em decorrência da evolução do Espírito:

10. (...) O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, (...)

13. Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para suas atividades, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida se tornar inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.”

Há de convir, então, observando esse processo, mais ainda, vivenciando-o, temos a impressão de transitarmos por sofrimentos, dado o nosso apego ao corpo e à vida. Isso se deve em razão de ainda não internalizarmos o princípio inerente ao progresso espiritual.

Como vimos no texto de A Gênese, a evolução do Espírito exige a reformulação do corpo físico. Quanto mais aquele se desenvolve na escala evolutiva, mais o outro precisa ser reorganizado em suas propriedades para acompanhar e proporcionar condições de trabalho e cumprimento das tarefas de que aquele está incumbido.

A nossa efetiva busca pela elevação moral oportuniza a evolução espiritual – objetivo primeiro do nosso caminhar como Espíritos que somos. Não há trocas com o Plano Espiritual, só mesmo a aquisição efetiva em decorrência de princípios espirituais elevados adquiridos no caminhar à luz dos ensinamentos do Mestre Jesus, o Cristo.

Tendo sempre em nossas mentes esses princípios, interessante estar sempre presente em nós a pergunta que nos faz o Mestre – Que buscais?

Sugestão de leitura: “Transformação e evolução” -
Transformação e evolução | Elda Evelina

Coração puro

“Não se turbe o vosso coração.” (Jo 14:1)

A este versículo que Emmanuel colocou como referência, para o estudo sobre o tema “Coração puro”, segue-se este mais à frente:

- **“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.”**
(Jo 14:27)

Por certo temos aqui uma referência que nos leva a compreender que não há como estarmos transitando por esta experiência terrena sem vivenciar dificuldades, tentações, provas ásperas, como o próprio Emmanuel coloca em suas reflexões.

Se essas experiências são inevitáveis, importa que tenhamos tranquilidade, consciência e bom ânimo para seguirmos em frente, tomando tais experiências como oportunidades de aprendizado, objetos de reflexões e busca de entendimento para uma vida saudável, sem temor ou desespero pelo caminho a seguir.

As experiências decorrentes de convívios difíceis são reflexos de experiências anteriores em que cometemos erros e não compactuamos amor, serenidade, paz e compreensão para com nossos companheiros de jornadas.

Essas vivências compõem-nos a comportamentos difíceis inevitáveis, a não ser quando já tenhamos alcançado algum nível de elevação moral, discernimento quanto ao que significa o verdadeiro amor nas relações entre os companheiros de jornada, seja como familiares, amigos ou simplesmente companheiros de caminhada no Plano Físico da vida na matéria.

Quando alcançamos um nível de consciência próximo ao ideal conseguiremos vencer níveis de perturbação por alcançarmos em nós a luz radiante que iluminará nossas mentes e nossos passos na caminhada.

Entendo interessante acrescentar uma reflexão que teria sido partilhada entre Francisco de Assis e Frei Leão.

Teria começado assim a interlocução entre os dois:

“Francisco pergunta a frei Leão: Irmão, sabe acaso o que é a pureza de coração?”

Responde-lhe o frei: É não termos falta alguma de que nos acusemos.

Francisco acrescenta, percebendo a tristeza de frei Leão: porque temos sempre alguma coisa de que nos acusar.

Leão concorda.

Oferece então Francisco uma reflexão muito interessante a respeito do que deveria ser ter puro o coração.

Não dever preocupar-se tanto com a pureza da própria Alma e sim voltar o olhar para Deus. Ainda somos imperfeitos e é um sentimento humano compreensível, mas não deveríamos deixar que a distância que existe entre nós e Deus acarrete tristeza e insegurança.

Precisamos elevar o nosso olhar para mais alto.

O coração puro é aquele que toma profundo interesse pela própria vida em Deus.

Sugere esvaziar-se da insegurança e fragilidade interior e vibrar na alegria em Deus. Esse vazio ocorrido em nós, ao aceitarmos Deus, abrimo-nos à Sua plenitude, é preenchido pela presença inefável do Pai e Criador.

Não devemos guardar o que nos pesa, inclusive as próprias falhas.

O nosso desejo de perfeição muda em um simples e puro querer de Deus.”⁽¹⁾

A partir do momento em que temos consciência dessa necessidade e buscamos mudar nossas atitudes, tentamos identificar a presença de Deus em nós. Essa busca, em razão das fragilidades que ainda se mantêm em nós, precisará ser constante – abrimo-nos à Sua plenitude e deixarmos-nos preencher pela Sua presença.

Quando Jesus disse aos discípulos: “Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o Reino de Deus é para os que se lhes assemelham. - Digo-vos, em verdade, que aquele que não

receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará.” (Mc 10:13-16), faz despertar em nós o interesse em compreender a essência das palavras do Mestre.

Tomando como referência as reflexões de Francisco de Assis, poderemos interpretar as palavras do Mestre dizendo que uma criança, ainda em sua inocência, frágil, simples e humilde, tem puro o coração. Deixa-se ser preenchida do que lhe podemos oferecer. É nossa responsabilidade saber proporcionar o que lhe é útil e necessário ao seu desenvolvimento intelectual, moral e espiritual.

A partir do início do seu desenvolvimento, suas ideias tomam gradualmente impulso. Não obstante ser um Espírito com vivências anteriores e experiências que lhe proporcionaram conhecimento, emoções agradáveis ou não, encarna com a bênção do esquecimento, as ideias que lhe formam o caráter acham-se ainda adormecidas.

Devemos então, como responsáveis pelo encaminhamento desse Ser, a nós legado pela divina providência, preencher esse vazio (na acepção de Francisco de Assis) com os ensinamentos de Jesus - deixar irem a Ele as criancinhas -, mostrar-lhes o aceitar Deus, fazê-los conhecer o Seu amor e sentir a Sua presença em suas vidas.

É o momento mais oportuno para esse proceder, enquanto seus instintos se conservam moldáveis, mais acessíveis aos ensinamentos que lhes possam transformar o caráter e facilitar sua evolução. Torna mais fácil a tarefa, o compromisso assumido pelos pais ou responsáveis.

O transitar pelo período da infância, temporariamente vestido da roupagem da inocência, reflete a sabedoria divina em ação. E Jesus demonstra, na sua orientação a seus discípulos, conhecer e aplicar bem o que o Pai lhe confiou para nos ensinar nesse processo do aprendizado, não só do nosso Ser como também daqueles que fazem parte de nossa jornada, nossos companheiros nesse momento na eternidade.

Há um texto de Emmanuel em que nos fala precisamente sobre essa orientação de Francisco de Assis, quanto a deixar-se preencher pela presença de Deus. Assim nos fala o mentor de Francisco Cândido Xavier ⁽²⁾:

Em o texto sob referência para o estudo deste tema, Emmanuel assim conclui suas reflexões:

“Todavia, recomendou-nos o Mestre: - “não se turbe o vosso coração”, porque o coração puro e intemorato é garantia de consciência limpa e reta e quem dispõe da consciência limpa e reta vence toda perturbação e toda treva, por trazer em si mesmo a luz irradiante para o caminho.”

“O pretérito ominoso para a grande maioria de nós outros, os viandantes da Terra, levantará no território de nosso próprio íntimo os fantasmas que deixamos para trás, vagueantes e insepultos, a se exprimirem naqueles que ferimos e injuriamos nas existências passadas e que hoje se voltam pra nós, a feição de credores inflexíveis, solicitando reconsideração e resgate, serviço e pagamento.”

- (3) Fonte de consulta retirada do sistema. Entendo que, mesmo assim, continua válida a publicação desse texto.
- (4) Coração Puro – Palavras de vida eterna, Cap. 36.

----- xxx -----

Gostaria de concluir com um poema, tendo como referência o texto de Emmanuel:

Aprender, transformar-se e amar

Onde está, companheiro?
Estivemos juntos em passado remoto,
Vivenciamos experiências
Por vezes difíceis.
Incompreensão,
Desamor,
Injustiças,
Paixões desmedidas.
Não sei qual a nossa ligação!

Por certo estamos ligados,
Conectados por sentimentos,
Emoções nem sempre nobres,
Por vezes até inconfessáveis!
É até constrangedor reconhecer
E confessar a mim mesma.

Quero dizer a você, companheiro,
Que tenho tentado me conhecer,
Buscar no recôndito da minh'alma,
Meus erros, meus deslizes,
Dos mais variados matizes.
Preciso encontrá-los,
Reconhecê-los,
Mais do que simplesmente isso,
Preciso resgatá-los!
Para tanto, meu primeiro passo
Está no me transformar, de certo.

Sei que me acompanha,
Olha para mim com os olhos do seu espírito,
Talvez com rancor, com mágoa,
Ódio até, talvez.
Nem sei o que lhe fiz,
Mas algo existe no seu Ser,
Marcado pela minha insensatez.

Volto a dizer, meu amigo,
Que busco me encontrar.
E no me encontrar,
O me transformar.
Quem sabe você,
Ao ver o meu novo ser,
Poderá perceber meu novo caminhar,
E nesse novo caminhar
Encontrar a minha busca
De aprender a amar?

Quem sabe, meu amigo,
Companheiro de vidas idas,
Venha até mesmo conseguir
Se descobrir como alguém
Capaz de também se encontrar
Ao me ver em novo proceder?
E podermos juntos, então,
Olhar um para o outro,
Abrindo novos sentimentos,
Emoções tocando o nosso novo Ser
Emoções de arrepender,
Do aprender e do se encontrar.
E nos abraçarmos,
Ainda que seja em sonhos
Ou em percepções sutis.

Um dia, quem sabe?
Podemos nos encontrar em corpo,
E nos reconhecemos,
Não como desafetos
Mas como grandes amigos
Que aprenderam a se amar.

⁽³⁾ Poema de Elda Evelina Vieira, no livro Aprender com o Mestre
– Sobre o Amor, Capítulo “Amai os vossos inimigos”, Bookess Editora



Somos Seres em evolução

Este Estudo tem como referência o “O Espiritismo pergunta”, no livro O Espírito da Verdade ⁽¹⁾.

Contempla, ao longo de suas reflexões, experiências que tenhamos vivenciado, alertando-nos para o fato de necessitarmos ficar atentos a situações que nos marcaram e marcam, como Espíritos, ao longo de várias existências.

Um alerta para o fato de que o corpo físico, que ora nos abriga, é definido pelo corpo espiritual resultante de várias experiências, opções havidas, comportamentos, comprometimentos.

O texto proporciona reflexões que devemos acolher com muita atenção.

Detalha, de forma minuciosa, repercussões decorrentes do nosso transitar por lugares e épocas. Circunstâncias decorrente do nosso Livre arbítrio, ao longo de nossas várias jornadas.

Ficam registradas, no Espírito, todas essas experiências e, não raro, estas se repetem no nosso jornadaear.

Alerta-nos para o fato de essas experiências, que nos são oportunizadas, terem como foco o buscarmos a nossa renovação como Ser. Aprendizados a clarear nossas mentes para um novo olhar dirigido, fundamentalmente, para nossa evolução espiritual.

No livro A Gênese, Cap. XI - Gênese espiritual, encontramos:

Capítulo XI ***Gênese espiritual:***

“É inata ao homem a ideia da perpetuidade do ser espiritual; essa ideia se acha nele em estado de intuição e de aspiração.

Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. (...)

(...) O corpo e, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, (...)

Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para suas atividades, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida se tornar inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.”

Há de convir que, observando esse processo, mais ainda, vivenciando-o, temos a impressão de transitarmos por sofrimentos, dado o nosso apego ao corpo e à vida. Isso se deve por ainda não internalizarmos o princípio inerente ao progresso espiritual.

Como vimos no texto de A Gênese, a evolução do Espírito exige a reformulação do corpo físico. Quanto mais aquele se desenvolve na escala evolutiva, mais o outro precisa ser reorganizado em suas propriedades para acompanhar e proporcionar condições de trabalho e cumprimento das tarefas de que aquele está incumbido.

Interpretarmos, desta forma, a passagem objeto deste Estudo:

“Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele” (Mt 11:12)

O Reino dos céus, ou Reino de Deus, é alcançado no burilamento do Espírito que somos. Exige de nós empenho, persistência, determinação, entendimento, sem os quais não alcançaremos nossos propósitos.

A esse processo poderemos, dada a nossa condição ainda de “meninos espirituais”, denominar de esforço, ou até mesmo de violência (da Natureza).

Quando alcançarmos o entendimento necessário, perceberemos que todo esse processo é natural e necessário. Seremos gratos por proporcionar a nós o alcance de patamares mais elevados na morada espiritual e o atingimento, de futuro, à condição de Espíritos Puros e a convivência estreita com nossos semelhantes.

Importante trazer aqui uma interpretação de passagem de o livro Apocalipse (último livro do Novo Testamento). O contexto é: João (autor do livro em referência), fora arrebatado aos planos ou dimensões superiores da vida para que vivenciasse ali o que as

consciências evoluídas promoviam a respeito do processo evolutivo do planeta Terra e seus habitantes.

Aquelas consciências não permanecem ociosas, trabalham constantemente na administração dos mundos.

Menciona João que se a Terra fosse colocada tão-só nas mãos do homem, com certeza já a teríamos destruído.

A misericórdia divina permite que irmãos mais experientes intervenham em oportunidades muito específicas para auxiliar o ser humano nas dificuldades em que vive.

Explica que as guerras, as bombas, as agressões à natureza e o clamor de milhares de vidas afetam a morada cósmica. O homem, com seus pensamentos e ações de violência e desequilíbrio promove cargas mentais tóxicas e quantidades expressivas de ectoplasma são lançadas na atmosfera psíquica do mundo, abalando estruturas do planeta.

Assim, é imprescindível uma ação saneadora geral, conduzida pelos responsáveis espirituais que orientam o destino da Terra. A limpeza psíquica e física do ambiente planetário faz-se premente e esta ação poderá promover uma mais intensa cota de dor e sofrimento, nas provações coletivas.

Precisamos, no entanto, compreender que este processo deflagrado é, tão-só, o prenúncio de um novo despertar da consciência do homem e o seu renascer para uma nova vida – o filho das estrelas.

Quando João faz referência aos anciãos com suas coroas de ouro, é uma alusão a suas posições ante a humanidade: governadores dos mundos, hierarquia cósmica, auxiliares da Suprema Consciência, para orientação dos destinos da humanidade, em suas mais variadas formas. Expressam submissão ao Cristo, é a significação da esperança, pois se processa no mundo pela misericórdia e sabedoria daquele que é o divino pastor de nossas almas.

A renovação da Terra é precedida por tempos em que vivenciaremos crises, dores e espasmos como se fossem dores do parto, como quando uma mulher está para dar à luz.

“No caso da humanidade terrena, as dores morais, os conflitos sociais e as catástrofes coletivas são o prenúncio do nascimento de nova raça de homens, de uma nova mentalidade.” (citação do livro

“Apocalipse, uma interpretação espírita das profecias”, espírito Estêvão – pseudônimo escolhido pelo autor espiritual -, por Robson Pinheiro).

Por mais difíceis possam parecer as dores e dificuldades, simples colheitas pelos nossos atos, devemos ter em Jesus a nossa âncora sublime em que confiar. Ele não nos abandona, é o timoneiro do barco cósmico que nos abriga, e guia a nave terrestre ao porto seguro do seu amor.

(2) Militão Pacheco, por Chico Xavier



Avideira

**“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.” — Jesus.
(Jo 15:1)**

A Emmanuel começa sua reflexão dizendo:

“Deus é o Criador Eterno cujos desígnios permanecem insondáveis a nós outros. Pelo seu amor desvelado criam-se todos os seres, por sua sabedoria movem-se os mundos no Ilimitado.”

Assim nós aprendemos (Estudos em grupos cristãos e judeus) sobre a vida e nossa relação com Deus e o seu poder sobre o Universo. Abordagem semelhante é encontrada em alguns outros grupos de Estudos filosóficos:

“No princípio Deus criou os céus e a terra.” (Bíblia - Ge 1:1)

Podemos observar haver uma semelhança nesse “olhar” sobre a criação da Terra, nosso Planeta, independente de segmentos religiosos e filosóficos.

Continua Emmanuel em suas reflexões:

“Pequena e obscura, a Terra não pode perscrutar a grandeza divina, O Pai, entretanto, envolve-nos a todos nas vibrações de sua bondade gloriosa.

Ele é a alma de tudo, a essência do Universo.

Permanecemos no campo terrestre, de que Ele é dono e supremo dispensador.”

Texto de Emmanuel, relativamente recente, em que ele afirma de a Terra, referindo-se a nós habitantes, sermos ainda incapazes de alcançar o que verdadeiramente representa este Planeta em nossas vidas. Os objetivos de aqui estarmos, o que nos **espera** esse caminhar através dos séculos... milênios... na verdade uma extensão de tempo e espaço imensurável e insondável.

Trazendo mais uma vez parte da frase inicial do referido texto “Videira”, de Emmanuel, referindo-se a Deus, o **“Criador Eterno”**:

Pelo seu amor desvelado criam-se todos os seres, por sua sabedoria movem-se os mundos no Ilimitado.”

Temos aqui a afirmativa de que não somos os únicos no Universo – “movem-se os mundos no **ilimitado**”.

Somos levados, muitas vezes, a ver-nos como seres privilegiados na Criação. Precisamos buscar a humildade em nós, reconhecer-nos como seres ainda em “construção” nesse **habitat**.

Ainda há muito a aprender, a nos aprimorarmos.

Afirma Emmanuel em seu texto:

“necessitados de aprimoramento e iluminação.”

Diante desta necessidade que ainda mantemos em nós, pela fragilidade – espiritual, emocional e física -, O Pai enviou-nos Jesus, como o próprio Emmanuel faz referência:

“No entanto, para que lhe sintamos a presença em nossa compreensão limitada, concedeu-nos Jesus como sua personificação máxima.”

Enviou-nos esse Ser muito especial, que cumpriu sua missão de Mestre de Amor. Ainda que não o tenhamos mais fisicamente conosco, temo-lo como Companheiro eterno a nos orientar e acompanhar de todas as formas que lhe são possíveis.

Depende de como nós o acolhermos e a seus ensinamentos, em nossas vidas. Somos parte importante e indispensável em nosso caminhar. Precisamos ser conscientes desse processo.

Somos amados, acolhidos, incentivados. Temos os ensinamentos do Mestre nos Evangelhos e precisamos ali buscar nosso aprendizado com cuidado e verdadeiro interesse na reformulação de nosso caminhar.

Com Jesus aprendemos, se assim o quisermos, mas o nos aprimorarmos e nos iluminarmos depende de nós. É pessoal, particular. Depende de como acolhemos e praticamos as lições do Mestre em nossas vidas. Responderemos intelectual e espiritualmente pelo nosso **caminhar** durante nossa jornada... ou jornadas que nos forem oportunizadas em vários planos da **Vida**.

Diz-nos ainda Emmanuel no texto em referência:

“Dentro de nossa pequenez, sucumbiríamos de fome espiritual, estacionados na sombra da ignorância, não fosse essa videira

da verdade e do amor que o Supremo Senhor nos concedeu em Jesus-Cristo.”

Ao buscarmos os ensinamentos do Mestre, fazermos-nos seus aprendizes com afincamento e determinação, estamos reconhecendo que, sem o Cristo, não alcançaríamos a condição de verdadeiros discípulos, determinados a encontrar o caminho da elevação espiritual.

Nossa jornada se consolidará como efetiva, no proceder ao encontro dos nossos objetivos como aprendizes e mantenedores dos ensinamentos de Jesus, o Enviado pelo Pai para cumprimento de uma missão com todos nós, seus filhos amados.

Mediunidade

“E será (que) nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão e vossos anciãos sonharão sonhos.” (At 2:17)

Este texto do livro *Atos dos Apóstolos* tem, como ambientação, o Dia de Pentecostes. Celebração do povo Hebreu desde os primórdios. Já encontramos referência no livro Levítico 23:15-16:

—”A partir do dia seguinte ao sábado, o dia em que vocês trarão o feixe da oferta ritualmente movida, contém sete semanas completas.

16 Contem cinquenta dias, até um dia depois do sétimo sábado, e então apresentem uma oferta de cereal novo ao Senhor.”

Pentecostes tem sua origem na comemoração da colheita e ocorre cinquenta dias após a Páscoa Judaica. Esta celebração também é conhecida como Festas das Semanas, por acontecer após sete semanas – 50 dias. (*ver nota abaixo*)

A primeira Páscoa Judaica ocorreu quando da libertação do povo Judeu, até então escravo no Egito. À jornada que se deu a partir dali deu-se o nome de Êxodo.

– Êxodo – segundo livro do Pentateuco de Moisés. A palavra expressa a libertação do povo Hebreu no Egito. Quando também temos registro de ter acontecido a primeira Páscoa – encontramos no livro de Êxodo 12:11, quando recebem a orientação do Senhor quanto a procedimentos que deveriam cumprir naquela oportunidade. Assim a orientação se encerra:

– **“esta é a Páscoa do Senhor.”**

A passagem, a que damos referência para o Estudo, ocorre em Jerusalém. Grande era a multidão que ali se encontrava, como sempre ocorria na celebração de fatos tão importantes para o povo Judeu.

Com esta narrativa, oferecemos uma panorâmica dos fatos que deram origem à celebração do Pentecostes.

Dando destaque ao que ocorreu no dia de Pentecostes, sob referência.

Grande multidão ali se encontrava, povos de várias localidades, como registrou Emmanuel: cretenses, árabes, partos⁽²⁾ e romanos. Cada um com seu próprio linguajar e costumes. Todos foram atendidos, em seu próprio idioma, pelos discípulos do Nazareno. Fato este que foi de grande estranheza por muitos que ali se encontravam, particularmente mencionados os céticos que acabaram com concluir de esta particularidade no entendimento e interpretação da linguagem ser decorrente de perturbação mental e desequilíbrio por parte dos discípulos.

Simão Pedro, então, esclarece que se tratava da Luz prometida por Deus, como se encontrava no livro do profeta Joel 2:28 (V.T.):

-- “E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões.”

Diz-nos Emmanuel, a respeito do assunto, que desde então a luz do Pentecostes ***“jorrou”*** sobre o mundo. Os que se sentiam frágeis e indecisos, sentiram-se confiantes e firmes, mesmo diante de influências à sua volta. Fortalecidos por energias decorrentes da fé que lhes assomam o íntimo, duram os doentes, auxiliam os que se mostram frágeis, falam em nome do Senhor.

Conclui Emmanuel:

“... é sobre a mediunidade, gloriosa luz dos Céus oferecida às criaturas no Pentecostes, que se edificam as construções espirituais de todas as comunidades sinceras da Doutrina do Cristo...”

Também Emmanuel, no texto “Perante a multidão”, no livro Vinha de Luz, alerta-nos a mantermo-nos firmes em nossos propósitos de seguir o Mestre, não obstante alguns ainda não compreenderem a ***“humildade que se consagra ao bem, a fraternidade que dá sem exigências descabidas e a fé que confia sempre, não obstante as tempestades.”***

(1) *Pentecostes (“quingentésimo” em grego) é uma das celebrações mais importantes do calendário cristão e comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo, sua mãe Maria e outros seguidores. O Pentecostes é celebrado 50 dias depois do domingo de Páscoa, e ocorre no décimo dia depois da celebração da Ascensão de Jesus. Isto porque ele ficou*

quarenta dias, após Sua ressurreição, dando os últimos ensinamentos a seus discípulos. E para os cinquenta dias que se completam da Páscoa até o último dia da grande festa de Pentecostes, sobram dez dias ^[1]. Foram estes os dias em que os discípulos permaneceram no cenáculo até a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

*Pentecostes é historicamente e simbolicamente ligado ao festival judaico da colheita (Shavuot), que comemora a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai cinquenta dias depois do Êxodo. Para os cristãos, o Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e seguidores de Cristo, através do dom de línguas, como descrito no Novo Testamento, durante aquela celebração judaica do quinquagésimo dia em Jerusalém. **Por esta razão o dia de Pentecostes é, às vezes, considerado o dia do nascimento da igreja cristã.** O movimento pentecostal tem seu nome derivado desse evento.*

Pentecostes – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

Atualmente – Irã, Armênia, Síria, Iraque, Azerbaijão, Afeganistão, Geórgia e Turcomenistão

Por Cristo

“E Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam, disse-lhes: Que Buscais?” (Jo 1:38)

Neste texto Emmanuel traz reflexões sobre o caminhar de seguidores de Jesus. Interessantes e importantes abordagens a respeito de atitudes que observamos inclusive em frequentadores de Templos.

É muito comum observarmos devotos, como o próprio Emmanuel expressa em seu texto, que se apresentam nos círculos religiosos na condição de buscadores de interesses pessoais.

Importante refletirmos sobre como interpretamos a nossa condição de seguidores de Jesus, o Cristo.

Emmanuel alerta que invariavelmente se observa a apresentação de promessas como troca por regalias almeçadas e expressas por muitos de nós. Estes entendem poderem ser agraciados por benefícios, privilégios e preferências na visão de que o Deus por eles venerados estaria disponível para atender interesses pessoais egoísticos.

Precisamos buscar o verdadeiro sentido da nossa existência, seja em corpo físico seja nosso estágio no Plano Espiritual.

As experiências, em vários estágios da Vida do Espírito, exigem que estejamos conscientes do papel que exercermos no decorrer de nossos caminhos. A meta de que precisamos e a que deveríamos almejar é nossa evolução espiritual. A formação do corpo físico acompanha esse processo no ir e vir entre Planos de nossa existência.

Sim existência, no singular, pois a existência é uma só. O Espírito é o mesmo em suas várias etapas de vivências, experiências que oferecem oportunidades de aprendizado e evolução moral. Esta sim é a principal meta a que devemos estar constrangidos a alcançar.

A evolução espiritual e moral, uma em decorrência da outra, deverá ser nossa meta a todo tempo – aquisição de conhecimentos e valores que proporcionem a evolução do intelecto e não só, principalmente o construir a “iluminação definitiva da Alma para Deus”, expressão utilizada por Emmanuel no texto em o livro Caminho, Verdade e Vida, Cap. 22.

Importante buscarmos no Capítulo XI – Gênese Espiritual, do livro A Gênese. Encontramos ali uma abordagem importante do processo evolutivo a que estamos sujeitos – conexão intrínseca da evolução do corpo em decorrência da evolução do Espírito:

10. (...) O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, (...)

13. Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para suas atividades, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida se tornar inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.”

Há de convir, então, observando esse processo, mais ainda, vivenciando-o, temos a impressão de transitarmos por sofrimentos, dado o nosso apego ao corpo e à vida. Isso se deve em razão de ainda não internalizarmos o princípio inerente ao progresso espiritual.

Como vimos no texto de A Gênese, a evolução do Espírito exige a reformulação do corpo físico. Quanto mais aquele se desenvolve na escala evolutiva, mais o outro precisa ser reorganizado em suas propriedades para acompanhar e proporcionar condições de trabalho e cumprimento das tarefas de que aquele está incumbido.

A nossa efetiva busca pela elevação moral oportuniza a evolução espiritual – objetivo primeiro do nosso caminhar como Espíritos que somos. Não há trocas com o Plano Espiritual, só mesmo a aquisição efetiva em decorrência de princípios espirituais elevados adquiridos no caminhar à luz dos ensinamentos do Mestre Jesus, o Cristo.

Tendo sempre em nossas mentes esses princípios, interessante estar sempre presente em nós a pergunta que nos faz o Mestre – Que buscais?

Sugestão de leitura: “Transformação e evolução” - **Transformação e evolução | Eida Evelina**

Lavar pés

“Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés.

Respondeu-lhe:

Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.” (Jo 13:8)

“É natural vejamos, antes de tudo, na resolução do Mestre, ao lavar os pés dos discípulos, uma demonstração sublime de humildade santificante.

Primeiramente, é justo examinarmos a interpretação intelectual, adiantando, porém, a análise mais profunda de seus atos divinos. É que, pela mensagem permanente do Evangelho, o Cristo continua lavando os pés de todos os seguidores sinceros de sua doutrina de amor e perdão.

O homem costuma viver desinteressado de todas as suas obrigações superiores, muitas vezes aplaudindo o crime e a inconsciência. Todavia, ao contacto de Jesus e de seus ensinamentos sublimes, sente que pisará sobre novas bases, enquanto suas apreciações fundamentais da existência são muito diversas.

Aguém proporciona leveza aos seus pés espirituais para que marche de modo diferente nas sendas evolutivas.

Tudo se renova e a criatura compreende que não fora essa intervenção maravilhosa e não poderia participar do banquete da vida real.

Então, como o apóstolo de Cafarnaum, experimenta novas responsabilidades no caminho e, desejando corresponder à expectativa divina, roga a Jesus lhe lave, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.” (Caminho, verdade e vida, Emmanuel)

Contexto (Jo 13:3-10)

- 3 Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus,*
- 4 Levantou-se da ceia, tirou as vestes, e, tomando uma toalha, cingiu-se.*
- 5 Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.*

6 *Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, tu lavas-me os pés a mim?*

7 *Respondeu Jesus, e disse-lhe: O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois.*

8 *Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo.*

9 *Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça.*

10 *Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos.*

O lavar os pés era um costume judaico, mencionado já no Antigo Testamento.

O lavar os pés era uma necessidade, em razão das condições à época: estradas poeirentas e calçados tipo sandálias.

O costume era de o anfitrião providenciar água para que seus hóspedes pudessem lavar seus próprios pés, ou seria destinado um servo para que realizasse essa tarefa.

Há informações históricas de que esta tarefa era considerada humilhante, até mesmo para um servo judeu.

Diante dessas referências, seria mais do que estranhar Jesus tomar para si a tarefa de lavar os pés dos discípulos, não fosse a particularidade de ser Ele um Mestre e sempre aproveitar qualquer oportunidade para disponibilizar um aprendizado.

Mais do que curar, expor ensinamentos a seus discípulos e à multidão, viera exemplificar as lições que se propusera a oferecer a todos nós, em todas as épocas. Esta referência a ter ele, o Cristo, como proposta, o ensinar-nos, mesmo antes de sua passagem no Planeta como um homem na personalidade Jesus – vide Questão 626, no Livro dos Espíritos.

Ainda podemos fazer referência a uma passagem do livro Jesus e o Evangelho à luz da Psicologia profunda, de Joanna de Ângelis, Cap. A Busca:

“O Homem Jesus sabia-o, em razão de haver atingido anteriormente o mais Elevado nível de evolução, que o destacava das demais criaturas terrestres, apresentando-se como o modelo e o guia a ser

seguido. Criado por Deus, e havendo alcançado o excelente estágio de progresso e de iluminação em que se encontrava, aspirava para todos os indivíduos a mesma posição, tendo, por sua vez, o Pai como exemplo e foco a ser conquistado.

Sendo o progresso infinito, não se contentou no que havia adquirido, detendo-se em profícuo e absurdo repouso, por entender que entre ele o criador medeia um verdadeiro abismo de evolução, tanto quanto um outro vão desafiador existe entre o seres terrestres e a situação que ele desfrutava na escala de valores morais e espirituais.

Assim sendo, propôs que ninguém se satisfaça com o já conseguido, antes cresça, busque, entregando-se ao esforço incessante da libertação dos atavismos iniciais, e ascenda no rumo da grande luz tendo-o por condutor Seguro.

Antes, porém, de ser empreendida por alguém essa busca, torna-se necessário que saiba o que deseja e para qual finalidade o almeja.” (...)

Desse modo, a lição proporcionada por Jesus em grande desafio à criatura humana permanece como diretriz que não pode ser retirada do comportamento espiritual do ser: Buscai e achareis (Mt 7:7)”

Voltando ao tema deste Estudo

Encontramos em o livro O Consolador:

Pergunta:

315 *Por que razão Jesus, ao lavar os pés dos discípulos, cingiu-se com uma toalha?*

Resposta:

-- *O Cristo, que não desdenhou a energia fraternal na eliminação dos erros da criatura humana, afirmando-se como o Filho de Deus nos divinos fundamentos da Verdade, quis proceder desse modo para revelar-se o escravo pelo amor à Humanidade, à qual vinha trazer a luz da vida, na abnegação e no sacrifício supremos.*

Emmanuel, em um outro texto de sua lavra, no livro Encontro de Paz, capítulo 19 Pés e Paz, traz-nos algumas reflexões complementares a respeito do tema lava pés.

Saliente que o Mestre não trabalha ali naquele encontro com a intenção da:

“ablução) da cabeça que pensa, vê e ouve, traduzindo o sentimento com os dons divinos da reflexão e com as faculdades superiores da palavra, nem lhe alimpa as mãos que trazem consigo a excelência dos recursos táteis para a glorificação do trabalho e a muda linguagem dos gestos, que exprimem afetividade e consolação.

Lava-lhes simplesmente os pés, base de sustentação do corpo e implementos da criatura física que entram em contato com a lama e o pó da terra, padecendo espinheiros e charcos, E purifica-lhes sementes apêndices, necessários à vida humana, sem reproche e sem queixa.”

Importante aqui lembrar o que está em João 13:10: *“10 Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos.”*

Jo 15:3-4

3 Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado.

4 Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.

Encontramos interpretações a esta passagem e trazemos aqui duas:

- servirmos com humildade a nossos companheiros de jornada:
- o lavar os pés de alguém pode representar o levar a mensagem do Mestre a esse companheiro. Os ensinamentos de Jesus vêm a representar a água que proporciona o alívio pela libertação da “poeira” da estrada, da jornada em que nos encontramos.

O sermos lavados de nossas *impurezas*, pela conscientização da necessidade da nossa transformação moral, ética, espiritual.

É o renovar-se... o nascer de novo a que Jesus nos conclama.

O lavar os pés de nossos companheiros de jornada é cumprirmos nosso compromisso de divulgar o Evangelho, não só por palavras, como também pelo exemplo, sendo pessoas íntegras e fraternas. Verdadeiros servos do Evangelho do Mestre.

*Momento de transição e
mudanças*

É impressionante como somos focados no que nos ocorre no agora, no status quo em que nos encontramos.

Se algo ocorre e exige mudanças, surge ansiedade, insegurança, angústia, sentimo-nos fragilizados.

Vemos as dificuldades como obstáculos, impedimentos para seguir em frente.

Se pudéssemos, gostaríamos de fugir, encontrar lugares onde possamos nos sentir seguros, em situação de conforto, sem precisarmos enfrentar o que identificamos como impedimentos para seguir em frente.

O caminho que interpretamos como sendo o mais cômodo, mais fácil.

Será que seria mais confortável abstrairmo-nos da realidade que se mostra evidente?

Pensem primeiro como alguém que visualiza os acontecimentos com olhar de quem vê o mundo e os seres que nele habitam sem repercussões espirituais. Tão somente o dia após dia, a evolução da matéria e suas implicações materiais.

Estamos vivenciando um acontecimento impactante nesses dias - a doença, a velocidade do processo de contágio, a necessidade do recolhimento a ambientes restritos, o impedimento, ou a restrição do contato físico, fechamento de fronteiras, a busca por alternativas para que se possa cumprir da forma mais segura essas exigências de segurança.

Pessoas passando necessidades - vários servidores autônomos sem alternativas de renda que lhes viabilize viver, empregados sem vínculos trabalhistas e por isso sem salários garantidos.

Por outro lado, relações familiares complicadas sendo provocadas para serem revistas. Consciências adormecidas sendo despertadas. Algumas são fortalecidas pelo amor.

A fraternidade surgindo em singelos gestos de bondade e simpatia.

Será que não estaria aí alguma motivação para refazimento de princípios, valores éticos e morais?

Olhando de uma forma mais ampla e espiritualizada... reavaliação da própria vida, como valor maior, que não restrita a alguns anos de experiência terrena.

Ver a existência como experiência global.

Não uma vivência de valores e conceitos restritos a grupos, ou “tribos”, que se fecham e não admitem olhar diferente. Divergentes. Literalmente se apresentando opositoristas.

Visualizando ainda os acontecimentos de forma espiritualizada...

Falamos que a Terra, nossa Gaia, está sempre passando por processos de transformação. Podemos verificar isso acompanhando os acontecimentos ao longo dos milênios.

Vários deles denominados de catástrofes. Não se identificava, à época de cada um deles, soluções para amenizar as dores e as dificuldades experienciadas.

No entanto, com o passar do tempo, alternativas iam surgindo, novas descobertas, provocadas pelas necessidades de cada momento. E, então, a humanidade tomava novo rumo, alavancada pelo desenvolvimento da ciência, em suas mais variadas especialidades - medicina, física, química, tecnologia, humanas, sociais, até mesmo a arte.

Muitos de nós, da humanidade terrena, percebemos a vida pelo estrito espaço de tempo em que vivemos no corpo material. É o que a grande maioria consegue abranger com o olhar de quem não desenvolveu a capacidade de visualizar além do seu pequeno mundo individual, ou, no máximo, do ainda pequeno mundo que abrange aqueles que fazem parte do seu grupo, ou “tribo”.

“Somos seres em evolução. Fizemos parte de grupos sem individualização de consciência. Evoluímos, adquirindo informações que nos permitiram participar de novas espécies, até conquistarmos nossa individualidade espiritual. Passamos a ter consciência de nossa existência, temos a oportunidade de levantar questões sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca. Temos acesso a conhecimentos importantes e podemos trabalhar as informações e tirar nossas próprias conclusões.

Temos nosso próprio acervo, adquirido através de várias existências e experiências.

Nenhum de nós, certamente, está vivendo como Ser Humano pela primeira vez. Cada um já conquistou sua base intelectual, emocional e espiritual e tem sua própria Sabedoria Interior.

A cada existência no mundo físico e nos planos mais sutis, cumprimos etapas no processo da evolução, tanto cultural, tecnológica, quanto espiritual. Somos um somatório de conhecimentos e emoções.

A morte, como o nascimento, é impulso no processo da evolução.

Quando nascemos, trazemos os conhecimentos adquiridos em outras existências, como também aqueles do período em planos sutis. Devemos utilizá-los na nova existência em corpo carnal, sempre objetivando o melhoramento interior.” (1)

“É importante não reter para si seu acervo pois, para evoluir, faz-se necessário compartilhar. Voltamos a afirmar, não somos sós no Universo, nós somos o Universo.

Tudo o que fizermos refletirá no todo, sempre, mesmo que de forma imperceptível a curto prazo.

É importante registrar que não se fala de mero relacionamento Homem/Homem, falamos de relacionamento Homem/todos os seres, indistintamente. Somos responsáveis pela evolução do todo, além da nossa própria.

A evolução espiritual caminha de “braços dados” com o crescimento intelectual.

Temos o compromisso muito sério de evoluir e fazer evoluir o Universo em que vivemos.” (1)

Alguns aspectos que podemos trazer:

-- qualquer processo evolutivo se dá de forma lenta e contínua;

-- a evolução, de um nível para outro, se processa com o ir e vir entre os vários planos de seres, onde quer que vivam; no aprender e no exercitar o aprendizado; no exercício do livre arbítrio e da paciência, do perdão e do amor;

-- as fases se interpõem e se confundem, pois o processo se dá na convivência de seres em vários níveis evolutivos e todos eles aprendem, uns com os outros, o que é viver, conviver, aprender, evoluir;

-- todo esse processo ocorre ao longo de milênios, pois o Ser Humano ainda está longe de conseguir aprender com a experiência do outro. Precisa, essencialmente, experimentar a própria dor, inquietação e de reconhecer a necessidade da mudança pessoal. Precisa querer, de forma verdadeira e consciente, a mudança interior, a reforma íntima e, conseqüentemente, a própria evolução. Esse exercício exige um longo tempo, pois ainda estamos lentos em reconhecer o próprio erro e em buscar a verdadeira mudança espiritual.” (1)

“Assim, com a evolução intelectual e espiritual do Homem, foi possível que se implementassem várias ações no sentido de proporcionar melhores condições de vida e de sobrevivência às intempéries que se apresentavam sob a forma de acomodamentos geológicos, ajustamentos emocionais e espirituais, como também pela busca de melhores condições de convivência.

Diante das condições precárias e impiedosas em que viviam os seres nas cavernas, aprenderam eles a buscar novos modos de moradia para protegerem-se dos animais, das chuvas, do frio ou do calor excessivo; preservarem seus alimentos; ampliarem suas possibilidades de sobrevivência.

Em se tomando consciência das doenças, busca o Homem, na própria Natureza de que faz parte – rica em propriedades medicinais —, possíveis soluções para melhorar suas condições de saúde. Importante repetir, sob a orientação de nossos mentores espirituais a compartilharem, amorosamente, conhecimentos e técnicas já existentes em outros planos mais elevados, restringindo-se àquelas mais adequadas às condições intelectuais e espirituais dos que viessem a ser intuídos a respeito.

Condições insalubres na atmosfera terrestre e no solo, proporcionadas por cataclismos e pela ação do próprio Homem, foram e têm sido sanadas ocasionalmente por aplicações do conhecimento adquirido nas experiências com as propriedades oferecidas pela própria Natureza.

Buscamos a implementação de saneamento básico nas cidades. Aqui e ali percebemos a luta pela despoluição dos rios.

Vivenciamos dificuldades com o intercâmbio do conhecimento e no compartilhar produtos e saber. No entanto, com o surgimento da tecnologia da comunicação, venceu-se esse obstáculo e hoje podemos ter acesso ao que ocorre em praticamente qualquer lugar do

Planeta quase instantaneamente, seja pelo rádio, pelos meios de comunicação televisivos, impressos e, sobremaneira, pela rede internacional de comunicação.

A internet, bem como o próprio telefone, minorou a angústia em que vivíamos quando, distanciados fisicamente de entes queridos, mantínhamo-nos ansiosos e inquietos por notícias.

Antes o Homem se sentia sobrecarregado fisicamente no exercício do labor diário em busca do alimento, na construção de moradias feitas com pedras e outros materiais de difícil obtenção. Hoje podemos contar com produtos industrializados, produzidos em série e disponíveis, de certa forma, em quantidade suficiente.

As viagens que antes se realizavam por meses, podemos hoje realizar em dias, ou até mesmo horas, em razão de veículos mais seguros e ágeis a disposição. Esses deslocamentos ocorriam com grande dificuldade, enfrentamento de perigos inesperados. Hoje contamos com aparelhagem de detecção que minoram os obstáculos a serem enfrentados, ou pelos menos mantém-nos de sobreaviso para nos desviarmos ou nos defendermos deles.

Na medicina conquistamos a bênção dos recursos de bloqueio da dor, como também do acesso a medicamentos, proporcionando oportunidades menos dolorosas de tratamento e de busca pela saúde.

Observamos hoje movimentos de proteção e preservação do meio ambiente; produção e utilização de alimentos saudáveis; busca de uma vida mais conectada à Natureza.

Há uma mobilização no sentido de conscientizar as populações que vivem perto de nascentes de rios. São os “Protetores das águas”. Tem-se percebido um número razoável de adeptos a essa iniciativa, com apoio das prefeituras e fazendeiros que perceberam a relevância desse projeto.

Importante reavivar aqui o quanto devemos ser gratos pelo auxílio dos missionários do Plano Maior que diuturnamente mantêm-se disponíveis nesse trabalho de amor e compartilhamento do conhecimento e de seu próprio amor.

Ao longo das épocas podemos observar o quanto temos conseguido alcançar melhorias no nosso bem-estar: físico, emocional, de convivência, de sobrevivência.

No entanto, há um aspecto que nos deixa ainda à mercê do quanto não conseguimos avançar na nossa jornada evolutiva espiritual.

As guerras ainda assolam nosso Planeta. Homens, que com seu orgulho, vaidade, ambição, são sequeiros de conquistas nas mais diversas áreas: poder, dinheiro, bens materiais, territórios. Buscam o poder sobre seus próprios semelhantes. Não respeitam as necessidades daqueles com quem vivem, pelo contrário, lutam pela supremacia e imposição de seus valores.

Esses indivíduos procuram sombrear as oportunidades de elevação intelectual e espiritual de seus semelhantes, tendo por finalidade a manutenção de sua condição de dominante, por assim ser mais fácil o controle sobre aqueles que os cercam. Por certo, auxiliados por irmãos de outros planos que pretendem, por sua vez, exercer o controle e o poder, fato de que os indivíduos que se acham dominadores nem se dão conta, imaginando-se no exercício pleno da autoridade.

Não devemos nos esquecer nunca de que, apesar de todo esse modelo nefasto de ambição e de orgulho, temos ao nosso dispor a misericórdia e o amor dos amigos de planos mais elevados. Eles proporcionam a nós oportunidades maravilhosas de aprendizado, entendimento, auxílio e elevação moral e espiritual.

Aqueles que se mostram disponibilizados a acolherem essas benesses estão sempre em condições de resistirem aos bombardeios do orgulho, da vaidade e da ambição. Podem prosseguir no seu caminhar seguro e inefável.

Para estarmos disponíveis para essa oportunidade maravilhosa de mantermo-nos refratários a esses bombardeios só há um caminho eficaz – o conhecimento, internalização e prática dos ensinamentos do Mestre em nossas vidas. Esses preceitos fundamentam-se na prática da humildade, da caridade, do auxílio fraterno aos semelhantes; a simplicidade e o exercício da verdade; o perdão e o auto perdão; testemunho pessoal; abnegação e renúncia; perseverança e determinação.

Faz-se necessária a mudança de vibração e de conceitos de vida e essa só se realiza a partir do nosso íntimo. Não serão promoções externas que proporcionarão condições de nos modificarmos, só a internalização dos ensinamentos e a exteriorização das mudanças

promovidas demonstrarão a verdadeira reformulação de nossos valores e da transformação substancial que ocorreu em nós.

O Evangelho do Cristo é o verdadeiro caminho da redenção. Diz-nos Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.” (Jo 14:6)

Ele é o caminho, o porto seguro.

A paz que tanto almejamos só será alcançada quando o Evangelho estiver impresso verdadeiramente no Coração do Homem.” (2)

Sugestão de leitura nesta obra: Cap. Esforço para tomar o Reino de Deus.

Sofrimento e evolução

É frequente ouvirmos que quanto mais sofremos mais evoluímos espiritualmente. No entanto, acredito que poucos compreendem o que realmente significa essa afirmativa. Há pessoas que acreditam que precisam sentir esse sofrimento de forma visceral, intensa e só assim irá conquistar o seu caminho de evolução.

Precisamos refletir sobre esse assunto, pois é muito importante que compreendamos o que realmente significa evoluir, a partir do sofrimento.

Em que circunstâncias o sofrimento é alavanca de evolução?

É quando através dele identificamos que precisamos aprender a lidar com o sentimento que nos toma e qual é a sua causa.

A partir desse momento nós promovemos uma mudança em nós. Uma mudança para melhor e crescemos, passamos a um outro patamar evolutivo e, assim, aumentamos o nosso arcabouço de referências. Ampliamos nossa capacidade de pensar sobre o que nos ocorre, porque novos valores e informações estarão registrados em nossa memória.

A partir desse instante, nossos horizontes se ampliam e o nosso olhar fica mais atento, mais perceptivo ao que nos ocorre, aumentando assim as nossas chances de acertar mais no dia a dia.

A cada experiência positiva no sentido de aprender com nossas dores e dificuldades, mais perto ficamos de reduzir os riscos de reagirmos de forma inadequada nos relacionamentos, na nossa vida.

O aprender com os nossos sentimentos e dificuldades deve ser a nossa meta, pois com o aprendizado é que realmente evoluímos.

E quando estiver difícil conviver com as dificuldades, qual será o remédio que poderá nos trazer alívio e conforto?

O Evangelho nos fala que o remédio para os nossos sofrimentos é a fé em Deus. E a atitude mais acertada quando estivermos em dificuldades é orar, com a sua voz cantar ao Senhor.

Confiar em Deus, ter fé, é saber que Ele só quer o melhor para nós. É sermos gratos por tudo que recebemos em nossas vidas.

A prece oferecida ao Pai, fortalecida pela fé em Seu amor e poder, envolve-nos com uma energia renovadora e reconfortante, que nos transforma. A prece tem o poder de nos fortalecer e dar-nos melhores condições de enfrentarmos as dificuldades. Abre a nossa percepção e mostra-nos novos horizontes, através dos quais encontramos a esperança de dias melhores, mudando nossa perspectiva perante a vida.

No Evangelho Segundo o Espiritismo podemos encontrar mais a respeito do sofrer e da fé. No item 19 do Livro Reflexões Evangélicas, Cap. A Morte e a relação Homem/Universo, Elda Evelina Vieira, Bookess Editora

(1) Livro Reflexões Evangélicas, Cap. Transformação e Evolução, Elda Evelina Vieira, Bookess Editora

(2) Livro Reflexões Evangélicas II, Cap. Evolução planetária, Elda Evelina Vieira, Bookess Editora



Vida e afeto

Vamos começar nossas reflexões por algumas definições que nos podem auxiliar a entender conceitos.

O que podemos chamar de **Vida**?

Uma das definições no dicionário contempla que o período da existência de um Ser, compreendido entre seu nascimento e sua morte.

Em uma palestra a que assisti recentemente, sobre o tema Cuidados Paliativos, este assunto foi carinhosamente abordado. Inclusive quanto ao que, muitas vezes, costumamos usar: Vida é o oposto de Morte, ou vice e versa. A palestrante afirma que é um engano definirmos assim.

O contrário de Morte é Nascimento. **Vida** é Vida, não tem contrário.

Bem, continuemos com nossas reflexões sobre a **Vida**.

Sob a ótica de inúmeras religiões, **Vida** é o intervalo de tempo em que existimos com um corpo físico – Alma e corpo.

Para muitas pessoas não acreditam na permanência do Espírito, ou Alma, a **Vida** termina com o desligamento dos sinais vitais do corpo material. Este entendimento remete a considerar que, com a morte, a **Vida** não mais existiria em nós.

Há alguns segmentos religiosos e filosóficos que creem na permanência da Alma, ou Espírito, pela eternidade, conceito ainda de difícil entendimento para muitos de nós. No entendimento reencarnacionista, a Alma, ou Espírito, tem novas oportunidades de retorno à matéria, em novo corpo. Oportunidades estas que têm como proposta a nossa evolução moral, espiritual. No caso do Espiritismo, este processo visa atingirmos a condição de Espíritos puros, alcançarmos proximidade com o Ser Crístico que esteve conosco na personalidade Jesus.

Bem... tomemos agora algumas reflexões sobre o **Afeto**. Afinal de contas, a intenção é tentarmos fazer a conexão entre estes dois conceitos – **Vida e Afeto**.

Começemos com a definição trazida em dicionário:

- “sentimento ou emoção em diferentes graus de complexidade. Por exemplo, amizade, amor, carinho.”

Emoções que normalmente nos acometem e remetem a algumas ações no dia a dia, que realizamos de forma rotineira e nem nos damos conta, por vezes, das dimensões que possam ter em nossas vidas e nas daqueles aos quais dirigimos nossas expressões de **afeto**.

Nesses tempos de pandemia, em que precisamos nos isolar e cuidarmos da autoproteção, bem como daqueles com quem partilhamos nossos espaços vivenciais, é difícil expressarmos nossos sentimentos fisicamente. No entanto, importante refletirmos sobre outras maneiras de compartilhar emoções.

Atividades com as quais expressamos sentimento, emoções. Carinho pelos que nos são caros, ou mesmo aqueles de encontros eventuais, pelo quais devemos também ter **afeto** por dividirem conosco a existência a que damos nome de **Vida**.

Muitos são os instrumentos disponíveis atualmente: celular, os recursos virtuais como as redes sociais, encontros por videoconferência, “Lives” e tantos outros.

Precisamos ter consciência da nossa responsabilidade no uso desses recursos – instrumentos importantes que podem nos aproximar e, ao mesmo tempo, isolar. Criar e manter amigos, como também criar **desafetos**. Usarmos de bom senso e equilíbrio.

Uma **Vida** saudável deveria ser nossa maior prioridade. Saudável, neste contexto, é **Viver** investindo na saúde do corpo e da Alma. Ser alguém que não só se preocupa consigo mesmo... É ser alguém com o entendimento de sermos parte da Humanidade, uma grande família de relações fortes de **afeto** e comprometimento para o bem-estar pessoal e social.

A percepção da **Vida** como precioso instrumento existencial da convivência... vivência com outros seres.

Esta convivência saudável se faz com a presença do **Afeto** no cotidiano, em suas mais variadas formas de expressão.

O **Setembro Amarelo** remete-nos a refletir sobre os nossos compromissos e comprometimentos.

Os motivos pelos quais foi instituído esse movimento, não só no Brasil, demonstra o grau de importância que devemos oferecer a nossas reflexões.

Estas – as reflexões – envolvem primordialmente os conceitos **Vida** e **Afeto**.

Manutenção da **Vida** com expressões de **Afeto**.

O **Afeto** como principal instrumento na manutenção da **Vida**.

Lembrando que **Afeto** não é só expressar palavras doces e carinhosas, oferecer abraços e beijos. Também requer atitudes como **Respeito**, **Comprometimento** nos relacionamentos, **Fidelidade** nos sentimentos, exercício da **Bondade** em sua ampla expressão.

A **Sensibilidade**, **Empatia** e a **Compaixão** devem se fazer presentes em momentos singulares e determinantes na manutenção da **Vida**.

Refletamos sobre nossas atitudes no convívio com nossos companheiros de jornada terrena e em o quanto temos sido sensíveis na percepção do outro e suas necessidades emocionais. Deste proceder pode depender a manutenção da **Vida** de alguém de partilha conosco este momento na eternidade.

Canto de amor pela vida (Elda Evelina)

Canto o meu canto
De amor pela ida,
Sigo por caminhos de voltas,
Sigo por caminhos de idas,
Observo variados sons,
Percebo ruídos de cores intensas,
Como também sou tocada por suaves matizes.
Há momento de dor,
Há momentos de risos.
Por vezes os risos são de dores,
Por vezes as dores são sorrisos.
Dou voltas pelos contornos da vida,
Quebro linhas do horizonte
E deixo-me cair na imensidão.
Chego a lugares inimagináveis
Para onde só o sonho pode me levar.
Sonho com cores e sons,
Sons de cores
E cores de silêncio.
Silêncio que repercute em minh'alma
E me faz cantar.

Cantar melodias de amor,
Por vezes de dor,
Por vezes de risos.
Continuo por caminhos de voltas,
Sigo por caminhos de idas.
Ouço cores,
Observo sons,
De intensos momentos,
Ou suaves matizes.
Vivo de amor, de dor e de sonhos.
A vida é o meu canto de amor.
Meu caminho é de amor pela vida.

Afetos – Expressões virtuais (Elda Evelina)

Sabe aquelas atividades do dia a dia... as que realizamos de forma rotineira e nem nos damos conta, por vezes, das dimensões que possam ter em nossas vidas e nas daqueles que estão nelas envolvidos?

Atividades que representam sentimento, emoções, expressam carinho por aqueles aos quais nos dirigimos com mensagens de afeto.

Falando sobre os momentos de isolamento que temos vivenciado atualmente, em razão da pandemia que assona o Planeta, veio-me à neste uma visão muito interessante a respeito deste tema.

Quase diariamente, tenho o costume de cumprimentar amigos com algumas fotos e textos, até mesmo vídeos, por vezes. É uma forma de carinho para demonstrar o meu afeto.

Nesse período, em que estamos atravessando experiências de afastamento uns dos outros – contatos exclusivamente virtuais – esses cartões, a que me referi, passam a ser não só a expressão de afeto usual, é mais do que isso. Passam a representar um abraço amigo, um cumprimento caloroso e especial. Como a suprir a falta de um contato pessoal.

Quem me conhece sabe o quanto gosto de abraçar as pessoas que me são caras.

Considero importante a troca de energias com um abraço fraterno. É uma forma de expressar confiança, afeto, respeito, consideração.

A fase, pela qual estamos passando, exige de nós adaptações. E estas têm acontecido. Precisamos buscar a preservação da vida, da sanidade do corpo.

Não é só da autopreservação, é também o respeito pelo outro, aquele com quem partilhamos este momento – uma pequena parcela de tempo contido na Eternidade da vida.

É importante que tenhamos essa consciência para, depois de tudo isso passar, verificarmos o quanto de aprendizado essa experiência nos proporcionou!

Somos todos responsáveis pela manutenção do bem-estar maior e da própria vida no Planeta.

Bem... voltando à expressão dos sentimentos.

Espero sempre encontrar uma forma inovadora e criativa para dizer, de uma forma especial, às pessoas que me são caras, o que representamos uns para os outros.

Se não temos, neste momento, condições de nos abraçarmos fisicamente... seja um abraço com trocas de energias salutares, enviadas através do fluido que nos envolve a todos... seja qual a referência que este tenha para cada um de nós.

A luz precisa entrar em nossas vidas

(psicografado por Elda Evelina)

Precisamos mudar o nosso olhar para o que devemos fazer no nosso dia a dia com relação à busca por proteção espiritual.

Pensamos que a proteção vem com a prática do pelo bloqueio do ambiente em que vivemos, seja no trabalho, seja no ambiente doméstico, seja em nossos próprios corpos. Como que visando não permitirmos a entrada de energias negativas, a intromissão das trevas em nossas vidas.

É um engano proceder assim.

As trevas não existem, o que existe é a ausência da luz.

O que devemos buscar não é o impedimento da intromissão das trevas e sim abriremo-nos à entrada da luz que irá iluminar os ambientes em que vivemos. Precisamos mudar nossos pensamentos, comportamentos, conceitos, valores.

Só com a autotransformação e a renovação de nosso íntimo transformaremos o ambiente à nossa volta.

É a partir de então que não precisaremos mais nos preocupar com as trevas, pois a luz iluminará todos os ambientes onde estivermos, a começar pelo nosso próprio ambiente interno – nós, espíritos renovados e transformados em ambientes de luz.

A paz esteja com todos nós, agora e sempre.

Graças a Deus. Um Espírito chamado simplesmente Maria

Cores e vida (Elda Evelina)

Sentindo a vida mansamente,
Lentamente deixando-me levar,
Pelo sonho,
Pelo olhar,
Sentir suavemente,
Emocionar-me intensamente.
Pois o viver deve ser suave,
Colorido e vibrante.
Sem rotina... Pulsante.
Deixando marcas
Das emoções,
Dos amores,
Dos sonhos,
Das realizações.
Marcas, mas não cicatrizes.
Lembranças, mas não sofrimentos.
Saudades
Dos bons momentos,
Mesmo daqueles que nem tanto.
Todos têm seu sentido
E sua missão.
Fazer-nos aprender,
Impulsionar nosso evoluir.
Cabe a nós perceber
Cada momento... e seguir.

Ciclo da Vida – vídeo

Cores e Vida – vídeo

Afetos e expressões virtuais - vídeo



Que buscais?

“E Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam,
disse-lhes: Que Buscais?” (Jo 1:38)

Neste texto Emmanuel traz reflexões sobre o caminhar de seguidores de Jesus. Interessantes e importantes abordagens a respeito de atitudes que observamos inclusive em frequentadores de Templos.

É muito comum observarmos devotos, como o próprio Emmanuel expressa em seu texto, que se apresentam nos círculos religiosos na condição de buscadores de interesses pessoais.

Importante refletirmos sobre como interpretamos a nossa condição de seguidores de Jesus, o Cristo.

Emmanuel alerta que invariavelmente se observa a apresentação de promessas como troca por regalias almeçadas e expressas por muitos de nós. Estes entendem poderem ser agraciados por benefícios, privilégios e preferências na visão de que o Deus por eles venerados estaria disponível para atender interesses pessoais egoísticos.

Precisamos buscar o verdadeiro sentido da nossa existência, seja em corpo físico seja nosso estágio no Plano Espiritual.

As experiências, em vários estágios da Vida do Espírito, exigem que estejamos conscientes do papel que exercermos no decorrer de nossos caminhos. A meta de que precisamos e a que deveríamos almejar é nossa evolução espiritual. A formação do corpo físico acompanha esse processo no ir e vir entre Planos de nossa existência.

Sim existência, no singular, pois a existência é uma só. O Espírito é o mesmo em suas várias etapas de vivências, experiências que oferecem oportunidades de aprendizado e evolução moral. Esta sim é a principal meta a que devemos estar constrangidos a alcançar.

A evolução espiritual e moral, uma em decorrência da outra, deverá ser nossa meta a todo tempo – aquisição de conhecimentos e valores que proporcionem a evolução do intelecto e não só, principalmente o construir a “iluminação definitiva da Alma para Deus”, expressão utilizada por Emmanuel no texto em o livro Caminho, Verdade e Vida, Cap. 22.

Importante buscarmos no Capítulo XI – Gênese Espiritual, do livro A Gênese. Encontramos ali uma abordagem importante do processo

evolutivo a que estamos sujeitos – conexão intrínseca da evolução do corpo em decorrência da evolução do Espírito:

10. (...) O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, (...)

13. Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para suas atividades, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida se tornar inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.”

Há de convir, então, observando esse processo, mais ainda, vivenciando-o, temos a impressão de transitarmos por sofrimentos, dado o nosso apego ao corpo e à vida. Isso se deve em razão de ainda não internalizarmos o princípio inerente ao progresso espiritual.

Como vimos no texto de A Gênese, a evolução do Espírito exige a reformulação do corpo físico. Quanto mais aquele se desenvolve na escala evolutiva, mais o outro precisa ser reorganizado em suas propriedades para acompanhar e proporcionar condições de trabalho e cumprimento das tarefas de que aquele está incumbido.

A nossa efetiva busca pela elevação moral oportuniza a evolução espiritual – objetivo primeiro do nosso caminhar como Espíritos que somos. Não há trocas com o Plano Espiritual, só mesmo a aquisição efetiva em decorrência de princípios espirituais elevados adquiridos no caminhar à luz dos ensinamentos do Mestre Jesus, o Cristo.

Tendo sempre em nossas mentes esses princípios, interessante estar diuturnamente presente em nós a pergunta que nos faz o Mestre – Que buscais?

Sugestão de leitura: “Transformação e evolução” –
Transformação e evolução | Elda Evelina



Em honra da liberdade

"Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo o Cristo." – Paulo. (Cl 2:8.)

Importante nos cuidarmos na travessia pelos caminhos em nossa jornada terrena.

Muitas vezes somos convidados a experiências que nos parecem terem fundamentos e princípios a que devemos prestar honras e acolher como caminhos a serem seguidos.

Muitas são as palavras a nos serem oferecidas e muitas são as luzes a se fazerem brilhar aos nossos olhos.

Ficamos muitas vezes inseguros, por não nos cuidarmos quanto a escolhas que fazemos, ainda que conheçamos os ensinamentos do Mestre sem, no entanto, prestarmos atenção a seus fundamentos, ficando à superfície do que os Evangelhos nos apresentam como referências para o nosso caminhar.

Nossa viagem espiritual não se restringe à vivência em corpo material, alternam por períodos no corpo e no plano sutil. Sempre oferecendo-nos oportunidades importantes para nosso processo e precisamos estar atentos a todas elas, enriquecendo nossas capacidades de observação, aprendizado, desenvolvimento intelectual e espiritual.

Durante esse trajeto por vários planos, por certo passaremos por experiências que nos oportunizam o observar, o aprender. Seremos sensibilizados a escolher caminhos com valores, momentos ora benéficos à nossa evolução, em outros momentos seremos abordados e direcionados à indisciplina ou, até mesmo, ao desistir do caminhar à luz dos ensinamentos do Mestre.

Diz-nos Emmanuel em o texto "Opiniões":

- "Indubitavelmente, muitas pessoas existem de parecer estimável, às quais podemos recorrer nos momentos oportunos, mas que ninguém despreze a opinião da própria consciência, porquanto a voz de Deus, comumente, nos esclarecerá nesse santuário divino."

Precisamos buscar nossos próprios entendimentos, tendo como referência os ensinamentos do Mestre. Estarmos atentos aos valores das palavras e dos fundamentos.

Muitas vezes seremos abordados por companheiros de jornada com princípios religiosos e filosóficos aparentemente sustentados em fundamentos do Evangelho ou de grandes estudiosos da ciência e da filosofia.

Importante que tenhamos embasamento suficiente para termos nossos próprios conceitos e entendimentos. Para tanto, precisamos estudar, pesquisar, desenvolver capacidade para entendimento e busca de conclusões sustentáveis diante da luz que o Mestre nos proporcionou com seus ensinamentos.

A razão de ser útil nosso próprio entendimento é não estarmos fragilizados intelectual e espiritualmente diante de 'falsos profetas', como nos alertou o Mestre.

Alerta-nos Emmanuel, no texto base deste Estudo:

- “Serás surpreendido a cada passo pelos sofistas da Religião, pelos falsários da Filosofia, pelos paranoicos da Ciência e pelos dilapidadores da História, empavesados nas engenhosas criações mentais em que encarceram a própria vida, buscando atrelar-te o pensamento ao carro da argumentação filaiuciosa a que se acolchetam, famintos de louvor e da vassalagem.”

Às vezes nos deixamos levar por entendimentos disponibilizados por companheiros de jornada, que não se dispuseram ao aprendizado elevado, e sustentado por ensinamentos cristãos, com interesses escusos de nos afastar dos princípios do amor, do respeito, da ética. Muitas vezes apresentando princípios científicos ou filosóficos de forma a distorcer a verdadeira essência do que a ciência e a filosofia intentam por nos oferecer para nosso entendimento profícuo e importante para o desenvolvimento intelectual, o que nos proporcionará condições de um entendimento profundo e valioso para o aprendizado e compreensão de valores intelectuais, necessários e muito importantes para melhor podermos interpretar qualquer estudo em sua essência e valor. Principalmente os ensinamentos do Mestre Jesus. Estes por vezes complexos e profundos. Exigindo de nós mais compreensão e entendimento para que venhamos a verdadeiramente alcançarmos a forma mais efetiva de seguirmos o caminho da compreensão sobre o bem, a ética, o amor, o respeito e abriremos nosso coração para o autoconhecimento, o perdão, o autoperdão.

Emmanuel ainda nos alerta para estarmos atentos ao que acolhemos ao nosso coração. Não nos deixarmos envolver de tal forma a nos tornarmos presas, levados a ideias desequilibradas.

Diz ainda Emmanuel: “Jesus deseja te faças livre para a conquista da própria liberdade.”

Devemos procurar nosso caminhar à Luz do Evangelho, dos princípios da liberdade de pensamento, discernimento quanto a alternativas disponibilizadas no caminhar intelectual e espiritual.

Ter em Jesus nossa referência, sempre. Sejamos nossos próprios construtores da liberdade de pensamento, de entendimento. Conquista da própria liberdade.

Não nos deixemos limitar a “capacidade de sentir e pensar, empreender e construir”.

Jesus, o Cristo, capacitou-nos a desenvolver o amor e a sabedoria, a emoção e o entendimento, a iniciativa e o trabalho. Somos Seres emancipados para a busca e desenvolvimento tanto como Ser espiritual, também, como Ser Humano.

O processo evolutivo, físico, intelectual e espiritual é fator importante para alcançarmos condição do Ser almejado quando criados.

Enfatiza Emmanuel ao finalizar suas reflexões, “*convertendo-nos em filhos emancipados da Criação, para que tenhamos não apenas vida, mas Vida Santificada e Abundante.*”

Reflexão final em vídeo

Breves Reflexões – Mensagem 90

https://youtu.be/z_FZqxuy7qc

Outras obras da autora

- Renascendo do Amor
- Prece
- Prece II
- Um Novo Caminhar
- Imagens e Mensagens
- Anjos do Coração e da Felicidade
- Viagens
- Alegria do Natal e outras histórias – coautoria com Andressa Vieira Palmeira
- Mensagens – Livros I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX
- Palavras para o coração
- Reflexões Evangélicas
- Reflexões Evangélicas II
- Evangelho é Amor – Reflexões Evangélicas
- Evangelho é Amor II – Reflexões Evangélicas
- Aprender com o Mestre – Sobre o Amor
- Aprender com o Mestre – Sobre o Amor II
- ARTE em cores, formas e letras
- Reflexões da Alma
- Reflexões da Alma II
- Reflexões da Alma III
- Breves Reflexões
- Textos em contextos
- Viagens

VÍDEOS COM MENSAGENS E REFLEXÕES

www.youtube.com/eldaevelina

CONTATO

www.eldaevelina.com
www.eldaevelina.com/obras
elda@eldaevelina.com
eldaevelina@gmail.com